Trajetórias e aprendizados

DO CURSO DE EDUCAÇÃO POPULAR E

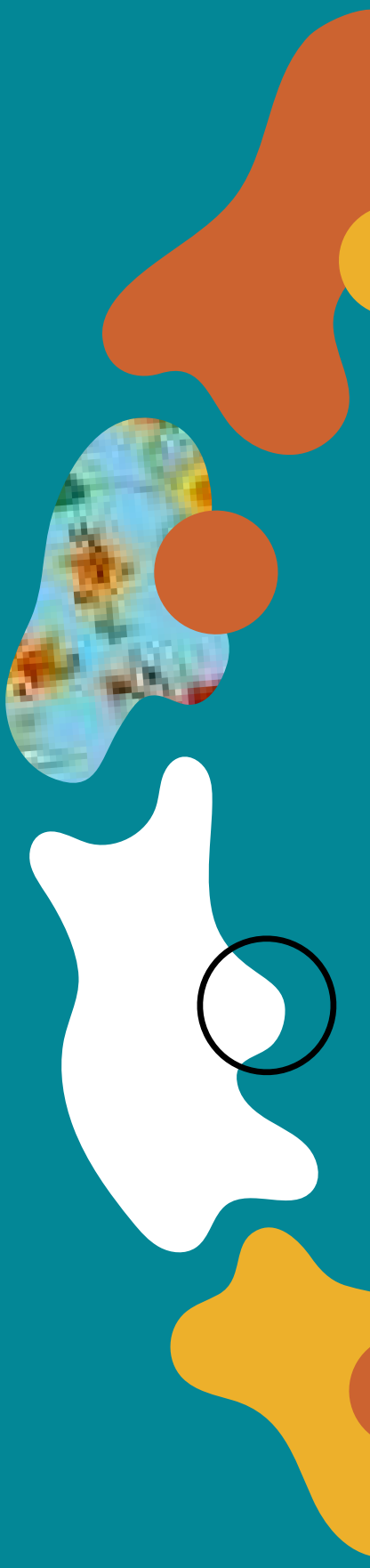
Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido

Ana Cláudia de Araújo Teixeira
Vanderléia Laodete Pulga
gigi castro

editora
redeunida

Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Ceará

FIOCRUZ



Trajetórias e Aprendizados

DO CURSO DE
EDUCAÇÃO POPULAR E

Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido

EUSÉBIO, 2022
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ CEARÁ

COORDENADOR NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO REDE UNIDA

Alcindo Antônio Ferla

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Editor-Chefe: Alcindo Antônio Ferla

EDITORES ASSOCIADOS

Ricardo Burg Ceccim
Márcia Fernanda Mello Mendes
Júlio César Schweickardt
Sônia Lemos
Fabiana Mânica Martins
Denise Bueno
Maria das Graças
Frederico Viana Machado
Márcio Mariath Belloc
Karol Veiga Cabral
Daniela Dallegrave

CONSELHO EDITORIAL

Adriane Pires Batiston (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil).
Alcindo Antônio Ferla (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil).
Àngel Martínez-Hernáez (Universitat Rovira i Virgili, Espanha).
Angelo Stefanini (Università di Bologna, Itália).
Ardigó Martino (Università di Bologna, Itália).
Berta Paz Lorido (Universitat de les Illes Balears, Espanha).
Celia Beatriz Iriart (University of New Mexico, Estados Unidos da América).
Denise Bueno (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil).
Emerson Elias Merhy (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil).
Êrica Rosalba Mallmann Duarte (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil).
Francisca Valda Silva de Oliveira (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil).
Hêider Aurélio Pinto (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil).
Izabella Barison Matos (Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil).
João Henrique Lara do Amaral (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil).
Júlio Cesar Schweickardt (Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil).
Laura Camargo Macruz Feuerwerker (Universidade de São Paulo, Brasil).
Leonardo Federico (Universidad Nacional de Lanús, Argentina).
Lisiane Bôer Possa (Universidade Federal de Santa Maria, Brasil).
Liliana Santos (Universidade Federal da Bahia, Brasil).
Luciano Bezerra Gomes (Universidade Federal da Paraíba, Brasil).
Mara Lisiane dos Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil).
Márcia Regina Cardoso Torres (Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil).
Marco Akerman (Universidade de São Paulo, Brasil).
Maria Augusta Nicoli (Agenzia Sanitaria e Sociale Regionale dell'Emilia-Romagna, Itália).
Maria das Graças Alves Pereira (Instituto Federal do Acre, Brasil).
Maria Luiza Jaeger (Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil).
Maria Rocineide Ferreira da Silva (Universidade Estadual do Ceará, Brasil).
Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira (Universidade Federal do Pará, Brasil).

Quelen Tanize Alves da Silva (Grupo Hospitalar Conceição, Brasil)
Ricardo Burg Ceccim (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil).
Rodrigo Tobias de Sousa Lima (Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil).
Rossana Staevie Baduy (Universidade Estadual de Londrina, Brasil).
Sara Donetto (King's College London, Inglaterra).
Sueli Terezinha Goi Barrios (Associação Rede Unida, Brasil).
Túlio Batista Franco (Universidade Federal Fluminense, Brasil).
Vanderléia Laodete Pulga (Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil).
Vera Lucia Kodjaoglanian (Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde/LAIS/UFRN, Brasil).
Vera Maria da Rocha (Associação Rede Unida, Brasil).
Vincenza Pellegrini (Università di Parma, Itália).

COMISSÃO EXECUTIVA EDITORIAL

Alana Santos de Souza
Jaqueline Miotto Guarnieri
Márcia Regina Cardoso Torres
Renata Riffel Bitencourt

SÉRIE EDUCAÇÃO POPULAR & SAÚDE

Vanderléia Laodete Pulga
Maria Rocineide Ferreira da Silva
Vera Lúcia de Azevedo Dantas
José Ivo dos Santos Pedrosa

Copyrigth© 2022 by Associação da Rede UNIDA
É permitido copiar e distribuir para uso não comercial, sempre citando a fonte.

ORGANIZAÇÃO
Ana Cláudia de Araújo Teixeira
Vanderléia Laodete Pulga
gigi castro

EQUIPE DE SISTEMATIZAÇÃO E REVISÃO
Ana Cláudia de Araújo Teixeira
gigi castro
Vanderléia Laodete Pulga
Vera Lúcia de Azevedo Dantas

ANIMAÇÃO DO PROCESSO DE SISTEMATIZAÇÃO
Vanderléia Laodete Pulga

ARTE, DIAGRAMAÇÃO E EDIÇÃO
Mandalla Comunicação & Design

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE
Sâmila Braga

EDITORAÇÃO
Gustavo Lima

ILUSTRAÇÃO
Thalia Silva

FIOCRUZ CEARÁ
Rua São José, s/n
61.773-270 – Precabura
Eusébio, CE
Telefone geral: (85) 3215-6450
https://ceara.fiocruz.br/portal/

T266t **Teixeira**, Ana Cláudia de Araújo (org.) et al.

Trajetórias e aprendizados do curso de educação popular e promoção de territórios saudáveis na convivência com o semiárido / Organizadoras: Ana Cláudia de Araújo Teixeira, Gigi Castro, Vanderléia Laodete Pulga e Vera Lúcia de Azevedo Dantas. – 1. ed. – Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida; Eusébio, CE: Fiocruz Ceará, 2022.
184 p. (Série Educação Popular & Saúde, v. 6)
E-book: PDF.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-5462-004-8
DOI 10.18310/9786554620048

1. Convivência. 2. Educação Continuada. 3. Educação em Saúde. 4. Política de Saúde. 5. Saúde Pública. 6. Semiárido Brasileiro. I. Título. II. Assunto. III. Organizadoras.

CDD 610.7
22-30180158 **CDU 614.25**

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Medicina: Estudo, pesquisa e tópicos relacionados.
2. Medicina: Tópicos de educação em geral.

MINISTÉRIO DA SAÚDE

Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa
Departamento de Apoio à Gestão Participativa

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

Presidente
Nísia Verônica Trindade Lima

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - FIOCRUZ CEARÁ

Coordenador
Antônio Carlile Holanda Lavor

Coordenação de Pesquisa
João Hermínio Martins da Silva

Coordenação de Educação, Informação e Comunicação
Carla Freire Celedônio Fernandes

Coordenação de Inovação, Produção e Empreendedorismo
Luiz Odorico Monteiro de Andrade

Coordenação de Gestão e Desenvolvimento Institucional
Renato Caldeira de Souza

ÁREAS TEMÁTICAS - REPRESENTANTES

Saúde da Família
Sharmênia de Araújo Soares Nuto
Vanira Matos Pessoa

Saúde e Ambiente
Ana Cláudia de Araújo Teixeira

Saúde Digital
Ivana Cristina de Holanda Cunha Barreto

Biotecnologia
Marcos Roberto Lourenzoni

Coordenação do Projeto
Área de Saúde e Ambiente – Fiocruz Ceará

INSTITUIÇÕES E ORGANIZAÇÕES PARCEIRAS INTEGRANTES DO PROJETO

Instituições de ensino superior e órgãos do setor saúde

- Universidade Estadual do Ceará – UECE
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFCE - Campus Fortaleza e Maracanaú)
- Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB
- Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza – Educação Permanente em Saúde: Estratégia de Educação Popular em Saúde Cirandas da Vida

Redes, fóruns, articulações, movimentos sociais e populares ligados à saúde e/ou à convivência com o semiárido

Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde – ANEPS

- Espaço EKOBÉ – Cuidado e Educação Popular em Saúde
- Comunidade Eclesial de Base Bom Jardim
- Associação Mulheres em Movimento do Conjunto Palmeiras
- Escola Comunitária de Biodança
- Movimento Escambo Livre de Rua
- Coletivo Brinquedo de Rua

Rede Saúde, Saneamento, Água e Direitos Humanos – RESSADH

- Fórum Cearense pela Vida no Semiárido
- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
- Cáritas Brasileira Regional Ceará
- Conselho Pastoral dos/as Pescadores/as
- Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador

Rede de Médicas e Médicos Populares

COORDENAÇÃO DO PROJETO

Ana Cláudia de Araújo Teixeira
Vera Lúcia de Azevedo Dantas

ANALISTA DE GESTÃO DO PROJETO

Rodrigo Carvalho Nogueira

APOIO ADMINISTRATIVO

Nayendra Silveira Rodrigues

PESQUISADORES POPULARES

Maria Ivanilde Fidelis Damasceno
Raimundo Félix Lima (Ray Lima)

RELATORIA DAS UNIDADES DE APRENDIZAGEM

e dos Encontros Regionais e Interestadual
gigi castro

COORDENAÇÃO POLÍTICO PEDAGÓGICA

Ana Cláudia de Araújo Teixeira
Camila Batista Silva
gigi castro
Leandro Araújo da Costa
Maria Ivanilde Fidelis Damasceno
Maria Neila Ferreira dos Santos
Raimundo Félix Lima (Ray Lima)
Vera Lúcia Alves Mariano
Vera Lúcia de Azevedo Dantas

EDUCADORES E EDUCADORAS

Adelaide Maria Gonçalves Pereira
Alessandro Antônio Lopes Nunes
Ana Cláudia de Araújo Teixeira
Ângela Maria Bessa Linhares
Anna Érika Ferreira Lima
Antônia Fagna Pinto de Sousa
Antônio Edvan Florêncio
Antônio Edilson de Oliveira (Edson Oliveira)
Antônio Jeovah de Andrade Meireles
Carlos Reni Araújo Dino
Edenilo Baltazar Barreira Filho
Daniela Vasconcelos de Azevedo
Fernando Ferreira Carneiro
Francisca Cristina do Nascimento
Francisco Nonato do Nascimento Filho
Giselda Maria de Castro Lima (gigi castro)
Isaac Fernandes Cunha Dantas Marques
Kaio Souza Lemos
Kílvia Maria Lima de Oliveira (Kílvia Tapeba)
Leandro Roberto Stigliano
Leandro Araújo da Costa
Lílian de Carvalho Araújo
Magnólia Azevedo Said
Maria Eliene Pereira do Vale
Marcelo Firpo de Souza Porto
Maria das Graças Viana Bezerra
Maria Fátima Maciel Araújo
Maria de Lourdes Vicente da Silva
Maria Neila Ferreira dos Santos
Maria Rocineide Ferreira da Silva
Mayara Pessoa Viana da Silva
Raimundo Félix de Lima (Ray Lima)
Renata Cristina Dantas da Silva
Renata Monte Carneiro
Soraya Vanini Tupinambá
Uirá Dantas da Rocha Lima
Vanderléia Laodete Pulga
Vanira Matos Pessoa
Vera Lúcia de Azevedo Dantas

EDUCANDAS E EDUCANDOS – ESPECIALIZAÇÃO

Alex Josberto Andrade Sampaio
Ana Vylena de Sousa
Antônia Fagna Pinto de Sousa
Antônia Iara Chagas Martins
Bárbara de Oliveira Lima Rodrigues
Carla Carline Castelo do Nascimento Bezerra
Flávia Cavalcante Tavares
Flaviano Galdino Paz
Flaviano Irineu Gomes
Francisca Klécia Bernardino da Silva
Francisco Carlos Falcão Junior
Francisco José da Silva Soares
Iane Braga de Oliveira
Iristhélia Carvalho Ferreira
Jair Soares de Sousa
Janete da Silva Santos
Joelma da Silva Araújo
Juliana da Guia dos Anjos
Lailson André Fernandes
Lia Wládia da Silva Sousa
Lindemberg da Silva Bezerra
Lorrainy da Cruz Solano
Luana Florentino Correia
Lucilene Lemos Cavalcante
Luís Eduardo Sobral Fernandes
Luiza Maria Lima Oliveira
Luiza Vera Matos Braga
Maiara Mota de Andrade
Mara Natália Fernandes Silva
Margarida Maria Torres Moreira
Maria Aparecida de Oliveira Nicolau
Maria Dalvanir e Silva Duarte
Maria Glória Carvalho
Mayara Pessoa Viana da Silva
Paula Érica Batista Oliveira
Priscila Rayane Batista de Melo
Raimunda Nonata Sousa da Rocha
Renata Cristina Dantas da Silva
Roberta Vládia Braga Costa
Rosineide Rosa da Silva Sousa
Sandra Nyedja de Lacerda Matos
Sara Almeida Ortins Dias
Sávia Augusta Oliveira Régis
Tiago Pereira da Silva

EDUCANDAS E EDUCANDOS – APERFEIÇOAMENTO

Antônia Igirleide Galvão
Igirlian Maria Galvão
Geomar Alves Lino
José Ademir do Amaral de Ligório
Maria Eliene Pereira do Vale
Maria Michele Alves Moura
Rosineide Alves da Silva
Rita de Cássia Araújo Santos

Organizadoras

ANA CLÁUDIA DE ARAÚJO TEIXEIRA
VANDERLÉIA LAODETE PULGA
gigi castro

Autores/as

ANA CLÁUDIA DE ARAÚJO TEIXEIRA
Pesquisadora em Saúde Pública – área de Saúde e Ambiente – da Fiocruz Ceará. Graduada em Farmácia (UFC), Especialista em Formação Docente na Área de Vigilância da Saúde (ENSP/Fiocruz), Mestra em Saúde Pública (UFC), Doutora em Educação Brasileira (UFC) e Pós-Doutorado em Saúde Pública (UFC). Integrante da Rede Saúde, Saneamento, Água e Direitos Humanos (RESSADH) e do Participatório em Saúde e Ecologia de Saberes (Fiocruz Ceará). Integrante da Coordenação Geral, junto com Vera Dantas, da Equipe de Sistematização de Experiências e da Coordenação Político-Pedagógica/CPP do *Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido.*

ÂNGELA MARIA BESSA LINHARES
Professora titular da Universidade Federal do Ceará (UFC). Docente do Programa de Pós-graduação em Saúde Pública (UFC) e do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira (UFC). Formada em Letras, mestra e doutora em Educação (UFC), é assessora pedagógica da Associação de Corais Infantis Um Canto em Cada Canto. Dramaturga, participa do Grupo Formosura de Teatro e do Vidança Cia. de Dança do Ceará. Membro da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde (ANEPS) e do Conselho Consultivo do Instituto Terramar.

FRANCISCO JOSÉ DA SILVA SOARES
Músico, Ator, Artesão, Escritor, Poeta, Malabarista Sonoro das melodias pulsantes dos tambores que repercutem a sua corporeidade aprendiz. Especialista em *Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com Semiárido* pela Fiocruz Ceará. Mestrando em Educação pela FACED-UFC, integrante do Núcleo de Africanidades Cearenses/NACE-UFC, do Grupo Esteiras de Histórias e do Grupo Terreiro de Saberes Brincantes.

GIGI CASTRO
Cantora, Compositora, Violonista, Arte-Educadora e Escritora. Graduada em Letras (UFC), Especialista em Metodologia do Ensino de Arte (UECE), Mestra e Doutoranda em Educação Brasileira pela Faculdade de Educação da UFC. Bolsista da Fiocruz Ceará (2018-2019) responsável pelo processo de registro do planejamento à realização dos Módulos, Encontros Regionais, Encontro Interestadual, revisão dos materiais produzidos e integrante da Equipe de Sistematização de Experiências e da Coordenação Político-Pedagógica/CPP do *Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido.*

JAIR SOARES DE SOUSA
Educador Popular, Cenopoeta e Percussionista. Mestrando em Linguística Aplicada (UECE/POSLA), Bacharel e Licenciado em Filosofia (UECE e UFPEL), Licenciado em Pedagogia (Faculdade IBRA). Especialista em *Gestão de Políticas* Sociais (FESL) e em Educação Popular e *Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido pela Fiocruz Ceará.*

LEANDRO ARAÚJO DA COSTA
Educador Popular Graduado em Medicina pela Escuela Latinoamericana de Medicina (ELAM)/Cuba; Especialista em Medicina de Família e Comunidade; Especialista em Promoção e Vigilância em Saúde, Ambiente e Trabalho; Mestre em Saúde da Família pela Fiocruz Ceará. Diretor de Medicina Rural da Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade. Secretário Geral da Associação Cearense de Medicina de Família e Comunidade. Membro da Coordenação da Residência em Medicina de Família e Comunidade em Fortaleza. Supervisor do Programa Mais Médicos pelo Brasil. Membro da Rede Nacional de Medicas e Médicos Populares e Setor de Saúde do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Integrante da Coordenação Político-Pedagógica/CPP do *Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido.*

MARIA GLÓRIA CARVALHO
Assessora de Projetos Sociais, Educadora Popular em Economia Solidária e Coordenadora da Cáritas Brasileira Regional Ceará. Graduada em Agronomia pela UFC, Mestre em Ciências da Administração – Administração Rural e Desenvolvimento pela UFLA e Especialista em *Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido* pela Fiocruz Ceará.

MARIA IVANILDE FIDELIS DAMASCENO RABELO
Educadora Popular, Professora de Ensino Médio em tempo integral. Graduada em Tecnologia em Saneamento Ambiental pelo IFCE/Campus Limoeiro do Norte, Mestra em Educação e Ensino pelo Mestrado Intercampi em Educação e Ensino - MAIE/UECE, Técnica em Agropecuária e graduanda em Licenciatura em Formação Pedagógica para Graduados não Licenciados pela IFRN - Campus Avançado/Natal - Zona Leste. Integrante da Coordenação Político-Pedagógica/CPP do *Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular* e *Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido.*

VANDERLÉIA LAODETE PULGA
Filósofa (UPF). Especialista em Docência na Saúde (UFRGS). Especialista em Preceptoria no SUS (Instituto Sírio Libanês de Ensino e Pesquisa). Mestra em Educação (UPF). Doutora em Educação (UFRGS). Professora de Saúde Coletiva no Curso de Graduação em Medicina da UFFS/PF. Docente, Tutora e vice-coordenadora da Residência Multiprofissional em Saúde da Universidade Federal da Fronteira Sul. Integrante do Grupo de Pesquisa Inovação em Saúde Coletiva: políticas, saberes e práticas de promoção da saúde da UFFS. Temas de estudo: Saúde Coletiva; Educação em/na Saúde; Residências em Saúde/Educação Popular em Saúde, Integração Ensino-Serviço-Comunidade, Sistematização de Experiências; Gestão Participativa em Saúde; Gênero e Saúde; Movimentos Sociais. Integrante do GT Educação Popular e Saúde da ABRASCO. Integrante da Coordenação Associação Brasileira da Rede Unida da Região Sul. Integrante da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde. Integrante/Organizadora do processo de trabalho da Equipe de Sistematização de Experiências do *Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido*.
E-mail: vanderleiapulga2@gmail.com

VERA LÚCIA ALVES MARIANO
Educadora Popular, Militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra/MST, Coordenação Setor de Saúde/MST. Graduada em Pedagogia (UFC), integrante da Coordenação Político-Pedagógica/CPP do *Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis* na Convivência com o Semiárido pela Fiocruz Ceará.

VERA LÚCIA DE AZEVEDO DANTAS
Médica, Mestra em Saúde Pública (Universidade Estadual do Ceará) e Doutora em Educação (Universidade Federal do Ceará). Educadora Popular, Membro do Grupo Temático (GT) de Educação Popular em Saúde da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), integrando seu Coletivo de Coordenação. Integrante da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde/ANEPS e da Internacional da Esperança. Integrante da Coordenação Geral, junto com Ana Cláudia de Araújo Teixeira, da Equipe de Sistematização de Experiências e da Coordenação Político-Pedagógica/CPP do *Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido.*

Sumário

PREFÁCIO 18

APRESENTAÇÃO 24

1. O PROCESSO PEDAGÓGICO DO CURSO: DIÁLOGOS ENTRE A EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE E A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO 26

1.1. A historicidade do processo e seus sujeitos 27

1.2. A construção compartilhada da proposta pedagógica em diálogo com a PNEPS/SUS 34

1.3. Utopia em ação: circularidade e complementariedade expressas em imagens-sínteses do Curso em sonhação 40

2. O *PER.*CURSO DE UM CURSO GESTADO A MUITAS, MUITAS CABEÇAS, CORAÇÕES E MÃOS 50

2.1. Sobre as Redes de Sustentação do Curso 54

2.2. As Unidades de Aprendizagem como base integradora das temáticas 56

2.3. A Gestão Compartilhada do Processo Pedagógico 68

3. DAS ÂNCORAS QUE SULEARAM NOSSO CAMINHAR: A EDUCAÇÃO POPULAR E SEUS DIÁLOGOS 72

3.1. Luzes para a produção de leituras críticas da realidade: do ritual à cartografia social 80

3.2. As tessituras artísticas nas práticas pedagógicas do Curso 87

3.3. Dos instrumentos e abordagens para uma caminhada participativa e problematizadora 90

4. ENCONTROS REGIONAIS E INTERESTADUAL: O QUE SE PÔDE COLHER NA ARTICULAÇÃO ENTRE O DESENHO CURRICULAR, A DIVERSIDADE DE TEMAS E O DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR 94

4.1. Encontro Regional do Cariri: a potência da cultura popular em sua diversidade intercultural 98
4.2. Encontro Regional do Rio Grande do Norte: a intersetorialidade tecendo redes na formação e no cuidado em Saúde no SUS 105
4.3. Encontro Regional de Sobral/Litoral Oeste: a potência da agroecologia como estratégia de promoção da saúde e do protagonismo de mulheres e jovens 112
4.4. Encontro Regional do Sertão Central: o diálogo com as Políticas Públicas locais de saúde e de educação para efetivação de direitos 126
4.5. Encontro Regional de Fortaleza/Região Metropolitana: a resistência de sujeites da periferia frente às situações de iniquidade e o desafio do envolvimento da gestão das políticas públicas 130
4.6. Encontro Regional do Vale do Jaguaribe/ Litoral Leste: a força e a resistência dos territórios do campo e das águas, seus sujeitos e singularidades 137
4.7. Encontro Interestadual de Educação Popular em Saúde: selando a união entre os campos da Educação Popular em Saúde e da Convivência com o Semiárido 149

5. A DIMENSÃO POLÍTICO-ORGANIZATIVA E DE LUTA SOCIAL DA EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE NOS TERRITORIOS 162
5.1. A Resistência Popular como marcador do contexto brasileiro 163
5.2. A Teia de Sujeitos/as/es construtores do Processo 169
5.3. Articulação, Cooperação e Incidência Política: um jeito de construir processos organizativos e formativos 172

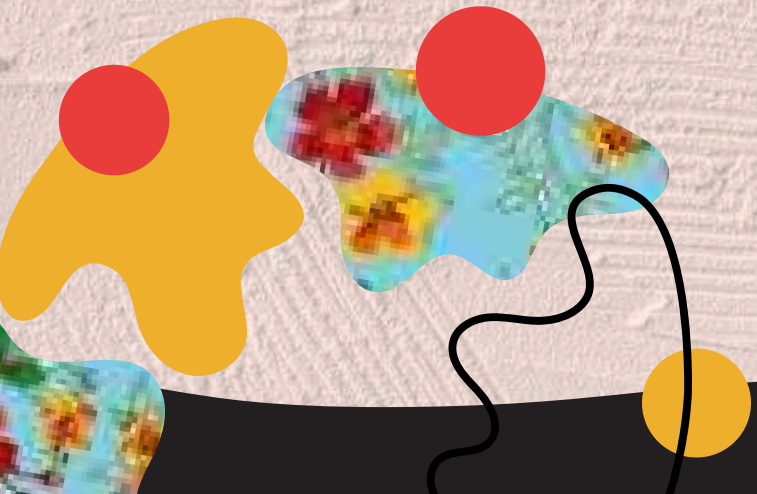
Prefácio

MARCELO FIRPO PORTO

Pesquisador da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca da Fiocruz, coordena o NEEPES, Núcleo Ecologia, Epistemologias e Promoção Emancipatória da Saúde. Formado em Engenharia de Produção e Psicologia, mestre e doutor em Engenharia de Produção (COPPE/UFRJ), com doutorado sandwich e pós-doutorado em Medicina Social na Universidade de Frankfurt, é membro do GT Saúde e Ambiente da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO) e investigador colaborador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

A singular experiência relatada neste caderno sobre a trajetória e os aprendizados do *curso de especialização e aperfeiçoamento em educação popular e promoção de territórios saudáveis na convivência com o semiárido* reflete a força criativa presente no nordeste brasileiro e no Ceará, em particular. Não tenho dúvidas que as experiências de metodologias participativas e de pesquisa-ação em desenvolvimento no Nordeste, e particularmente no Ceará nos últimos 30 anos no campo da chamada educação popular, são uma referência e fonte de inspiração de grande importância para o que temos chamado de *descolonizar e coracionar* a academia, ideias propostas pelas epistemologias do Sul, obra do sociólogo Boaventura de Sousa Santos e sua equipe no CES/Universidade de Coimbra. *Coracionar* a academia significa reduzir e flexibilizar a hegemonia do discurso logocêntrico da ciência em sua obsessiva busca por objetividade que acaba por desumanizar cientistas, isolando-os do mundo da vida, dos territórios, dos movimentos sociais e suas lutas.

Para *coracionar* precisamos reunir razão e coração, tarefa central para quem quer produzir conhecimentos que transformem o mundo moderno e seus paradigmas. E não há como transformar o mundo sem conhecer o outro e a si mesmo com a mesma delicadeza das crianças cantada por Gonzaguinha, filho de Luiz Gonzaga: *'Viver e não ter a vergonha de ser feliz / Cantar, e cantar, e cantar / A beleza de ser um eterno aprendiz'.* Mas cantar e poetizar, para ser sincero e verdadeiro, precisa da coragem do compositor cearense e latino-americano Belchior: *'Não me peça que eu lhe faça uma canção como se deve / Correta, branca, suave, muito limpa, muito leve / Sons, palavras, são navalhas / E eu não posso cantar como convém / Sem querer ferir ninguém'.*



O Ceará é fonte de grandes artistas, músicos, humoristas, e poetas, profundos e populares como Patativa do Assaré. Sua obra transitava entre o oral e o informal com repentes, poesias cantadas e escritas circulando em cordéis, recitadas nas ruas e feiras. Patativa escreveu pérolas, como quando comparou seu trabalho com o poeta nascido na cidade que teve estudo e constrói rima polida: *"Meu verso é como a simente / Que nasce inriba do chão / Não tenho estudo nem arte / A minha rima faz parte / Das obra da criação"*. Também foi um poeta antecessor e visionário das escolas pós-coloniais e das epistemologias do Sul ao dizer *"...Faz pena o nortista, tão forte e tão bravo, morrer como escravo no NORTE do SUL"*. Patativa fez da poesia uma forma encantada de pensar, e pensar rimando é como viver sonhando, transformando sonho em realidade permanentemente. Parafraseando Fernando Pessoa, o que em Patativa sente está pensando. E assim é com aqueles que nascem, por sorte, poetizando com repentes e cordéis, caminhando e cantando e dançando em busca das singelas e complexas verdades da vida ao lado do povo sofrido e explorado que sonha por liberdade. Essa forma de sentir-pensar irrigou as terras nordestinas e nos deu frutos maravilhosos por todos os lados, do sertão que vai até o mar e nele se transforma. Haverá utopia tão revolucionária como nascer, crescer e morrer numa terra onde abunda a poesia, ainda que a falta de chuva torne a terra árida e pacientemente os que nela habitam aguardem a chegada de novas nuvens?

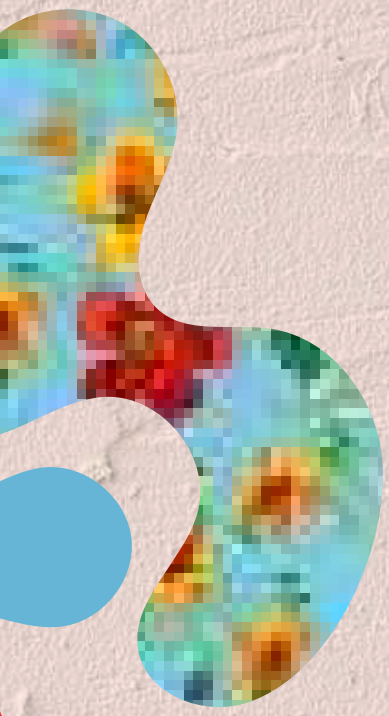
No Ceará floresceram e continuam presentes no campo da saúde coletiva inúmeras experiências em que academia, lutas sociais, arte, poesia e educação popular confluem organicamente. São exemplos o Núcleo Tramas, criado em 1996 por Raquel Rigotto no âmbito da Universidade Federal do Ceará, e mais recentemente na Fiocruz Ceará em torno das experiências envolvendo temáticas como os povos dos campos, florestas e águas; vigilância popular e ecologia de saberes; atenção primária, dentre outros, a partir dos trabalhos de Fernando Carneiro, Vanira Pessoa e Ana Cláudia Teixeira. Outra pessoa marcante para a construção do curso, também organizadora do presente caderno, é Verinha Dantas, uma personalidade única que possui uma larga trajetória na saúde coletiva e na educação popular. Médica com longa experiência militante no SUS, atuou na Estratégia Saúde da Família em diferentes municípios, também numa equipe multidisciplinar de saúde indígena, e coordenou o projeto Cirandas da Vida, uma estratégia de educação popular em saúde desenvolvida em Fortaleza que virou objeto de sua tese de doutorado.

Minha experiência no curso foi especialmente marcada pelo que vivenciei com a turma em abril de 2019, e prefiro enunciá-la que comentar os detalhes dos textos desse caderno que aprofundam a trajetória teórica, metodológica, interdisciplinar, pedagógica, participativa e artística do curso. Minha fala encomendada para o curso era sobre o tema 'Concepções e abordagens de Promoção e Vigilância à Saúde', e foquei na concepção de promoção emancipatória da saúde que vínhamos desenvolvendo no Núcleo Ecologias, Epistemologias e Promoção Emancipatória da Saúde (Neepes/ENSP/Fiocruz), criado em 2018. Após falar por mais de uma hora, com uma forte atenção da plateia que pareceu-me ter sido nutrida em suas expectativas, plateia esta formada por muitos militantes de movimentos sociais e profissionais do SUS, fiz uma breve pausa. Esperava que alguém perguntasse algo ou iniciasse alguma discussão. Mas eis que um homem de repente se levanta na sala e começa a rufar seu tambor seguido de poesias, cantos e danças. Era Ray Lima seguido ao seu lado por Verinha Dantas. O que se seguiu foi um Evento-Encontro desses raros que reúnem tempo, lugar e pessoas para viver algo significativo. Não sei quanto tempo durou esse momento encantado, mas passamos um bom tempo ouvindo e cantando poesias, girando, dançando e rodopiando na ciranda de roda que complementou, com outras linguagens, o que eu vinha tentando explicar em palavras sobre o significado dessa tal promoção emancipatória da saúde. Saí naquele dia com a forte sensação que havia vivenciado naquele instante algo especial, uma visão de como poderiam ser as aulas em uma universidade do futuro que buscasse unir conhecimento, sabedoria e vida. E isso não precisaria ser num tempo tão distante, afinal eu havia vivido justo ali, aqui, naquele dia, de corpo e alma, demonstrando que a emergência de outros futuros possíveis em direção ao bem viver poderia estar bem mais próximo de todos nós do que poderíamos imaginar. Bastaria nos darmos as mãos, poetizar, celebrar, refletir e cuidar uns dos outros e de nós mesmos. Pronto, um passo a mais rumo à emancipação libertadora havia sido dado, e isso é tão importante para continuarmos a jornada.

Ray Lima é um dos criadores da cenopoesia, uma proposta de reunir múltiplas linguagens em torno da poesia e do teatro para construir performances interativas com espectadores nos palcos da rua e da vida. Numa definição mais sofisticada e ambiciosa feita por Vitor Pordeus, a cenopoesia *é uma 'metalinguagem mestiça de todas as éticas e estéticas, síntese mitológica e epistemológica do Brasileiro e da Brasilidade.* De importância simbólica e política inestimável para a cura do estado de doença mental e desespero que vivemos nos Brasil'. Essa definição explica o inevitável encontro da cenopoesia com a educação popular. Não foi à toa que isso ocorreu no Nordeste, no coração do Brasil que pulsa vida em seus aparentes opostos que só possuem sentido quando caminham juntos em busca de equilíbrio, complementariedade e dignidade: razão e afeto, luta e celebração, arte e política, seriedade e festa, vida e morte, tristeza e alegria, doença e cuidado, carência e abundância, sofrimento e emancipação...

Essa aula e ter sido convidado para fazer o prefácio de obra tão especial fez-me refletir sobre a presença da arte e da poesia em minha vida, ainda que seguindo a carreira acadêmica como pesquisador da ENSP/Fiocruz desde 1986. Em verdade jamais deixei de lado minha verve poética e criativa que, de tempos em tempos, aflorava em poesias, no amor dedicado à família, ao trabalho, aos amigos e no meu caminho espiritual. Sempre desconfiei que parte dessa capacidade criativa e intuitiva se devia às minhas origens nordestinas, já que sou filho de pais sergipanos que migraram para o Rio de Janeiro nos anos 1950. O nordestino comum não é apenas forte e paradoxal por crescer em situações limites, extremas, contraditórias. É um ser criativo que cultiva a fé na vida, uma alegria que brota do coração nos momentos que mais precisamos, e isso vivi intensa e permanentemente no convívio com minha mãe, sempre entregue à família e aos filhos com uma amorosidade que tornava mais fácil tolerar e perdoar seus comentários por vezes racistas. Essa é uma lição óbvia, mas difícil de colocarmos em prática no mundo: o amor une e aproxima, enquanto o ódio, ainda que permeado por um pensamento crítico, desagrega e afasta.

Nunca soube bem da ancestralidade que carrego como típico brasileiro recentemente auto reconhecido como pardo, afinal minhas origens negras e indígenas foram silenciadas nas histórias contadas pelos parentes mais próximos que se sentiam incomodados por elas. Esse silenciamento, que hoje percebo como tipicamente colonial e racista, ficou nítido por parte de uma avó que foi excluída de nosso convívio. Somente quando me tornei pai tive um último e elucidativo encontro com ela pouco tempo antes de sua morte. Mulher negra, forte, sofrida, minha avó contou-me sua saga tipicamente nordestina de cair e se levantar tantas vezes como por milagre diante dos vários golpes duros que todos temos em vida. Mas são principalmente os vulnerabilizados os que mais sofrem com o racismo, o machismo, a exploração econômica e as injustiças feitas por coronéis, governantes, políticos, juízes, banqueiros, empresários, intelectuais da elite e tantos outros presentes em nossa história colonial que ainda influencia nosso cotidiano. Assim como minha mãe e tantos nordestinos com quem convivi, o sofrimento de minha avó parecia se mesclar e se atenuar com o humor, a alegria acompanhada de gargalhadas, a poesia, a música, o bordar, o cuidar dos enfermos, o fazer alimentos.



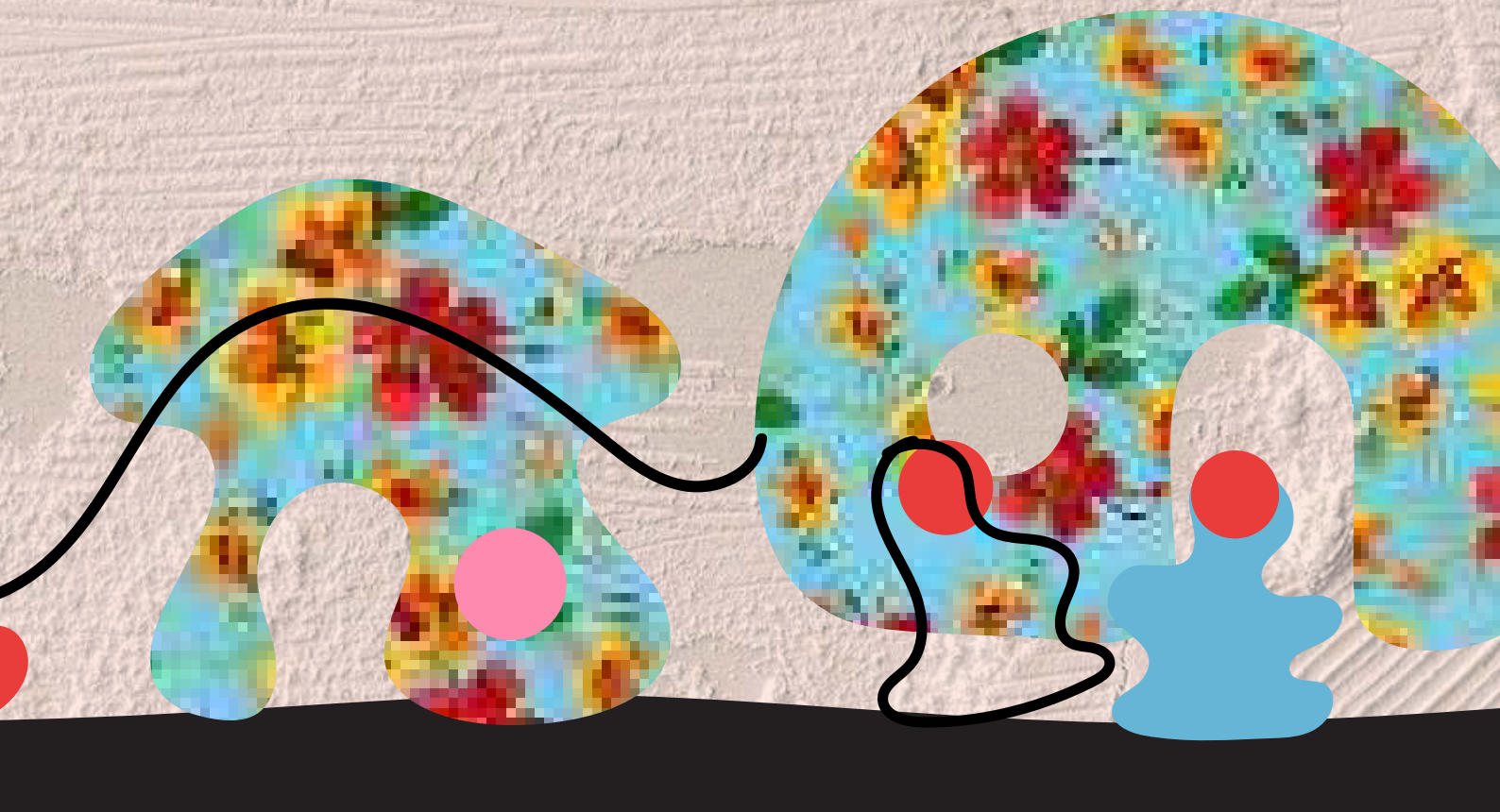
A vivência do amor tem essa capacidade de transformar o contraditório em paradoxal, e a unidade convivencial parece ter sua base numa visão mais fractal que dilui a alienação das lógicas binárias, ainda que dialéticas. A convergência entre razão e afeto, entre pensar e sentir tem o poder de tornar ações e movimentos mais fluidos ao nos depararmos diante do que parece ser inconciliável numa dimensão apenas intelectual. Essa percepção se torna especialmente relevante quando assistimos aos espetáculos atuais do mundo moderno e neoliberal que manipulam e espalham fascismo social com arrogância, ódio e fakenews, permeados de comentários de especialistas por vezes críticos que analisam a realidade com inteligência, mas não as conseguem transformar por não alcançarem os corações das pessoas e comunidades. No Brasil o drama político-social de uma direita mais radical, que parecia atenuado após o fim da ditadura militar e a chegada ao poder do PT, desembocou no golpe político-jurídico-midiático que destituiu a presidente Dilma Roussef e acabou por alçar a outro patamar de poder grupos pentecostais e militares conservadores junto com, pasmem, louvores à tortura e práticas milicianas.

É curioso e esperançoso que, justo nesse momento histórico, continuem a florescer e dar frutos propostas maravilhosas como a do curso em educação popular e promoção de territórios saudáveis. É mais que um paradoxo: ao lado das células doentes do fascismo social muitas outras permanecem vitais em nosso país produzindo conhecimentos e metodologias emancipatórias em torno da vida. Sua aparente falta de força pode ser analisada como um enorme poder hegemônico que permanente vigia, manipula, controla e direciona a circulação de informações na sociedade. Mas esse poder hegemônico é controlado, financiado e serve a uma minoria privilegiada cada vez mais distante da concepção de uma elite inteligente e sensível. Trata-se, na visão que considero a mais adequada, de um momento histórico de transição civilizatória e de paradigmas que esgarça um passado que está a morrer com um novo que ainda não nasceu de forma mais nítida, mas está por aí a se mostrar. Como dizia Gramsci em seus Cadernos do cárcere: “O velho mundo agoniza, um novo mundo tarda a nascer, e, nesse claro-escuro, irrompem os monstros”. A questão que preocupa a muitos é quando essa transição monstruosa encerrará seu ciclo, como e com qual rastro de destruição. Daí a importância da poesia e da dança para que não nos esqueçamos nunca de celebrar a vida nesses tempos difíceis.

Nos últimos anos, principalmente após um evento extremo de saúde que quase me tirou a vida precocemente, tenho reconhecido melhor a consciência e a necessidade de criarmos as condições teóricas, metodológicas e práticas para reunir conhecimento, vida e sabedoria. Isso inclui formas de comunicação e linguagens em torno de temas que temos trabalhado no Neepes e que esse curso ilustra de maneira tão especial: ciência sensível, metodologias sensíveis co-labor-ativas, como avançar na ecologia de saberes e nos diálogos interculturais propostos pelas epistemologias do Sul.

A pergunta chave que inspira nosso trabalho tem sido: como produzir conhecimentos e práticas junto com (e não propriamente para...) movimentos sociais e organizações comunitárias que lutam por saúde, dignidade e direitos territoriais? Este é o caso de povos indígenas, quilombolas, camponeses e outros tradicionais, chamados pela saúde coletiva brasileira de populações dos campos, florestas e águas. Mas também é o caso das periferias urbanas em várias regiões do Brasil, quase todas com inúmeras mestiçagens e hibridismos que mal começamos a compreender. As cosmovisões, os conhecimentos e as práticas de povos originários, de matriz africana, de camponeses, apesar dos genocídios e epistemicídios que a violência produziu e produz em nosso país todos os dias, continuam e ressurgem na criatividade e nas experiências de vida, sobrevivência e produção cultural.

Como propõe Marina Fasanello, queridíssima companheira de pesquisa no Neepes e inspiradora de vida, precisamos resgatar os elos silenciados que borram nossa memória ancestral na construção de um país que necessita avançar de forma mais madura novos ciclos de autonomia e liberdade. Para isso precisamos superar os limites do discurso logocêntrico e intelectualizado da ciência moderna. O futuro de uma academia mais inclusiva, democrática e transformadora passa pelo incremento de diálogos não apenas interdisciplinares (entre diferentes paradigmas disciplinares), mas avançar nos diálogos interculturais (entre distintos sistemas de conhecimentos) e encontros de saberes. E isso passa pela incorporação de uma arte sensível e engajada que esse curso demonstra tão brilhantemente e nos enche de esperança.



Apresentação

ANA CLÁUDIA DE ARAÚJO TEIXEIRA
VANDERLÉIA LAODETE PULGA
gigi castro

É com alegria que apresentamos esta obra integrada a outras duas incluindo elementos de um processo formativo de caráter participativo, interprofissional e interinstitucional na perspectiva da implementação da Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNEPS) e do fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS) e da Democracia.

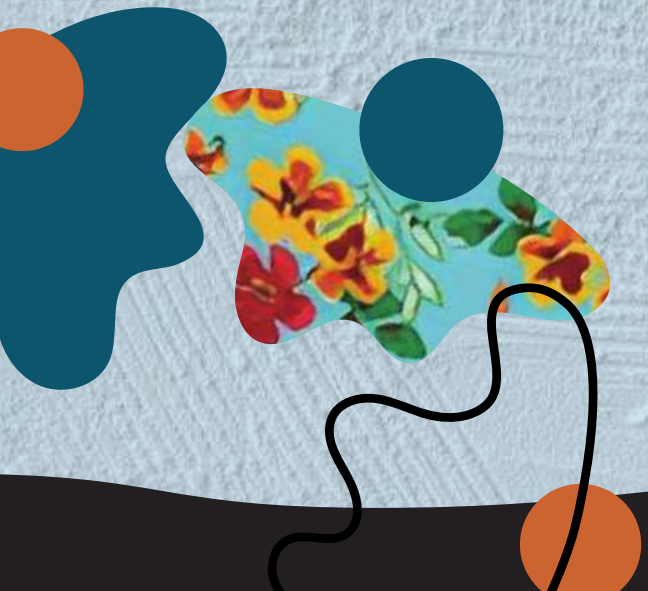
Trata-se da sistematização do processo de formulação, implementação e avaliação do **Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido**, processo essencialmente inovador e participativo em sua formulação, construção e implementação. Este orientou-se por princípios como: o diálogo, a amorosidade, a problematização e reflexão para compreender, analisar e transformar a realidade. Trouxe, ainda, a perspectiva da construção compartilhada do conhecimento, da emancipação e do compromisso com um Projeto Democrático e Popular de Sociedade, bases fundamentais da PNEPS/SUS ***(BRASIL, 2013, p.1)***[1] .

Essa obra traz, de forma detalhada, o percurso histórico de criação destas modalidades formativas, a proposta político-pedagógica, os princípios, matrizes e abordagens metodológicas e suas inovações integradas às necessidades de saúde e de formação nos territórios no diálogo com os diferentes atores sociais que fazem o Sistema Único de Saúde acontecer no cotidiano dos serviços e da vida das pessoas.

Faz também uma retomada histórica da trajetória do **Curso de Especialização e Aperfeiçoamento a partir do diálogo entre a Educação Popular em Saúde e a Convivência com o Semiárido**. Na sequência, apresenta a reflexão sobre a Educação Popular em Saúde como orientadora do processo formativo, seguida da análise do *per*.curso de um Curso gestado a muitas, muitas cabeças, corações e mãos.

Esse *per*curso é analisado a partir da construção da sua estrutura curricular, matrizes, princípios e abordagens político-pedagógicas. Traz, por fim, as refle-

[1] BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Comitê Nacional de Educação Popular em Saúde. Portaria no 2.671 de 19 de novembro de 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2761_19_11_2013.html. Acesso em: 13 out. 2022.



xões sobre as interações construídas nos territórios como possibilidade de fortalecimento das lutas sociais.

A proposta metodológica de sistematização de experiências como um dispositivo disparador de processos reflexivos sobre o agir possibilitou a construção pedagógica tanto do processo formativo inserido nas realidades dos grupos nos territórios com ações de interação coletiva, de pesquisa e de produção de saberes, conhecimentos e iniciativas para o fortalecimento do SUS, quanto das comunidades, da participação social, da Saúde e da Vida.

Esperamos, pois, que sua leitura possa contribuir na reflexão e aprofundamento sobre as possibilidades de formação inserida nos territórios — e como inspiração para o desenvolvimento de ações e de implementação da Política Nacional de Educação Popular em Saúde no SUS, razão de ser de todo o nosso esforço no sentido de fazer chegar ao público mais ampliado possível esta experiência, na perspectiva de difundir seus aprendizados e contribuir para a construção do conceito ampliado de Saúde.

01.

O PROCESSO *pedagógico* DO CURSO: diálogos entre a educação popular em saúde e a convivência com o semiárido

Ana Cláudia de Araújo Teixeira
Vera Lúcia de Azevedo Dantas
Vanderléia Laodete Pulga

1.1. A HISTORICIDADE DO PROCESSO E SEUS SUJEITOS

A Educação Popular em Saúde faz parte da luta pelo direito universal à saúde dos povos. Em seu caráter articulador da luta social propõe processos compartilhados de produção de conhecimento, de formação e de organização de grupos populares e comunidades, mas também a inserção em escolas, universidades, serviços de saúde e em outros espaços de produção de cuidado, de participação, controle social e gestão participativa no SUS.

Ao incluir e dialogar com as experiências populares, possibilita a interação entre arte, espiritualidade, agroecologia, questões de gênero, raça/etnia e classe com a saúde. Esses processos ao serem inseridos nos contextos sociais e populares do Brasil têm articulado saberes da ancestralidade, da sabedoria popular, de experiências que promovem a equidade, visibilizando a força e potência de resistência, luta, defesa e cuidado da vida dessas experiências que reforçam o legado de Paulo Freire.

Essas práticas produziram, também, elementos capazes de construir uma Política no SUS. Durante uma década de debates e formulações coletivas, a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (PNEPS/SUS) se institui através da Portaria Nº 2.761, de 19 de novembro de 2013 (BRASIL, 2013).

Sobre os princípios da PNEPS/SUS, no Guia da Unidade de Aprendizagem I/UA I do *Curso de Especialização* e *Aperfeiçoamento em questão*, o educador popular Edson Oliveira sintetiza:

> Os princípios da PNEPS
> Estão muito entrelaçados:
> Diálogo, amorosidade,

E saber compartilhado,
Luta por emancipação
Com problematização
E as práticas de cuidado.
A construção compartilhada
Tem a função de humanizar
Os cuidados com saúde
Revelando um novo olhar
De uma luta coletiva,
Justa e participativa
Pra o sujeito emancipar.
(FIOCRUZ-CE, 2019a, p. 5)

Dentre as estratégias de implantação desta Política em âmbito nacional, desenvolveu-se um processo de formação de agentes comunitários/as de saúde através do Programa EDPOPSUS que foi realizado em todos os estados do Brasil, formando mais de 80 mil Agentes de Saúde (FIOCRUZ-CE, 2016).

Na perspectiva de ampliar a capacidade de implementação da PNEPS/SUS, outra estratégia fundamental foi sendo construída a partir de 2017, quando um grupo de educadores e educadoras populares começa a sonhar com um *Curso* na modalidade *Especialização e Aperfeiçoamento*, gestado por meio de encontros, diálogos, afetos, amorosidade, lutas e militância. Este Curso foi, portanto, fruto da interação entre instituições, entidades, organizações, movimentos e experiências dos coletivos que atuam no contexto da convivência com o semiárido, na perspectiva da implementação da Política Nacional de Educação Popular em Saúde no Sistema Único de Saúde – PNEPS/SUS.

A possibilidade de materializar essa iniciativa aconteceu no segundo semestre de 2017, quando a Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde (ANEPS) convidou a Rede Saúde, Saneamento, Água e Direitos Humanos (RESSADH) para elaborar a proposta do *Curso* envolvendo o Ceará e o oeste do Rio Grande do Norte, considerando a existência de uma chamada para financiamento de projetos no âmbito do Ministério da Saúde voltada às instituições acadêmicas de âmbito federal com o objetivo de contribuir para a implementação da Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNEPS).

Sobre a caminhada da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde (ANEPS) criada em 2003, o *Guia do Curso* (2019) evidencia a perspectiva de fortalecimento e visibilidade das experiências e práticas de Educação Popular em Saúde e sua contribuição com a implementação de políticas e práticas de saúde, ancoradas na participação e no protagonismo popular (FIOCRUZ-CE, 2019a).

Trazendo a simbologia da ***farinhada***[2], ritual popular que acontece após a colheita, o Guia acentua:

[2] Prática ancestral em que se dá a feitura de alimentos a partir da cultura da mandioca — e em que um dos aspectos mais relevantes é o do trabalho coletivo para que se possa obter os produtos

> No Ceará, trilhas foram se cruzando e vimo-nos a tecer uma rede de grupos populares, em ações diversas com o objetivo de articular e apoiar movimentos e práticas ao longo de todo o estado. Como em uma farinhada, fomos alimentando o desejo de preparar essa formulação coletiva de conhecimento e ação transformadora (FIOCRUZ-CE, 2019a, p. 6).

O percurso da ANEPS no Ceará articulou movimentos do campo e da cidade, como o Movimento de Reabilitação das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (MORHAN), movimento indígena, grupos artísticos e da cultura popular, grupos de mulheres, LGBTQIA+, redes de afrorreligiosidade, economia solidária, entre outros. Desse modo, a ANEPS tem constituído sua caminhada tecendo redes

> [...] que possibilitam outros desenhos do cuidar nos quais a arte e a cultura se incluem, incorporando o saber de experiência dos partícipes como um saber construído na dimensão do vivido, o qual mobiliza energias, experiências, vontade de reinventar e de seguir aprendendo. A ANEPS tece, assim, uma caminhada que tem as cores e os desenhos dos movimentos que constituem a sua articulação no âmbito popular, experienciando possibilidades de transformação dos sujeitos em sua relação com o mundo (FIOCRUZ-CE, 2019a, p. 6).

Os sujeitos engajados na ANEPS do Ceará considerando sua atuação regional e nacional, propuseram a inclusão de uma região do Rio Grande do Norte no Curso como forma de fortalecer a articulação regional e os movimentos sociais das regiões envolvidas.

Quanto à RESSADH, esta foi criada em março de 2017 como resultado de uma articulação envolvendo a Fiocruz Ceará, a Secretaria de Saúde do Estado/SESA-CE, o Instituto Federal do Ceará/IFCE, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira/UNILAB, a Cáritas Brasileira Regional Ceará, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra/MST, o Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador/CETRA e o Conselho Pastoral dos Pescadores/CPP. A RESSADH tem como proposta a atuação articulada em processos de formação, pesquisa e cooperação. Desse modo,

> concebe o desenvolvimento de processos educativos por meio de referenciais teóricos e metodológicos que estimulem nos/as educandos/as a reflexão numa perspectiva crítica e problematizadora da realidade onde atuam com vistas a transformá-la. Prima, assim, pela concepção de pesquisas com base em metodologias participativas, as quais pressupõem a construção dialógica com os diversos sujeitos sociais relacionados ao tema ou problema de pesquisa a ser investigado, na perspectiva

da produção compartilhada de conhecimento (FIOCRUZ-CE, 2019a, p. 8).

Ancora-se, principalmente na ***Ecologia de Saberes***[3], no que diz respeito à produção de conhecimento, realizando pesquisas cujo objetivo é contribuir para a visibilidade dos modos de vida e de trabalho, a valorização da leitura das comunidades afetadas sobre os impactos socioambientais, riscos e danos à saúde humana advindos dos processos de desenvolvimento em curso e dos problemas da seca e da escassez hídrica (FIOCRUZ-CE, 2019a).

A RESSADH também se propõe a apoiar a organização do Sistema Único de Saúde/SUS como cooperação técnica e social, em ações de prevenção de doenças, atenção, vigilância e promoção da saúde, além de contribuir para o fortalecimento de estratégias e tecnologias de Convivência com o Semiárido (idem).

À primeira vista, parecia-nos não haver uma vinculação direta entre a ANEPS como uma articulação de Educação Popular em Saúde e a RESSADH, cujo foco de atuação está na Convivência com o Semiárido. Mas, *conversa vai, conversa vem,* vislumbrou-se que poderia ser interessante juntar as duas *tribos*, ANEPS e RESSADH, para construírem uma proposta de *Curso* que pudesse ter a Fiocruz, uma instituição pública de âmbito nacional, como âncora para abrigar o projeto.

Desse modo, nesse diálogo inicial podíamos vislumbrar potências diferenciadas, afinidades e aproximações. A ANEPS, com uma trajetória mais longa de luta, agrega movimentos sociais e academia no campo da Educação Popular em Saúde. Já a RESSADH, embora como menos tempo de atuação, desde sua formação articula movimentos, entidades e instituições de ensino e pesquisa, muitos dos quais têm uma atuação histórica e relevante no campo da saúde coletiva, água e direitos humanos no contexto da Convivência com o Semiárido.

Tanto a ANEPS como a RESSADH nasceram imbuídas dos princípios da Educação Popular e da Educação Contextualizada que têm a participação, o diálogo entre saberes e a construção compartilhada do conhecimento como bases de sua constituição.

O processo de construção envolveu diferentes atores sociais e institucionais das duas redes, embora alguns, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, participassem de ambas. Pela ANEPS foram envolvidos atores do Espaço EKOBÉ e do Laboratório de Cuidado, Cultura e Educação Popular em Saúde articulados junto com a Universidade Estadual do Ceará (UECE), Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim, Associação Mulheres em Movimento do Conjunto Palmeiras, Escola Comunitária de Biodança – ECOMBIO, Movimento Escambo Livre de Rua, Coletivo Brinquedo de Rua e Cirandas da Vida (estratégia de Educação Popular da Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza) (FIOCRUZ-CE, 2018).

[3] "A ecologia de saberes é um conceito que visa promover o diálogo entre vários saberes que podem ser considerados úteis para o avanço das lutas sociais pelos que nelas intervêm. É uma proposta nova e, como tal, exige alguns cuidados. Como é nova, o caminho faz-se ao caminhar. Não há receitas de nenhuma espécie. (CARNEIRO; KREFTA; FOLGADO, 2014).

Pela RESSADH foram envolvidos atores da Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz Ceará, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB); do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFCE); da Cáritas Brasileira Regional Ceará, do Conselho Pastoral dos/as Pescadores/as (CPP), do Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador (CETRA) e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) (FIOCRUZ-CE, 2018).

Relativamente à Fundação Oswaldo Cruz/Fiocruz, com 122 anos de existência, esta se encontra vinculada ao Ministério da Saúde, com a missão de promover a saúde e o desenvolvimento social, gerar e difundir conhecimento científico e tecnológico — e de ser um agente de cidadania.

Com início de suas atividades em 2009, a Fiocruz no Ceará, coordenada por Antônio Carlile Holanda Lavor, tem como principais objetivos fortalecer a Atenção Primária à Saúde e a Estratégia da Saúde da Família; atuar na área de pesquisa, desenvolvimento e inovação em fármacos, medicamentos, equipamentos e materiais de saúde; e realizar pesquisas científicas direcionadas à realidade ambiental e epidemiológica da região, entre outras atividades.

Atualmente, a Fiocruz Ceará é constituída por quatro áreas, a saber: Biotecnologia, Saúde da Família, Saúde e Ambiente e Saúde Digital. A área de Saúde e Ambiente da Fiocruz Ceará, que ancora o *Projeto Formação, Pesquisa e Cooperação Social: uma integração possível para a implementação da Política de Educação Popular em Saúde no contexto do Semiárido*, o qual inclui o Curso de Especialização/Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, começou a ser estruturada no final de 2014 — e desde então desenvolve projetos de pesquisa, educação e cooperação com foco nas populações do campo, da floresta, das águas e de áreas urbanas vulneráveis em parceria com a área de Saúde da Família da Fiocruz Ceará, diversas unidades do sistema Fiocruz, instituições acadêmicas do estado do Ceará e de outros estados, setores do Sistema Único de Saúde, movimentos populares, entidades e organizações da sociedade civil.

Com base em referenciais críticos e dialógicos e na perspectiva da produção compartilhada do conhecimento, a área utiliza metodologias de pesquisa participativas nos diversos projetos desenvolvidos no âmbito das linhas de pesquisa sobre: Vigilância Popular da Saúde; Saúde, Agroecologia e Convivência com o Semiárido; Impactos dos Grandes Empreendimentos na Saúde; Atenção Primária em Saúde, Ambiente e Trabalho; Saúde Única/Saúde Planetária (One Health/Global Health); Metodologias de Pesquisa Crítico-Dialógicas e Participativas; Populações do Campo, Floresta, Águas e Áreas Urbanas Vulneráveis; e Exposições Ambientais e Avaliação dos Efeitos no Ciclo de Vida e na Saúde Humana e Animal.

Todas essas instituições, entidades, organizações e movimentos sociais que compõem a ANEPS e a RESSADH, a Fiocruz, além da Rede Nacional de Médi-

cos e Médicas Populares – Ceará, que se somou ao longo do processo, construíram o *Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido.*

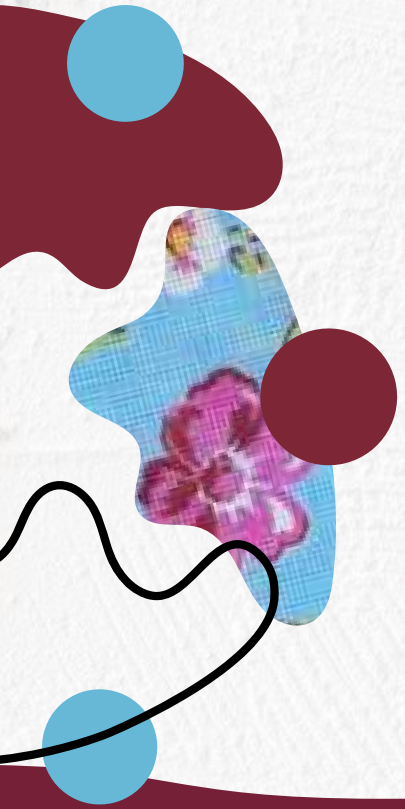
Foram muitos encontros, reuniões, oficinas e diálogos ao longo de 2018 para a construção de uma proposta pedagógica que contemplasse os dois principais campos — Educação Popular em Saúde e a Convivência com o Semiárido — de forma equânime e articulada de modo a integrar seus referenciais teórico-metodológicos, práticas, saberes acadêmicos e populares, e que não perdesse de vista o foco do *Curso*, qual seja, o de contribuir para a implantação da PNEPS/SUS.

Foi um processo desafiante e, em algumas vezes, particularmente no início, entrecortado de certa tensão, talvez por receio das redes de que os temas pertinentes a seus respectivos campos não fossem abordados de forma apropriada, ou que predominasse um campo sobre o outro.

O desafio inicial colocado era, portanto, de que todos os segmentos envolvidos e os campos que representavam se sentissem parte do processo e se reconhecessem na proposta pedagógica — mas, sobretudo, que esta cumprisse com o propósito ao qual se destinava.

As tensões surgidas, antes de se constituírem um obstáculo, apontaram a necessidade de intensificar o diálogo, valorizar o *processo* de construção e não só o produto da mesma. Evidenciou-se a força e a potência de enfrentar coletivamente as situações-limites para avançar na superação das dificuldades ou contradições do cotidiano (FREIRE, 2005).

Ao longo do tempo em que o processo transcorreu, as possibilidades de entrelaçamento entre os campos foi se delineando sem que nenhum dos dois perdesse sua identidade e expressão.



> Esse processo de construção compartilhada exigiu dos movimentos, instituições, entidades, articulações e pessoas uma dedicação singular, um cuidado primoroso e uma abertura para o Outro que só as tessituras realmente coletivas demandam. Foram cerca de 52 reuniões ao longo de 2018 para pensar todo o processo, que passou pela estruturação curricular, o planejamento das Unidades de Aprendizagem, a seleção de educandos/as, a articulação para a facilitação dos momentos presenciais, bem

> como, para a tutoria e orientação dos Projetos de Intervenção e dos TCCs, a preparação de todo o material pedagógico e de acolhida dos territórios (FIOCRUZ-CE, 2019a, p. 13-14).

Esse percurso gerou aprendizados fundamentais em uma proposta pautada na Educação Popular, a qual pressupõe o *diálogo* como princípio. Trabalhar com uma perspectiva dialógica nos ajuda a compreender que isso inclui o entendimento do conflito como modo de reconhecer as diferenças e não reproduzir exclusões. Assim, o processo parecia nos aproximar da concepção de polifonia de Bakhtin (2003) como se expressa no *Guia do Curso*/UA I:

> Construir polifonias, mesmo quando as dissonâncias surgiam, sem abafar as diversas vozes, foi um imenso aprendizado para todos e todas! Foram momentos de aprender a caminhar com as pernas dos companheiros e companheiras, como nos ensina a ciranda de Johnson Soares:
>
> Tu me ensinas que eu te ensino
> O caminho no caminho
> Com tuas pernas
> Minhas pernas andam mais (FIOCRUZ-CE, 2019a, p. 14).

A construção de processos educativos democráticos e participativos como o vivenciado nesse percurso sabe acolher todas as vozes, daí seu caráter polifônico, multicolorido, interprofissional e interinstitucional.

1.2. A CONSTRUÇÃO COMPARTILHADA DA PROPOSTA PEDAGÓGICA EM DIÁLOGO COM A PNEPS/SUS

A proposta pedagógica foi sendo gestada num processo rico em partilhas e aprendizados, em que a escuta, o diálogo, a amorosidade, o cuidado e o afeto estiveram sempre presentes. Foi um percurso de construção compartilhada de saberes, práticas, nos quais as experiências, os diversos referenciais teórico-metodológicos, ao serem articulados e integrados, se potencializaram como uma ***Feira do Soma Sempre***[4].

O percurso de construção coletiva da proposta curricular do *Curso* se fez por meio de oficinas com a participação das instituições, entidades e movimentos que compunham a ANEPS e a RESSADH.

A oficina de construção da proposta de currículo do *Curso* foi um dos momentos marcadores que objetivou promover a integração das duas redes e principiou com uma contextualização da construção do processo e do projeto que visava a implantação da PNEPS/SUS, a partir das falas da ANEPS e RESSADH. A reconstrução da *linha do tempo* das entidades contribuiu para ampliar a compreensão dos pares sobre os percursos e potencialidades construídas em sua caminhada — e, desse modo, considerá-las na construção da proposta. Essa recuperação do vivido propiciou, além do aprendizado de como caminhar juntos, o conhecimento sobre a historicidade dos

Figura 1– Construção da linha do tempo do Projeto. Oficina de Construção do Currículo, 5 de junho de 2018. Fiocruz Ceará, Eusébio-CE.
FONTE: ACERVO DO CURSO

[4] A Feira do Soma Sempre, metodologia sistematizada por Ray Lima e apropriada pelos coletivos que vêm trabalhando com a Cenopoesia no estado do Ceará e no país, caracteriza-se como uma forma de compartilhar os saberes que temos em que, ao socializar nossos conhecimentos, somamos ao que temos aquilo que o outro e a outra trazem, sem que ninguém perca o que já tem.

Figura 2– Construção da linha do tempo do Projeto. Oficina de Construção do Currículo, 5 de junho de 2018. Fiocruz Ceará, Eusébio-CE.
Fonte: Acervo do Curso

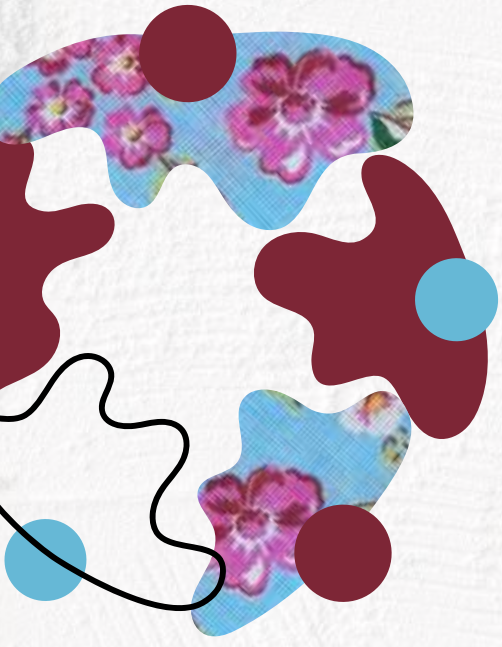
sujeitos e movimentos que compõem as redes ANEPS, RESSADH e a Rede de Médicos e Médicas Populares (FIOCRUZ-CE, 2018).

A ANEPS reconstituiu essa *linha do tempo* por meio das narrativas de sujeitos/as como Vera Dantas, Edson Oliveira, Edvan Florêncio e Duda Quadros que evidenciaram os jeitos de tecer essa articulação no âmbito popular. Um pouco dessa historicidade está contada por Vera Dantas na linguagem do Coco:

Vou contar uma história
Do que ora se desenrola
Nas terras do Ceará
Nascendo a menina ANEPS
A farinhada começou
O povo e a universidade
Logo, logo se juntou
Vou contar, vou contar
Vou contar, vou contar

E logo a estudantada
Começou a conhecer
O que no meio popular
Estava a acontecer
Vou contar e vou contar
Viram a massoterapia
E as plantas medicinais
Também círculos de cultura
Teatro e muito mais
Vou contar e vou contar
O espaço da academia
Fez-se mais interativo
Aprendendo com o povo
A ser bem mais criativo
Vou contar e vou contar
Trabalhando a realidade
Com base na experiência
Juntando vários olhares
Pensando uma nova Ciência
(DANTAS, 2020, p. 40)

Nesse percurso de reconstituição de sua história de luta e resistência, os/as sujeitos/as da ANEPS explicitaram a diversidade de sua tessitura e das lutas populares com as quais se envolvem, que vai muito além da saúde — como se pode depreender do trecho abaixo extraído do *Guia do Curso*/UA I:



A caminhada foi possibilitando a nossa inserção em encontros com o Movimento de Reabilitação das Pessoas Atingidas pela Hanseníase/MORHAN (às voltas com as lutas contra o estigma da hanseníase) e com os conflitos vividos pelos índios Tapeba, Pitaguary, Tremembé, Jenipapo-Kanindé e tantos outros na luta pela retomada das terras que lhes foram roubadas, articulando-nos, também, com os que lutam pela Reforma Agrária através do MST.

Vive-se, ainda, na ANEPS, a escuta atenta à arte e ao dizer populares: ricos são os momentos de aprendizagem e partilha que têm fertilizado reflexões com os grupos de Coco, Maneiro Pau, Quadrilhas e Negros do Cariri, em sua feição de extenso sertão pobre, e com o movimento Escambo Popular Livre de Rua, que traz os grupos à margem do teatro que se faz no eixo das grandes casas de espetáculo. Diálogos são articulados entre

> os Círculos de Cultura Brincantes, de jovens do Pici, e fóruns de teatro vinculados ao Movimento de Saúde Mental Comunitária no Bom Jardim, bem como a estruturação de atos-limite envolvendo mulheres do Conjunto Palmeiras em sua luta contra a violência de gênero e o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, em sua intervenção que envolve ações cidadãs com jovens em situação de conflito com a lei ou em situação de exploração sexual. Interações são feitas com coletivos de juventude na periferia e outros como a RECID/Rede de Socioeconomia Solidária, na busca por estratégias inclusivas e solidárias de geração de renda, assim como encontros entre redes de afrorreligiosidade e saúde, movimentos LGBT e de pessoas em situação de rua na luta contra os estigmas, preconceitos e iniquidades (FIOCRUZ-CE, 2019a, p. 6).

Aprendemos que a ANEPS e os sujeitos que participaram de sua criação acolheram as práticas de cuidado, especialmente aquelas das rezadeiras, benzedeiras, mezinheiras — e as que acontecem no seio dos movimentos e grupos que fazem a Articulação. Estas práticas de cuidado, junto com a arte, têm constituído a singularidade dessa rede no Ceará e tem repercutido nas práticas desenvolvidas pela ANEPS em outros estados (DANTAS; PULGA, 2020, p.198).

Assim, esse processo vem evidenciando que

> [...] se tecem redes que possibilitam outros desenhos do cuidar nos quais a arte e a cultura se incluem, incorporando o saber de experiência dos partícipes como um saber construído na dimensão do vivido, o qual mobiliza energias, experiências, vontade de reinventar e de seguir aprendendo (FIOCRUZ-CE, 2019a, p. 6).

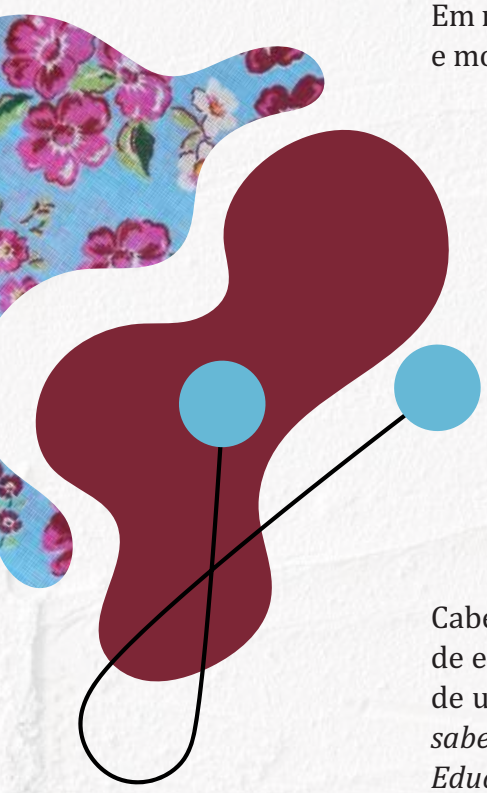
Foi possível, durante a reconstituição histórica realizada pela ANEPS, lembrar de diversos encontros regionais, estaduais e nacional de Educação Popular em Saúde promovidos pela ANEPS, que contribuíram para seu fortalecimento, especialmente no Nordeste, referendando-a como fundamental na criação da PNEPS/SUS.

Também foi lembrada a estratégia de Educação Popular em Saúde chamada *Cirandas da Vida*, criada no âmbito da Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza mesmo antes de efetivação da PNEPS/SUS. As *Cirandas da Vida* contribuíram em âmbito local e nacional para a aproximação da Educação Popular em Saúde com outras políticas, especialmente a Política Nacional de Humanização na Saúde (DANTAS, 2020).

Nessa trajetória, foi citada a experiência do EdPopSUS — Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde, iniciativa do Ministério da Saúde

em parceria com a Escola Politécnica em Saúde Joaquim Venâncio, da Fundação Oswaldo Cruz — como sendo a primeira estratégia de âmbito nacional para implementação da PNEPS/SUS.

Articulado a todo esse processo, o Espaço Ekobé no âmbito da articulação entre a ANEPS e a Universidade Estadual do Ceará, tem se constituído espaço irradiador das ações da ANEPS no campo do cuidado, da formação e da permacultura em diálogo com a Educação Popular.



Em relação à RESSADH, reafirmando as instituições, entidades, organizações e movimentos que a constituem, já citadas anteriormente, enfatizou-se que:

> [...] na fundação da Rede estiveram presentes cerca de 150 pessoas, do Ceará e de outros estados e que os eixos de atuação são: Saúde, Saneamento, Água e Direitos Humanos no contexto do Semiárido.
>
> No encontro foram lançadas questões sobre que pesquisa, que formação, que cooperação se deseja fazer, e se estabeleceu como princípio o diálogo com as populações e os territórios (Povos do Mar, do Mangue, do Campo, das Florestas e das Águas) (FIOCRUZ-CE, 2018).

Cabe destacar que a RESSADH se ancora em um olhar ampliado sobre a saúde e na perspectiva de contribuir para a construção de formas sustentáveis de usufruto do território e no referencial teórico ancorado *"na ecologia de saberes, epidemiologia crítica, construção compartilhada de conhecimentos e Educação Popular que sustenta as leituras de mundo e alimenta as práticas, projetos e pesquisas desenvolvidos no âmbito da Rede* (FIOCRUZ-CE, 2018).

Além do processo de recuperação da historicidade das entidades, outra questão fundamental na oficina foi a discussão detalhada da proposta aprovada junto ao Ministério da Saúde, pelo coletivo de sujeitos/as envolvidos/as e referendar a inclusão de dimensões pedagógicas originárias da experiência dos movimentos partícipes em diálogo com a Educação Popular.

O processo de construção coletiva foi produzindo acordos que se constituíram base de todo o processo, a saber: a concepção de um percurso que pudesse fortalecer os movimentos sociais e as políticas públicas nos territórios; a importância da inclusão de territórios do Ceará e do Rio Grande do Norte; a adoção da Pedagogia da Alternância com os *tempos-escola* e t*empos-comunidade* que facilitariam o desenvolvimento de projetos de intervenção nos dois estados; a possibilidade de localizar e mapear experiências de Educação Popular em Saúde e Convivência com o Semiárido nesses territórios; a inclusão das modalidades *especialização e aperfeiçoamento* — para incluir pessoas dos movimentos e da área da saúde sem graduação — e a sistematização do processo pelos próprios sujeitos envolvidos nas formações.

Desse modo, o *Curso de Especialização e Aperfeiçoamento* materializou um processo formativo construído coletivamente pelos sujeitos que fazem as redes e movimentos, em articulação com a pesquisa e a cooperação social, possibilitando vários desdobramentos nos territórios e promovendo diálogos entre os movimentos dos campos da Educação Popular em Saúde, da Convivência com o Semiárido, bem como com sujeitos e setores do Sistema Único de Saúde.

Nesse *aprender a aprender,* seguimos com todos e todas que vêm compor essa constelação — e que trazem consigo seus territórios vivos, suas histórias de luta e resistências. Espelhando-nos, assim, na canção de Ray Lima (*em Atos para a Infância I)*, quando diz:

> Vêm aí, oi,
> Vêm aí
> Vêm aí as estrelas do Zumbi
> Zumbi, Zumbi, Zumbi
> Zumbi dos Palmares
> Vamos, vamos construir
> Uma sociedade sem altares
> Mais livre que neoliberal
> Conquistar nosso lugar, nosso astral
> Seguindo sem segredo
> A poesia, a alegria, a ousadia, a utopia
> Da cultura popular
> Zumbi, Zumbi, Zumbi
> Zumbi dos Palmares
> Zumbi, Zumbi, Zumbi
> Não dá mais para impedir
> Não há mais como apagar
> O brilho das estrelas
> Está no campo, na cidade, está no ar!
> (LIMA apud FIOCRUZ-CE, 2019a, p. 14).

1.3. UTOPIA EM AÇÃO: CIRCULARIDADE E COMPLEMENTARIEDADE EXPRESSAS EM IMAGENS-SÍNTESES DO CURSO EM SONHAÇÃO

A produção do desenho do currículo se fez, como já visto, no formato de Oficina, onde alguns pontos foram sendo amadurecidos sobre o projeto consubstanciado no *Curso de Especialização e Aperfeiçoamento,* os quais já haviam sido discutidos em encontros anteriores, e resultaram no que segue:

a) a prioridade aos/às educandos/as, no sentido de garantir no orçamento do projeto o deslocamento e a hospedagem de quem viria das regiões do interior do Ceará e do Rio Grande do Norte;

b) os módulos serem articulados e integrados de forma transversal e organizados em três encontros — que, posteriormente, foram denominados de Unidades de Aprendizagem (UA I, UA II e UA III); além disso, os Módulos deveriam articular aspectos teóricos com as práticas e com as políticas públicas de saúde;

c) todos os módulos terem desdobramentos — e para ser possível a imersão nas Unidades de Aprendizagens com 10h/aula por dia, foi necessário pensar estratégias que levassem em conta a dimensão do *cuidado*; o período de imersão alinhavou *tempo-escola* com *tempo-comunidade,* para o que se pensou estratégias para os/as educandos/as não *desanimassem* durante o intervalo entre os encontros presenciais;

d) a metodologia adotada ser a da Educação Popular, que pressupõe a problematização e a participação e, desse modo, colocava o desafio de se conceber estratégias pedagógicas para além da capacitação profissional;

e) para facilitar o acompanhamento das atividades pedagógicas em grupo nos tempos escola e *tempos-comunidade*, os/as educandos/as serem organizados em Núcleos de Base (NB), que posteriormente passaram a ser designados Núcleos de Aprendizagem e Ensino (NAE);

f) os Encontros Regionais terem o objetivo de contribuir para a implementação da PNEPS/SUS nos municípios e regiões de origem dos/as educando/as e envolveriam educandos/as, entidades, organizações e movimentos ligados aos campos da Educação Popular em Saúde (EPS) e Convivência com o Semiárido (CSA), gestores e trabalhadores/as do SUS; nesses encontros serem apresentadas as experiências de Educação Popular em Saúde/EPS e Convivência com o Semiárido/CSA identificadas e articuladas pelos educandos /as nos seus territórios de atuação.

Nessa Oficina de elaboração do desenho curricular do *Curso de Especialização e Aperfeiçoamento* foram definidos os eixos transversais do *Curso*, a carga horária distribuída em *tempo-escola* e *tempo-comunidade* e os Módulos, de acordo com os objetivos geral e específicos.

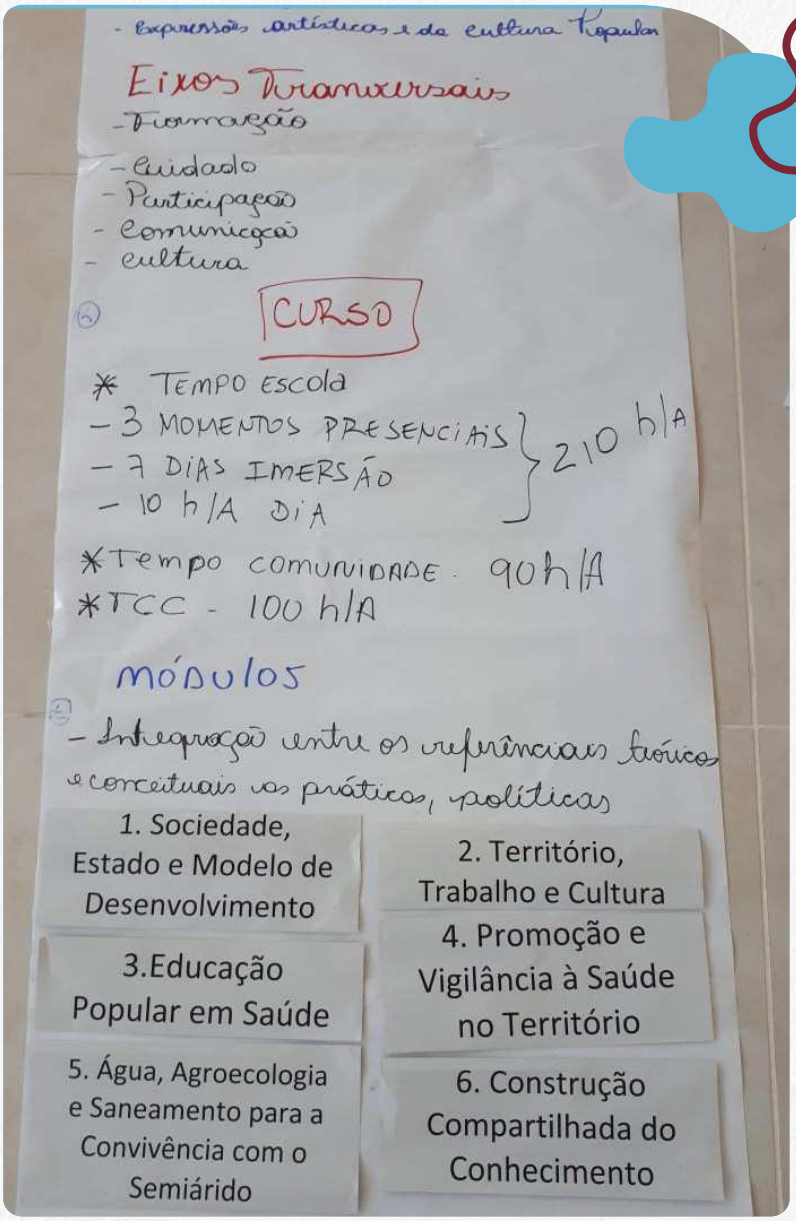
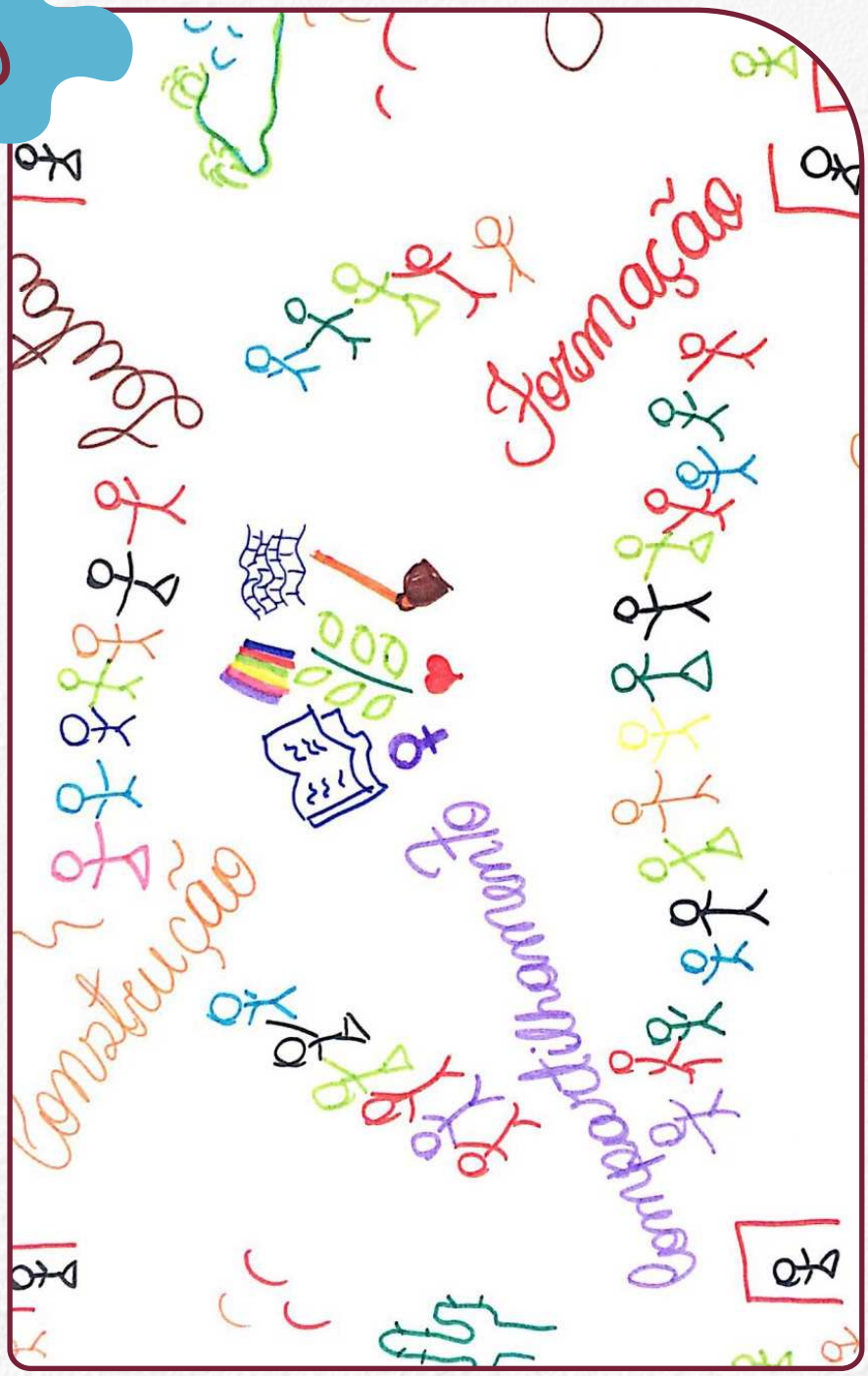


Figura 3- Eixos transversais, Carga horária em tempo-escola e tempo-comunidade, Módulos. Oficina de Construção do Currículo, 5 de junho de 2018. Fiocruz Ceará, Eusébio-CE
FONTE: ACERVO DO CURSO

Nessa mesma Oficina fomos desafiados/as a fazer o exercício de construir representações em desenhos sobre as transformações que esperávamos que o Curso pudesse promover ou produzir nos territórios. Assim, cada grupo desenhou uma situação atual e uma situação futura que, a partir do *Curso*, pudesse ser transformada.

Nesse sentido, foi importante integrar a seguir, para a composição dos desenhos, os de pessoas de movimentos diferentes para iniciar os diálogos entre as diversas percepções. O desenho abaixo traz a representação da ciranda que evidencia uma multiplicidade de significados como possibilidade de compartilhar aprendizagens nos territórios, os diálogos entre o saber científico e popular, como bem expressa o relatório da oficina:

Grupo 1 **Integrantes: Vera Mariano (MST) e Mayana Dantas (ANEPS)**



O curso está representado pela ciranda; tem a possibilidade de articular os territórios e, a partir disso, a companheirada vai voltar para suas comunidades contribuindo no compartilhamento das aprendizagens. A ciranda/mística tem uma hora que se abre para dialogar com seu território, diálogo entre saber popular e acadêmico, e vêm também as lutas dos movimentos. Há ainda o trabalho, representado pela rede de pescador, pela enxada (FIOCRUZ-CE, 2018).

Outra *imagem-síntese* vem de integrantes da ANEPS incorporando as práticas populares de *cuidado* e as situações desafiadoras presentes nos territórios desvelando a necessidade de problematização da realidade.

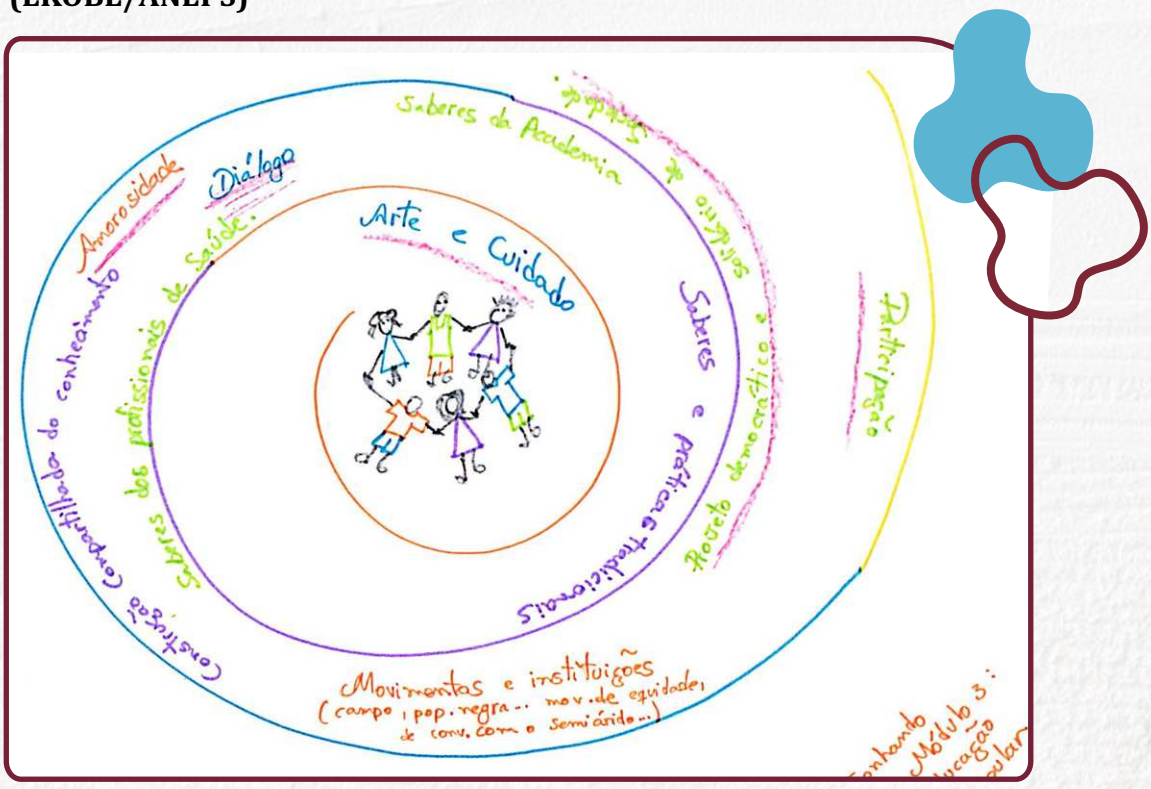
Grupo 2 **Integrantes: Edvan Florêncio (EKOBÉ/ANEPS) e Ray Lima (ESCAMBO/ANEPS)**

Contraste, violência, mas também se sonha com o laguinho, fogueira, território. O sonho (o Curso) é que possa existir nessa formação uma fonte, um manancial; que o Curso seja o espaço onde se possa beber; que as práticas culturais possam ser resgatadas e vivenciadas; resgate das rezadeiras, cachim-

> BEIRAS; NESSE TERRITÓRIO ISSO TAMBÉM É CHAMADO DE TRABALHO E É TAMBÉM UMA CIRANDA, DE CUIDADOS, CULTURA ETC. AS PERGUNTAS QUE FICAM É: QUE PRÁTICAS CULTURAIS PODEM RECONFIGURAR UM DETERMINADO TIPO DE SOCIEDADE? QUE PRÁTICAS DE TRABALHO PODEM RECONFIGURAR UM CIDADÃO/UMA CIDADÃ? SAINDO DO CAOS, SE PRODUZ UMA CIRANDA QUE É UMA SÍNTESE, UMA CURA (RODA COMO ÚTERO, ONDE SE RENASCE). A PARTIR DO CAÓTICO, DO DESAFIADOR, COMO PRODUZIR SÍNTESES? COMO RECONFIGURAR UM TERRITÓRIO A PARTIR DO QUE EXISTE LÁ? O CURSO DEVE PROPORCIONAR UM AUTOESTUDO PARA QUE SE VOLTE AO TERRITÓRIO E SE POSSA RECONFIGURÁ-LO (FIOCRUZ-CE, 2018).

Na *imagem-síntese* que segue é perceptível a importância do diálogo entre arte e cuidado e o diálogo da Política de Educação Popular em Saúde com as Políticas de Equidade, bem como a articulação entre os diferentes saberes. A espiral expressa a idéia de movimento que se abre para acolher os territórios, seus sujeitos e culturas, assim como a produção de saberes na perspectiva processual, dialógica e socialmente compartilhada.

Grupo 3 Integrantes: Charliane Fernandes (ANEPS) e Verinha Dantas (EKOBÉ/ANEPS)



> CIRANDA; IDEIA DOS ATORES DO TERRITÓRIO ARTICULADOS A PARTIR DA EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE. TUDO COLOCADO EM MOVIMENTO (FIOCRUZ-CE, 2018).

Na imagem-síntese que segue, a ênfase se dá na importância de construir

processos inseridos nos territórios de forma participativa e capazes de refletir sobre o que promove a vida e a saúde, assim como o que ameaça a vida em cada território, instigando para as possibilidades de realizar uma vigilância participativa.

Grupo 4 **Integrantes: Ana Cássia Ferreira (Fiocruz/CE), Ana Cláudia Teixeira (Fiocruz/CE) e Edson Oliveira (CIRANDAS DA VIDA/SMS)**

Território onde predominam ações de vigilância que não dialogam com o território e trazem impacto à saúde das pessoas e ao ambiente, a exemplo da pulverização com veneno no combate

> ao mosquito da Dengue, sem considerar que no entorno tem casa, crianças brincando, um rio e suas espécies representadas nos peixes. Poderia se implementar ações mais eficazes voltadas para o descarte dos resíduos sólidos espalhados no território e que acumulam água. A outra imagem mostra a possibilidade de se fazer uma vigilância em saúde participativa em que as pessoas sentam em roda e manifestam o que promove a saúde da comunidade: cisterna, água de qualidade, saneamento, cultura, educação popular, quintal produtivo. Essas dimensões que promovem a vida expressam a saúde em seu sentido amplo (FIOCRUZ-CE, 2018).

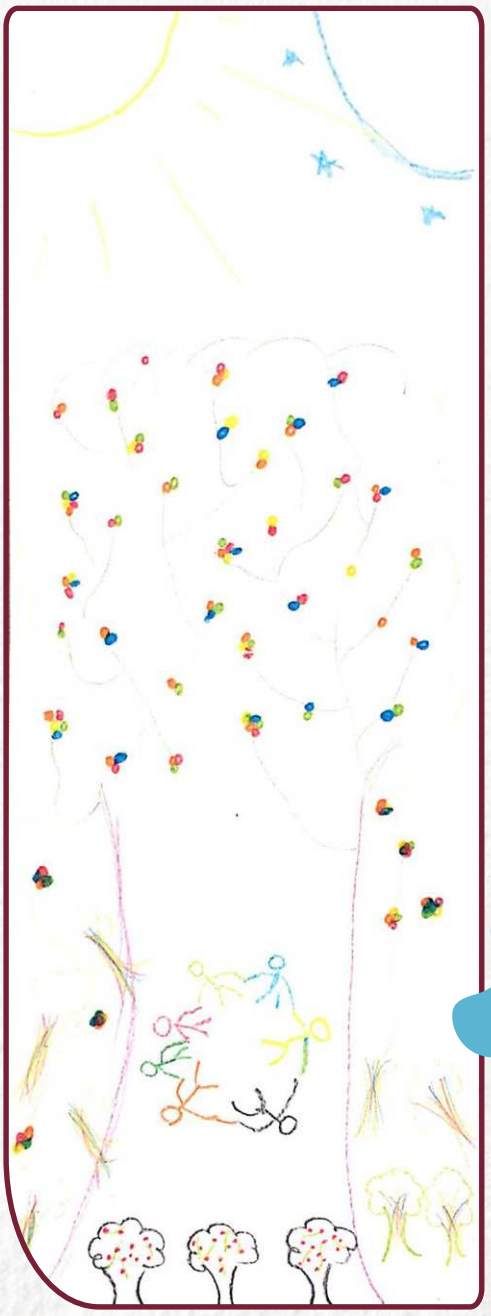
Na imagem-síntese a seguir destaca-se o olhar do semiárido como território de vida e a importância da discussão do acesso às tecnologias de convivência no Semiárido para os Povos que ali habitam. Também trouxe a importância da vigilância participativa.

Grupo 5 Integrantes: Camila Batista (CPP/CE), Duda Quadros (BRINQUEDO DE RUA/ANEPS) e Vilma Duarte (EKOBÉ/ANEPS)

> Dois cenários. Leitura atual: tem muitas tecnologias, mas precisa se difundir mais. E onde se chega há a representação de que o Semiárido não é lugar de vida. É preciso compreender que não é a seca, são as cercas que impedem o acesso à água. O sonho é que o Curso ajude a difundir tecnologias, que dê visibilidade aos Povos do Semiárido, que coloque à disposição os saberes (FIOCRUZ-CE, 2018).

A imagem-síntese que virá adiante traz a articulação entre a Educação Popular em Saúde e a Convivência com o Semiárido como forma de promover a integração nos territórios em defesa da vida, de forma dialógica e participativa simbolizadas por elementos da natureza (sol, lua, árvores, frutos).

Grupo 6 Integrantes: gigi castro (Fiocruz/CE), Ivanilde Damasceno (CÁRITAS/CE) e Ana Luísa Rodrigues (EKOBÉ/ANEPS)



> O grupo fez uma figura em dois tempos. Primeiro, há experiências e elas dão fruto, mas muitas vezes estão desarticuladas, isoladas. O Curso vai ser essa árvore que vai juntar pessoas e experiências diferentes como numa ciranda e que vai dar muitos frutos, a partir do sol da Convivência com o Semiárido e da lua que é a Educação Popular em Saúde (FIOCRUZ-CE, 2018).

Olhar para os desenhos remete à idéia de circularidade, abertura, expansão e complementariedade que se expressam em mandalas, cirandas, espirais que vão compor as construções pedagógicas ao longo de todo o processo, como enfatizado a seguir:

> O Curso lembra a imagem de uma mandala colorida construída a muitas mãos, olhares múltiplos, olhares diversos, vivências e experiências em articulação entre os movimentos de Educação Popular em Saúde (ANEPS) e de Convivência com o Semiárido (RESSADH), a academia (Fiocruz Ceará, UECE, UNILAB, IFCE) e o Sistema de Saúde (Secretaria Municipal de Saúde/ SMS Fortaleza). É importante dizer que, para além do apoio material recebido por parte do Ministério da Saúde, é a solidariedade, o amor, a energia e o engajamento político dos sujeitos e parceiros envolvidos na construção desse Curso que o sustenta e o mantém vivo e pulsante! (TEIXEIRA apud FIOCRUZ-CE, 2019b, p. 16-17).

A diversidade dos sujeitos envolvidos ligados a diferentes campos do conhecimento e de práticas, com objetos de interesse e atuação distintos foram determinantes na construção desse desenho, sempre considerando o diálogo entre a Educação Popular em Saúde e Convivência com o Semiárido. Essa construção compartilhada germinou e dela floresceu uma experiência de formação significativa e inovadora enquanto processo pedagógico e como estratégia de construção do conhecimento apontando para o fortalecimento do Projeto Popular de Sociedade.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Comitê Nacional de Educação Popular em Saúde. **Portaria no 2.671 de 19 de novembro de 2013**. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2761_19_11_2013.html. Acesso em: 13 out. 2022.

CARNEIRO, F. F. F.; KREFTA, N. M.; FOLGADO, C. A. R. A Práxis da Ecologia de Saberes: entrevista de Boaventura de Sousa Santos. **Tempus Actas de Saúde Coletiva**, v. 8, n. 2,

p. 331-338, 30 jun. 2014. Disponível em: https://doi.org/10.18569/tempus.v8i2.1530. Acesso em: 13 out. 2022.

CONTE, A. **Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista.** Seleção de textos de José Arthur Giannotti; traduções de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

DANTAS, V. L. A. (org.). **Dialogismo e Arte na Gestão em Saúde:** A Perspectiva Popular nas Cirandas da Vida. 3. ed. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2020, 406 p.

DESCARTES, R. Discursos sobre o método. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, v. VI, 1982.

DESCARTES, R. **Meditações metafísicas**. SP: Martins Fontes, 2016.

DESCARTES, R. **Regras para a direção do espírito.** Lisboa: Edições 70, 1985.

DESCARTE, R. **Regras para a Direção do Espírito.** Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, v. X, 1986.

FIOCRUZ – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Programa de qualificação em Educação Popular em Saúde (EDPOPSUS). **Material do curso.** Fiocruz, 2016. Disponível em: http://www.edpopsus.epsjv.fiocruz.br/material-do-curso. Acesso em: 17 out. 2021.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - CEARÁ. **Guia do Curso de Especialização/Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido:** Unidade de Aprendizagem I. Não publicado. Fiocruz-CE: Eusébio, jan. 2019a, 35 p. impresso.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - CEARÁ. **Guia do Curso de Especialização/Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido**: Unidade de Aprendizagem II. Não publicado. Fiocruz-CE: Eusébio, abr. 2019b, 45 p., impresso.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - CEARÁ. **Relato da oficina para construção do currículo** – Curso de Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido. Não publicado. Fiocruz-CE: Eusébio, jun. 2018, 13 p.

FRAGOSO, E. A. R. **O método geométrico em Descartes e Spinoza.** Fortaleza (CE), EdUECE, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LIMA, R. "O corpo eu". In: Roteiro Cenopoético. DA VILA PARA A CIDADE DE PROSA PARA POESIA. Edições Vila de Poetas Mundo - Maranguape-CE:2016

LOWY, M. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão Munchhausen:** marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. São Paulo: Corte, 1987.

PULGA, V. L. et al. (org.). **Educação Popular, Equidade e Saúde** - Dispositivos pedagógicos e práticas lúdicas de aprendizagem na saúde: a caixa de ferramentas nas relações de ensino e aprendizagem. 1. ed. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2020. 307 p.

02.

O PER.CURSO *de um curso* GESTADO A MUITAS, muitas cabeças, corações e mãos

GIGI CASTRO
ÂNGELA LINHARES

> Como ser no mundo lâmina sem ferir nem se deixar ferir? Como desenvolver tecnologias para uma arte de viver em paz? Como cuidar de gente tão frágil? (LIMA apud FIOCRUZ-CE, 2019c, p. 3)

É com muita reverência que nos aproximamos desse tema dado na partilha dos inúmeros aspectos da experiência em sistematização do *Curso de Especialização/Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido*, concebido em 2017, planejado durante todo o ano de 2018 e vivenciado em 2019. Essa experiência, de tão viva e pulsante, continua em processo, seja pela sistematização em curso, seja pela reverberação de tudo quanto produziu em termos de educação no coletivo, Educação Popular em Saúde, Vigilância da Saúde para promoção de territórios saudáveis e Convivência com o Semiárido.

Procurando, pois, o mote que pudesse dar a tônica deste escrito, fomos dar na abertura do Curso, ocorrido em 7

de janeiro de 2019, na confluência cósmica em que no céu o Sol se encontrava em Capricórnio: ali plasmou-se, diante de *quase, mais ou cerca de cem pessoas* o que nascia da troca, da partilha, da construção, da confiança de seres advindos de uni.versos tão diversos mas tão afins, a partir do que reverberou na voz do cenopoeta Ray Lima que, com seu tambor e como arauto de um novo tempo, bradava a plenos pulmões a questão acima posta como epígrafe — e que ecoou em nós: antes, durante e depois daquele momento.

Ao tratar, pois, da Matriz curricular e das características e dinâmicas do processo pedagógico do *Curso* de Especialização/Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido — seja quanto à sua Estrutura Curricular: Módulos e Unidades de Aprendizagem e os Encontros Regionais e Interestadual; seja quanto às características desse Currículo: Estrutura Modular e Desenho Curricular; seja quanto aos Conteúdos e à Interdisciplinaridade vivida com a Diversidade de temas abordados nos Módulos a partir do Diálogo Interdisciplinar; seja, por fim, no que tange à Gestão Compartilhada do Processo Pedagógico —, curvamo-nos humildemente diante desta experiência para dela ouvir o que soa como fundamento/esteio/coragem, na perspectiva do diálogo entre a questão posta por Lima (apud FIOCRUZ-CE, 2019c, p. 3) — reiterando: *Como ser no mundo lâmina sem ferir nem se deixar ferir? Como desenvolver tecnologias para uma arte de viver em paz? Como cuidar de gente tão frágil?* — e a concepção de Guerrero Arias (2010, p.5) quando diz, a propósito dessa "gente tão frágil" que, como seres humanos, somos estrelas com coração e com consciência.

Esperamos — no sentido do esperançar de Freire tão repetidamente trazido para o contexto desta experiência por Verinha Dantas — que isso seja um possível no sentido de um inédito viável, não por qualquer outro motivo senão pelo que de potente esta experiência traz no muito que *des.construiu*, em termos de processos educativos baseados numa educação bancária (FREIRE, 2005), e em termos do que re.construiu com base numa pedagogia da autonomia (FREIRE, 1996), na radicalidade mais freireana possível.

A intervenção do Curso, como ação refletida e continuada, fonte de um conhecimento que se gesta partilhado, constitui uma estética própria, toda sua, que alimenta uma racionalidade mais ampla, capaz de comportar sua dimensão estético-expressiva. Buscando seu alento no princípio de comunidade, que tem se confrontado com o princípio do mercado e o princípio do Estado, como diria Santos (2005, p.92), essa *práxis* pensa uma ação no mundo que ultrapassa a hipertrofia do controle, da regulação e da manipulação, tão característicos da governamentalidade dominante hoje.

É, ao contrário, construindo um pensar emancipatório, em que o conhecimento se expande quando se reparte, modifica a vida e nosso autoconhecer-se se aprofunda no conhecer o mundo, que vincamos nosso compromisso com o trabalho do presente. Desse modo, é na medida em que identificamos os colonialismos — uma espécie de mutação social, causadora de desumanidades a serem superadas —, que nosso agir intensifica seu sentimento

amoroso de mundo, sedimentando sua força argumentativa.

A interpenetração dos campos das ciências e da arte, da vida e do amor no decorrer dos estudos, ia solapando o insólito da dor exposta pelos nervos vivos do espanto, que nos surpreendia sempre, ao percebermos a profundidade do estado de exceção em vigor, posto como normalidade regulatória. Nunca a naturalização das vidas nuas, como critica Agambem (2007). A nossa resistência — e não negamos em nenhum momento nossa implicação nessa *ciranda de possíveis* — reencontrava a todo passo seu vívido caminho de lutas, seus novos tons para cantar seu canto.

Olhando as janelas do que vivemos em nós mesmos, percebemos que, sem abandonar a esfera pública, os coletivos não se detiveram na crítica às institucionalidades, mas alargaram o pensar político para a vastidão dos campos de *esperançar* e semear a eterna novidade da vida. Percebendo os limites postos nas crises de representação do Estado e na sanha do capitalismo mundializado nutrido por holocaustos, ora silenciosos, ora nem tanto, os nossos coletivos reinventam a vida da política junto da política de uma vida emancipatória. Por que *utilizamos emancipatória?* Porque ainda a estamos fazendo.

Perguntava-se Assman, na apresentação do livro de Agamben (2007, p.11): "é possível tudo isso diante da força e da normalidade da exceção, e diante da imperiosa normalidade da vida nua em que estamos ou fomos metidos?" Pensamos que essa pergunta ao leitor ou leitora, que ele faz, damos a resposta no esforço coletivo vivido por todos/as nós, nas frentes várias de atuação de cada um/a, com suas constelações de grupos e amores. Como continua o autor: "frente ao capitalismo como religião moderna por excelência, que se tornou o improfanável absoluto para todos nós, ou frente à destruição moderna de qualquer experiência"[...], partamos para fazer semeaduras, arroteando o solo para "o dever político da próxima geração " (idem, p.10-11).

Vinham as torrentes dos dias e era aí mesmo, desfiando a meada do tempo, que nos reencantávamos novamente com a arte de transformar. Precisa ação, a do pensamento que se adianta ao fazer mais promissor. "O gesto do entendimento desideologiza as mãos, e neste sentido, os desaliena; e na via da intervenção lia-se que a 'dialética entre as mãos' e o objeto se revela no gesto do entender" (FLUSSER, 2014, p. 89).

E aqui fazemos um elogio maior à experiência como fonte de saber permanente, núcleo do pensamento educacional dos Módulos. A potência crítica e criadora do novo, ínsita na discursividade das experiências socializadas e estudadas, põe à luz a fonte que brilha na pergunta sobre como as transformações se fazem por elas, no correr do "tempo de agora", como dizia Benjamin (1985). Dizia mais o autor: pergunta-se na experiência, ao auditório social que partilha sua narrativa, como a história que ela conta pode ser continuada. Essa pergunta repartimos com você, que nos lê. Chamemos o povo para compartir a roda das noites e dos dias amarfanhados de noites indormidas e de sonhos encenados à luz do sol. Nessas rodas a esperança não é uma palavra vã.

2.1. SOBRE AS REDES DE SUSTENTAÇÃO DO CURSO

Importa dizer, assim, a propósito desse já explícito paradoxo a perpassar o humano, que o *Curso* nasce, como um grande rio, dos muitos veios que o antecederam, entre os quais dois grandes afluentes: a ***Articulação Nacional de Movimentos e Práticas em Educação Popular e Saúde/ ANEPS***[5] e a ***Rede Saúde, Saneamento, Água e Direitos Humanos para o Semiárido/RESSADH***[6]***.***

Se nos detivéssemos apenas na análise do que envolve essas redes, já teríamos muito pano pra mangas, mas a imagem do rio caudaloso que se formou a partir dessas duas vertentes, juntas mas muitas vezes em confronto (felizmente sadio, diga-se de passagem) na disputa no campo das ideias e das práticas, na busca por se contrapor afirmativamente em relação ao que historicamente tem sido a construção de um

> [...] PADRÃO GLOBAL, UNIVERSAL DE PODER, PARA O CONTROLE ABSOLUTO DA VIDA, DO POLÍTICO, DO ECONÔMICO, DO SOCIAL, DA CULTURA, DA NATUREZA, DOS SABERES, DAS SUBJETIVIDADES, DOS IMAGINÁRIOS, DOS CORPOS. UMA MATRIZ COLONIAL-IMPERIAL DE PODER SUSTENTADA NA VIOLÊNCIA E NO DESPOJO E QUE TEM ESTADO PRESENTE COMO UM CONTINUUM HISTÓRICO DESDE PRIMEIROS PROJETOS COLONIAIS DE CRISTÓVÃO COLOMBO, ATÉ OS ATUAIS PROJETOS IMPERIALISTAS GLOBAIS [...] [7] (GUERRERO ARIAS, 2010, P.6),

Isso talvez nos permita alcançar o que essa parceria proporcionou em termos de ação, experiência e aprendizado enquanto um projeto que, mesmo sem explicitamente carregar essa alcunha, teve muito certamente um viés decolonial no sentido de um

> [...] QUESTIONAMENTO RADICAL E UMA BUSCA DE SUPERAÇÃO DAS MAIS DISTINTAS FORMAS DE OPRESSÃO PERPETRADAS PELA MODERNIDADE/COLONIALIDADE CONTRA AS CLASSES E OS GRUPOS SOCIAIS SUBALTERNOS, SOBRETUDO DAS REGIÕES COLONIZADAS E NEOCOLONIZADAS PELAS METRÓPOLES EURO-NORTE-AMERICANAS, NOS PLANOS DO

[5] **Tendo como referência desse coletivo Verinha Dantas, que, dentre muitas outras coisas — entre as quais ser mãe de quatro filhos/as, avó de uns/umas tantos/as netos/as e cuidadora de primeira ordem, sendo uma das fundadoras do Espaço Ekobé —, é Médica graduada pela UFRN, Especialista em Saúde Pública, Mestra em Saúde Pública pela Universidade Estadual do Ceará e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará, e uma das coordenadoras gerais do Curso de Especialização/Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido.**

[6] **Tendo como referência Ana Cláudia de Araújo Teixeira, pesquisadora em Saúde Pública da Fiocruz-CE desde 2015, Graduada em Farmácia pela Universidade Federal do Ceará, Especialista em Formação Docente na Área de Vigilância da Saúde pela Escola Nacional de Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz, Mestra em Saúde Pública pela Universidade Federal do Ceará, Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará e Pós-Doutorado em Saúde Pública, sendo coordenadora geral, com Verinha Dantas, do Curso de Especialização/Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, e também adepta, como praticante e militante, da meditação como forma de conexão consigo e com o mundo.**

existir humano, das relações sociais e econômicas, do pensamento e da educação (MOTA NETO, 2018, p.4).

Relativamente à ANEPS, vale ainda a pena ressaltar a *presença de espírito* quanto à oportunidade — provavelmente uma das derradeiras antes que o caos institucional se instalasse no âmbito do governo federal com a ascensão de Jair Bolsonaro à Presidência da República Federativa do Brasil — surgida em 2017 a partir da construção do *Curso de Especialização/Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis* na Convivência com o Semiárido, qual seja: buscar difundir a ***Política Nacional de Educação Popular em Saúde no Sistema Único de Saúde / PNEPS / SUS***[8]. Quanto à RESSADH, importante dizer sobre o acolhimento à proposta da ANEPS para elaboração e submissão do projeto do *Curso* ao Ministério da Saúde. Em relação ao papel desempenhado pela Fiocruz Ceará, enquanto gestora institucional desse processo, cabe lembrar o pronto acolhimento da proposta inicialmente desenhada pelos movimentos sociais de Educação Popular em Saúde, a partir da ANEPS, e de Convivência com o Semiárido, a partir da RESSADH, e a disposição para o diálogo aberto, a negociação dos propósitos e a equalização das diferenças, que se desdobrou na construção coletiva desenhada pelo conjunto dos atores envolvidos, assim como o diálogo e a capacidade de elaborar uma proposta singular de *Curso* respeitando as diversidades. Uma vez entabulado o namoro entre essas duas articulações —ANEPS e RESSADH —, o mais veremos a seguir a partir das muitas desinências construídas, não sem muito trabalho, alegria e sacrifício — este no sentido ampliado de um *fazer* pleno de sentido.

[7] Tradução livre de: "[...] patrón global, uni-versal de poder, para el control absoluto de la vida, de lo político, de lo económico, de lo social, de la cultura, de la naturaleza, de los saberes, de las subjetividades, de los imaginarios, de los cuerpos y de las afectividades. Una matriz colonial-imperial de poder sustentada en la violencia y el despojo, y que ha estado presente como un continuum histórico desde los iniciales proyectos colonialistas de Cristobal Colón, hasta los actuales proyectos imperialistas globales [...]" (GUERRERO ARIAS, 2011, p. 6).

[8] A Política Nacional de Educação Popular em Saúde do Sistema Único de Saúde/PNEPS-SUS foi instituída em 19 de novembro de 2013 e é fruto do longo percurso feito seja pelos movimentos em Educação Popular em Saúde, seja pelos movimentos de saúde cuja base é a humanização dos atendimentos à população — e é um marco no sentido de acolher institucionalmente os saberes populares oriundos de "raizeiros/as, benzedeiros/as, erveiros/as, curandeiros/as, parteiras, práticas dos terreiros de matriz africana, indígenas, entre outros" (BRASIL, 2012, p. 11), na Atenção Primária à Saúde, trazendo as dimensões da espiritualidade, da arte e do pertencimento como fundamentais para os cuidados e sendo orientada pelos seguintes princípios: diálogo, amorosidade, problematização, construção compartilhada do conhecimento, emancipação e compromisso com a construção do projeto democrático e popular (idem).

2.2 AS UNIDADES DE APRENDIZAGEM COMO BASE INTEGRADORA DAS TEMÁTICAS

Quando revisitamos o material produzido e/ou quando acessamos a memória do que foi esse processo de construção, nunca é demais expressar o sentimento de gratidão por tudo quanto foi construído *coletivamente*. E quando dizemos coletivamente, isso significa, para além das instituições, entidades, movimentos, grupos e/ou pessoas envolvidas, o aporte da *experiência* na acepção trazida, uma vez mais, por Ray Lima, quando daquela mesma abertura do *Curso*, em janeiro de 2019, tomando-a a partir de seu efeito sinergético e não como somatória apenas:

> Tradução livre de: "[...] patrón global, uni-versal de poder, para el control absoluto de la vida, de lo político, de lo económico, de lo social, de la cultura, de la naturaleza, de los saberes, de las subjetividades, de los imaginarios, de los cuerpos y de las afectividades. Una matriz colonial-imperial de poder sustentada en la violencia y el despojo, y que ha estado presente como un continuum histórico desde los iniciales proyectos colonialistas de Cristobal Colón, hasta los actuales proyectos imperialistas globales [...]" (GUERRERO ARIAS, 2011, p. 6).

Dizer, então, que a escolha por um processo modular deu-se, ao longo das cerca de 52 reuniões de preparação ocorridas em 2018, em função de potencializar os recursos — agora não só os da experiência, mas também os de caráter material, já que o que se previa era alcançar não apenas o estado do Ceará, mas fazer chegar junto desse processo também o Rio Grande do Norte. E como reunir as pessoas para dar conta das 366 horas/aula necessárias para ressignificar a *sociedade que podemos ser* — vale dizer: com inclusão dos povos originários, afrodescendentes, e com toda a sua imensa gama de saberes —, considerando *todos* esses recursos, mas também a limitação de tempo no sentido prático da vida cotidiana?

Pensou-se, assim, em três grandes Unidades de Aprendizagem/UA — a partir dos aportes da ***Pedagogia da Alternância***[9], trazida, enquanto referência, sobretudo pelos movimentos de Educação do Campo, pelo Movimento dos/as Trabalhadores/as Rurais Sem Terra/MST, pela Educação Contextualizada no Semiárido, e mesmo pela Educação Indígena — para o que se previu como ***tempo-escola***[10] e para o ***tempo-comunidade***[11], em que os processos de aprendizagem coletiva se complementavam entre momentos presenciais e os que se estendiam para os territórios de origem de cada participante, no formato do quadro que logo adiante segue.

[9] **A Pedagogia da Alternância se fundamenta na "[...] necessidade de promover uma maior articulação entre teoria e prática, alternando os tempos e os espaços entre as ações em sala de aula (Tempo Escola – TC) e aquelas a serem desenvolvidas nos territórios, aos quais os educandos estão vinculados (Tempo Comunidade – TC). Neste sentido a alternância busca articular universos considerados opostos ou insuficientemente interpretados, tais como o mundo da escola e o mundo da vida contribuindo para colocar em relação diferentes parceiros com identidades, preocupações e lógicas também diferentes" (FIOCRUZ-CE, 2019b, p. 12).**

QUADRO 1 – UNIDADES DE APRENDIZAGEM E PERÍODO DO TEMPO-ESCOLA

UNIDADES DE APRENDIZAGEM/UA	CARGA HORÁRIA TOTAL	TEMPO-ESCOLA – PERÍODO/ CARCA HORÁRIA	TEMPO-COMUNIDADE – CARGA HORÁRIA
UA I – Educação Popular em Saúde no Contexto do Semiárido	102 horas	7 a 13 de janeiro de 2019 – momento presencial em Fortaleza/70h	32 horas
UA II – Diálogos e intervenções nos territórios	114 horas	8 a 14 de abril de 2019 – momento presencial em Fortaleza/70h	44 horas
UA III – Políticas públicas e sistematização de ações afirmativas em Educação Popular em Saúde e Convivência com o Semiárido nos territórios	150 horas	10 a 16 de junho de 2019 – momento presencial em Fortaleza/70h + Momentos presenciais: pelo menos um Encontro Regional /8h e o Encontro Interestadual/16h, no período de 20 de setembro a 17 de outubro de 2019	56 horas
Carga Horária Total	366	234	132

FONTE: FIOCRUZ-CE, 2019B.

Resolvida a questão de como o *Curso* se daria no seu aspecto ampliado, havia que chegar ao seu funcionamento no mais miúdo, ou seja, no modo como se dividiriam em Módulos.

Imagine-se que plasmar um processo como esse, com recursos da ordem de (apenas) ***R$ 619.150,00***[12], sem previsão de pagamento de honorários para ***professores/as***[13] e com uma estimativa de alcance para cerca de **52 pessoas**[14] — com *tempo-escola* de 7 dias por sema-

[10] "O tempo-escola possibilitará aos educandos estabelecer uma relação de diálogo direta com educadores e com os conteúdos teóricos previstos no currículo com o propósito de estabelecer nexos com as diferentes realidades vividas com base na problematização, a fim de promover reflexões sobre as questões relevantes para que possam construir proposições de intervenções transformadoras nos contextos onde atuam" (FIOCRUZ-CE, 2019b, p. 12).

[11] "No tempo-comunidade, os alunos retornam aos territórios de atuação para exercitar a socialização do aprendizado com sistematização dos processos vivenciados" (idem).

[12] Recursos advindos do Ministério da Saúde por meio da Coordenação Geral de Apoio ao Controle Social, à Educação Popular em Saúde e às Políticas de Equidade – CGASOC/ Departamento de Apoio à Gestão Participativa – DAGEP/Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa – SGEP.

[13] O Curso, enquanto teve financiamento — porque disso ainda falaremos, mas não agora —, os destinou sobretudo para as despesas de deslocamento/ alimentação/hospedagem dos/ as participantes, à exceção de 3 bolsistas para apoio às atividades de campo e de sistematização, mais uma secretaria e um pequeno aporte para infraestrutura.

[14] O Curso acolheu 76 inscritos/ as, dos quais 52 lograram cumprir todas as etapas.

na/10 horas de encontro por dia/3 Unidades de Aprendizagem com espaço de um mês e meio a dois meses entre uma e outra — era algo de uma complexidade já de *per si.* Veja-se, porém, que quando o esteio é grande — ou dito de outro modo: quando quem segura na rodilha aguenta com o peso do pote, e quando o que permeia o processo vai se a*zeitando com diálogo verdadeiro, com amorosidade, com cuidado, com problematização*, com vistas à emancipação de todas as pessoas envolvidas e com os sentidos todos voltados para a *construção de um projeto democrático e popular* —, o encontro das forças, por mais diversas quanto à natureza ou origem, longe de miná-las, potencializa-as. Pode-se, com certeza, dizer que esse processo esteve o tempo todo eivado de axé. E como axé deriva de Exu (*OLIVEIRA, 2021*)[15] , pode-se dizer que esse processo teve o tempo todo a força dos Exus desse mundo todo. Exu enquanto ética, Exu enquanto estética, Exu enquanto linguagem poética, criativa, Exu enquanto ciência que rompe com o cartesianismo e inclui a sensibilidade, Exu enquanto poética das relações, Exu enquanto regente da comunicação — o que, a propósito dos Módulos, refletiu-se da cara, do corpo e da coragem dos/as *sujeites todes envolvides* no processo, propondo sempre a construção do conhecimento de forma compartilhada nessa grande ciranda.

[15] Vide live do professor Eduardo Oliveira: Estética Negra como Filosofia Africano-Brasileira de Libertação, 16 nov. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OCurkfsErdk. Acesso em: 26 out. 2022.

QUADRO 2 - DISTRIBUIÇÃO DAS CARGAS HORÁRIAS POR TEMPO-ESCOLA (TE) E TEMPO-COMUNIDADE (TC) DOS MÓDULOS

MÓDULOS	CARGA HORÁRIA – TE	CARGA HORÁRIA – TC	CARGA HORÁRIA TOTAL
I. Sociedade, Estado e Modelo de Desenvolvimento	32 horas	4 horas	36 horas
II. Território, Trabalho e Cultura	38 horas	24 horas	62 horas
III. Educação Popular em Saúde	46 horas	16 horas	62 horas
IV. Promoção e Vigilância à Saúde	16 horas	4 horas	20 horas
V. Água, Agroecologia, Saneamento e Convivência com o Semiárido	38 horas	16 horas	54 horas
VI. Construção Compartilhada do Conhecimento	64 horas	68 horas	132 horas
TOTAL	234 horas	132 horas	366 horas
TCC	100 horas		100 horas

Nota: A carga horária do Tempo Escola do Módulo VI é composta por 40 horas relativas ao momento presencial em Fortaleza e 24 horas referentes ao Encontro Regional (8 horas) e ao Encontro Interestadual (16 horas)

Fonte: Adaptado de FIOCRUZ-CE, 2019a.

Óbvio que num contexto de tanta complexidade, os Módulos não funcionaram de maneira retilínea, linear, tal como na tabela acima. Eles se imbricaram um no outro de modo tanto a construir sentido quanto a dialogar com as possibilidades de tempo e disponibilidade do grupo docente, constituído, em boa parte, por pessoas que também colaboraram na sua elaboração.

Dessa maneira, construímos como que um tecido em que sobre o tripé estru-

turado nas três Unidades de Aprendizagem se foi tecendo, com os elementos apontados pelos seis Módulos, a partir da diversidade de abordagens metodológicas trazidas para o Curso, um caudal de conhecimentos — no qual, em determinados momentos, não se localizava uma fonte, ou uma única fonte, pelo fato de realmente provir de todos, de todas e de *todes*.

Como o que orientava a formação não era um sistema ordenado de conteúdos a se *per.correr* mas a construção de uma ambiência em que a contribuição de cada um, de cada uma, tinha validade efetiva no diálogo com quem facilitava os Módulos, foi-se instituindo em cada qual e em todo o coletivo a *confiança* — elemento fundante das relações, expressa e muitas vezes trazida à roda por Verinha, quando cantava a canção de Johnson Soares que diz:

> Tu me ensinas que eu te ensino
> O caminho no caminho
> Com tuas pernas
> Minhas pernas andam mais.

Essa confiança foi um dos ingredientes mais importantes para que de fato o processo se desse com êxito. Porque condições em contrário, pode-se dizer, também não faltaram. Voltando, porém, à imagem do tecido, a costura das Unidades de Aprendizagem/UAs foi urdida ao longo de todo 2018, com muitos/as *sujeites envolvides* naquelas 52 reuniões, numa média que se levada a termo revela que praticamente não se passou uma semana sem que houvesse um encontro. Isso permitiu um amadurecimento lento mas consistente das decisões tomadas, com possibilidade de revê-las por muito mais pontos de vista — e mesmo de experimentar muitas das proposições de modo a tornar uma prática a máxima que diz que *toda educação* é (ou deveria ser) *uma autoeducação* (STEINER, 2003, p. 22).

Dessa forma, deu-se que, tal como encontramos no Projeto Pedagógico de Cursos de Pós-Graduação Especialização *Lato Sensu* (PPC):

> O Curso de Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, proposto pela área de Saúde e Ambiente da Fiocruz Ceará, conta com a parceria das seguintes instituições e organizações: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB); Universidade Estadual do Ceará (UECE); Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFCE); Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza; Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde (ANEPS) e Rede Saúde, Saneamento, Água e Direitos Humanos (RESSADH) (FIOCRUZ-CE, 2019b, p. 4).

Essas parcerias dizem da relação com as institucionalidades. Quanto à militância e ao que diz respeito às entidades da sociedade civil e aos movimen-

tos sociais envolvidos, e que compuseram também a Coordenação Político-Pedagógica do Curso, contamos com a Cáritas Brasileira Regional Ceará, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador (Cetra) e o Conselho Pastoral dos Pescadores (CPP) – integrantes da RESSADH, da ANEPS e da Rede Nacional de Médicos e Médicas Populares.

Esse conjunto de sujeitos sociais foi capaz não só de dialogar, de se articular, de colocar na roda o seu melhor mas de, ao longo dos processos e dos desafios que foram surgindo, ir agregando mais e mais sujeitos que, mesmo quando presentes apenas como indivíduos (caso de professores/as universitários/as, por exemplo, que não exatamente representavam seu departamento ou universidade), traziam na sua experiência a passagem ou a relação intrínseca e orgânica com os coletivos no campo da saúde, da educação popular, do meio ambiente, da Convivência com o Semiárido, entre tantos outros.

Nessa urdidura — e reencontrando a ***memória dos processos do Curso***[16], é possível perceber as proposições, os ajustes, as revisões no que se ia avançando no sentido de burilar e aperfeiçoar o que fosse uma ideia ou proposição inicial —, temos, como um entre tantos possíveis exemplos, o seguinte trecho:

> [...] NO DESENHO DE CADA MÓDULO É IMPORTANTE PROCURAR A INTEGRAÇÃO, A PARTIR DE TEMAS GERADORES, ENTRE OS CONCEITOS/REFERENCIAIS TEÓRICOS, PRÁTICAS/INSTRUMENTOS/TECNOLOGIAS/ESTRATÉGIAS-POLÍTICAS, ATENTANDO PARA O DIMENSIONAMENTO EM TERMOS DE CARGA HORÁRIA, DAS ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS E DOS DESDOBRAMENTOS NOS TERRITÓRIOS E COMUNIDADES; ORIENTAÇÃO GERAL: ENTENDER QUE NA EDUCAÇÃO POPULAR/EDUCAÇÃO PROBLEMATIZADORA/EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA, A FIGURA DO/A PROFESSOR/A ESPECIALISTA ASSUME O PAPEL DE FACILITADOR-A/MEDIADOR-A; NESSE SENTIDO, AO INVÉS DE AULAS EXPOSITIVAS, PRIMAR PELO TRABALHO EM PEQUENOS GRUPOS [...] (FIOCRUZ-CE, 2018, P. 2).

Conquanto pareça simples, chegar a *con.sensos* como esse exigiu por demais em capacidade de articulação mas também de sensibilidade, pois se todas as ideias foram bem vindas, nem todas resistiram ao crivo do bom senso e da relação entre desejo/necessidade. O que passou pela apreciação e aprovação de *todes os/as envolvides*, porém, foi conscientemente maturado e pôde, ao tomar contato com os sujeitos aos quais se destinava, plasmar-se de maneira a um só tempo ética e esteticamente aceitável, a despeito de suas singularidades, origens e ampla diversidade.

Essa *brincadeira* de ir articulando os diversos saberes foi tão divertida, enquanto proposição, que ao encontrar-se com aqueles e aquelas a quem se destinava, não pôde ter outro destino senão o do avivamento das potências trazidas por cada um/a. E ao se mirar o desenho das Unidades de Aprendizagens em meio ao "xadrez" que foi o entrelaçamento significativo dos

[15] **Documento em word/PDF em que se registrou essas reuniões com tópicos que atestam o que se avançou em cada uma das 52 reuniões realizadas em 2018 e que organizei enquanto estive com bolsista do Curso de maio de 2018 a junho de 2019.**

Módulos, pode-se ter uma aproximada percepção do que se deu, enquanto processo, para quem o viveu.

As Unidades de Aprendizagem foram fundamentais para articular temas tão diversos. Para compreensão do que foi cada uma das Unidades de Aprendizagem, a Unidade de Aprendizagem I (FIOCRUZ-CE, 2019c) trouxe de forma muito presente a importância do território e da historicidade como elementos fundamentais para que os educandos/as/es pudessem interagir com os sujeitos locais em seus territórios e para a importância da construção compartilhada de conhecimentos com esses sujeitos, tal como se pode ver a seguir.

7.JANEIRO.2019 | MANHÃ
ABERTURA DO CURSO

7.JANEIRO.2019 | TARDE-NOITE
MÓDULO III – Educação Popular em Saúde
Organicidade – Tabela com os NAEs
Vídeo Vida Maria/Círculo de Cultura/Histórias
de Vida c/ Profa. Dra. Ângela Linhares

8.JANEIRO.2019 | MANHÃ
MÓDULO III – Educação Popular em Saúde
Apresentação do Curso c/ Profa. Dra.
Ana Cláudia de Araújo Teixeira
Linha/Trilhas do Tempo da Educação Popular

8.JANEIRO.2019 | TARDE
MÓDULO III – Educação Popular em Saúde
Linha/Trilhas do Tempo da Educação Popular c/ Profa. Dra.Vera Dantas
MÓDULO I – Estado, Sociedade e Modelo de Desenvolvimento
Exposição dialogada com a Profa. Dra. Adelaide Gonçalves

9.JANEIRO.2019 | MANHÃ
MÓDULO I – Estado, Sociedade e Modelo de Desenvolvimento
Sociodrama com Profa. Dra. Fátima Maciel

9.JANEIRO.2019 | TARDE
MÓDULO II – Território, Trabalho e Cultura
Círculo de Cultura c/ Profa. Dra. Ana Cláudia de Araújo Teixeira
/ Prof. Dr. Fernando Carneiro/
Profa. Dra. Vanira Pessoa - Síntese com o Prof. Dr. Jeovah Meireles

10.JANEIRO.2019 I MANHÃ

MÓDULO II – Território, Trabalho e Cultura

Debate s/ filme Avatar com Profa. Dra. Ana Cláudia de Araújo Teixeira
Oficina de Cartografia Social c/ Pesquisador/as Profa. Dra. Ana Cláudia de Araújo Teixeira/ Prof. Dr. Fernando Carneiro/ Profa. Dra. Vanira Pessoa/ Profa. Ms. Graça Viana/Prof. Dr. Edenilo Barreira

10.JANEIRO.2019 I TARDE

MÓDULO II – Território, Trabalho e Cultura

Apresentação dos Mapas produzidos

11.JANEIRO.2019 I MANHÃ

MÓDULO V – Água, Saneamento, Agroecologia e CSA

Roda de Conversa com Ms. Alessandro Nunes/Cristina Nascimento/Fco.Nonato/
Ms. Soraya Vanini Tupinambá

11.JANEIRO.2019 I TARDE

MÓDULO V – Água, Saneamento, Agroecologia e CSA

Linha/Trilhas do Tempo da Agroecologia

12.JANEIRO.2019 I MANHÃ

MÓDULO VI – Construção Compartilhada do Conhecimento

Oficina de Sistematização com
Profa. Dra. Vanderléia Laodete Pulga
Apresentação Síntese Criativa produzida nos grupos

12.JANEIRO.2019 I TARDE

MÓDULO VI – Construção Compartilhada do Conhecimento

Exposição Dialogada s/ Sistematização
c/ Profa. Dra. Vanderléia L. Pulga
Preparação Feira do Soma Sempre c/ Ray Lima

12.JANEIRO.2019 I NOITE

MÓDULO VI – Construção Compartilhada do Conhecimento

Feira do Soma Sempre – “apurado”

13.JANEIRO.2019 I MANHÃ

MÓDULO VI – Construção Compartilhada do Conhecimento

Corredor do Cuidado c/ Profa. Dra.Vera Dantas
Roteiro para exercício do Passo a Passo da Sistematização
Acordo sobre próximos passos
Avaliação e Cenopoética final

A Unidade de Aprendizagem II (FIOCRUZ-CE, 2019d), por sua vez, teve como base as produções cartográficas participativas realizadas nos territórios e as sínteses reflexivas dos/as educandos/as a partir das leituras temáticas, ambas vivenciadas no *tempo-comunidade* e articuladas às temáticas propostas em cada módulo, como se pode ver pelo que segue.

UNIDADE DE APRENDIZAGEM/UAII

8.ABRIL.2019 I MANHÃ
ABERTURA DA UAII

8.ABRIL.2019 I TARDE-NOITE
MÓDULO II – Território, Trabalho e Cultura
Apresentação Cartografias Sociais (fotos)
Síntese Cartografias Sociais

9.ABRIL.2019 I MANHÃ
MÓDULO IV – Promoção e Vigilância à Saúde
Teatro-Fórum c/ Profa. Dra. Vera Dantas

9.ABRIL.2019 I TARDE-NOITE
MÓDULO IV – Promoção e Vigilância à Saúde
Exposição dialogada c/ Prof. Dr. Marcelo Firpo
Debate s/ vídeo A história das coisas
c/ Profa. Dra. Ana Cláudia de Araújo Teixeira
Sínteses criativas das obras de Paulo Freire *et al* c/ NAEs

10.ABRIL.2019 I MANHÃ
MÓDULO IV – Promoção e Vigilância à Saúde
Oficina de Mapeamento Injustiça Ambiental e Saúde
no Brasil c/ Profa. Dra. Ana Cláudia de Araújo Teixeira

10.ABRIL.2019 I TARDE
MÓDULO IV – Promoção e Vigilância à Saúde
Apresentação das matrizes produzidas
Saberes e práticas dos territórios

11.ABRIL.2019 I MANHÃ
MÓDULO V – Água, Agroecologia, Saneamento e CSA
Exposição dialogada/ Cultura Alimentar
MÓDULO VI – Construção Compartilhada do Conhecimento
Conversa sobre sistematização (passo a passo, plano e eixo)
/ Profa. Dra. Vera Dantas e Ms. gigi castro
Um possível roteiro para sistematização de experiências

11.ABRIL.2019 I TARDE
MÓDULO VI – Construção Compartilhada do Conhecimento
Metodologias Participativas de Construção do Conhecimento
c/ Profa. Dra. Rocineide Ferreira e
Profa. Dra. Vera Dantas

12.ABRIL.2019 I MANHÃ
MÓDULO VI – Construção Compartilhada do Conhecimento
Oficinas de Vídeo c/ Uirá Dantas e de Cordel com Edson Oliveira

12.ABRIL.2019 I TARDE-NOITE
MÓDULO VI – Construção Compartilhada do Conhecimento
Produção Audiovisual e Produção Oficina de Cordel

13.ABRIL.2019 I MANHÃ
MÓDULO II - Território, Trabalho e Cultura
De sonhação a vida é feita c/ Ray Lima, Profa.
Dra. Vera Dantas, Jair Soares e Juliana Anjos
Feira do Soma Sempre

13.ABRIL.2019 I TARDE-NOITE
MÓDULO I – Sociedade, Estado e Modelo de Desenvolvimento
Mesa Redonda Gênero e Saúde c/ Ms. Lourdes Vicente,
Kaio Lemos e Magnólia Said
Sínteses criativas sobre gênero c/ NAEs

14.ABRIL.2019 I MANHÃ
MÓDULO I – Sociedade, Estado e Modelo de Desenvolvimento
Banho de Som c/ Profa. Dra. Vera Dantas
Júri simulado c/ mediação de Ms. Soraya Vanini Tupinambá
Encaminhamentos finais
Avaliação final pelos NAEs

A Unidade de Aprendizagem III (FIOCRUZ-CE, 2019e) trouxe fortemente o cuidado e a equidade em saúde e na Convivência com o Semiárido. Teve como característica o protagonismo dos/as educandos/as/es na discussão dos temas em cada módulo, principalmente por meio dos Círculos de Cultura.

UNIDADE DE APRENDIZAGEM/UA III

10.JUNHO.2019/MANHÃ – ABERTURA DA UAIII
MÓDULO IV – Promoção e Vigilância à Saúde
Círculo de Cultura s/ Política de Vigilância à Saúde c/ NAE 8
Esquema/resumo Vigilância em Saúde elaborado
p/ Glória Carvalho

10.JUNHO.2019 I TARDE
MÓDULO I – Sociedade, Estado e Modelo de Desenvolvimento
GV GO para trabalhar Políticas de Equidade c/ NAEs 2, 3, 4, 5, 6, e 7

11.JUNHO.2019 I MANHÃ
MÓDULO I – Sociedade, Estado e Modelo de Desenvolvimento
Mesa Redonda Estratégias de Inclusão e Garantia de
Direitos das Populações Tradicionais
e Indígenas c/ Fagna/assentada, Maninha/pescadora,
Kílvia/indígena Tapeba

11.JUNHO.2019 I TARDE
MÓDULO III – Educação Popular em Saúde
Vídeo-debate s/ PNEPS/SUS
Círculo de Cultura/Oficina dos Sentidos s/ PNEPS/SUS c/ NAE 1

12.JUNHO.2019 I MANHÃ/TARDE
MÓDULO III - Educação Popular em Saúde
e MÓDULO V - Água, Agroecologia e Saneamento na CSA
Orientação coletiva das Experiências de Sistematização
de Educ.Pop.em Saúde e CSA
Divisão dos territórios por eixos p/ orientação coletiva
Síntese das orientações coletivas

13.JUNHO.2019 I MANHÃ
MÓDULO III - Educação Popular em Saúde
Círculo de Cultura – Cuidado e Integralidade em Saúde
na Perspectiva Popular

13.JUNHO.2019 I TARDE
MÓDULO III - Educação Popular em Saúde
Vivências Coletivas de Cuidado
Meditação c/ Profa. Dra. Ana Cláudia de Araújo Teixeira
Corredor do Cuidado c/ Profa. Dra. Vera Dantas, Ray Lima,
Jair Soares e Renata Dantas Biodança c/ Renir

14.JUNHO.2019 I MANHÃ
Participação da turma na Greve Geral

14.JUNHO.2019 I TARDE
MÓDULO III - Educação Popular em Saúde
Oficinas simultâneas de Constelação Familiar c/ Profa. Dra. Vera Dantas, Sagrado Feminino c/ Renata Dantas Dantas e Reflexologia com Edvan Florêncio
Depoimentos s/ as Oficinas

15.JUNHO.2019 I MANHÃ
MÓD.V – Água, Agroecologia e Saneamento na CSA
Vivências e intercâmbios de experiências de tecnologias sociais de CSA e farmácia viva
Depoimentos s/ vivências no Ekobé e NEPPSA

15.JUNHO.2019 I TARDE
MÓD. VI – Construção Compartilhada do Conhecimento
Planejamento dos Encontros Regionais
Quadro-síntese do Planejamento dos Encontros Regionais

16.JUNHO.2019 I MANHÃ
MÓDULO VI – Construção Compartilhada do Conhecimento
Orientações sobre Intervenção/TCC c/ Profa. Dra. Ana Cláudia de Araújo Teixeira, Profa. Dra. Vera Dantas, Ray Lima e Ms. gigi castro
Avaliação
Encerramento da UAIII

Fechando esse tópico — e não porque não houvesse muito mais coisas a dizer, mas justamente porque nem querendo seria possível dar conta do que foi a construção desse processo e toda a sua riqueza —, cremos ser interessante aportar o aspecto de inovação do *Curso*. Para tanto, recorramos uma vez mais ao PPC, quando diz que:

O Curso ora proposto traz, portanto, uma inovação ao buscar, através da articulação entre a ANEPS e a RESSADH na concepção e execução da proposta pedagógica, promover o diálogo entre os trabalhadores de saúde, as redes, os fóruns, as articulações, os movimentos sociais e populares que atuam nos

campos da Educação Popular em Saúde e de Convivência com o Semiárido.

> Diante desse contexto, salienta-se a importância do Curso em pauta dado que se propõe a contribuir com a formação de profissionais do campo da saúde e sujeitos populares, além de desencadear ações nos territórios de atuação desses sujeitos; e possibilitar o intercâmbio de experiências nos municípios e regiões envolvidas acerca das experiências de educação popular em saúde e das formas sustentáveis de usufruto do território, tecnologias sociais e estratégias de convivência com o Semiárido, na perspectiva da promoção da saúde. Ademais, vale destacar a relevância da proposta ora apresentada no âmbito do SUS, haja vista seus objetivos de contribuir para a instituição da Política Nacional de Educação Popular em Saúde no SUS nos estados do Ceará e do Rio Grande do Norte envolvendo os diversos eixos de atuação propostos pela PNEPS/SUS; contribuir para inclusão das experiências de educação popular em saúde como práticas de promoção e cuidado em saúde no âmbito do SUS; e desenvolver estratégias de incorporação das experiências e práticas de Educação Popular em Saúde com enfoque na temática saúde, saneamento, água e direitos humanos nos serviços de saúde visando a prevenção, promoção e vigilância da saúde (FIOCRUZ-CE, 2019b, p. 9-10).

Ao mirar as 52 pessoas que concluíram o Curso após seus cerca de ***3 anos de duração***[17], não se pode deixar de perceber o quanto as sementes ali lançadas, na forma multifacetada com que se engendraram os saberes a partir dos Módulos dentro das Unidades de Aprendizagem, germinaram nos mais diversos sentidos — o que veremos a seguir, a partir do tópico sobre os Encontros Regionais e Interestadual, onde se pôde ter uma mostra do que frutificou. E como tinham por base o vivido que cada educando/a trazia para a roda, foram na direção do que Ângela Linhares compartilhou, enquanto reflexão, durante a UAI, ao dizer que:

> (...) o saber da Educação Popular se forja na luta, na luta social! Numa visão tradicional, a gente já naturalizou que a gente aprende as coisas, ou numa universidade ou em qualquer agência, e vai aplicar, vai usar! Não. Sempre Freire disse isso mas vocês viveram antes de ler isso! Vocês viveram primeiro e depois reconheceram — no Freire ou em outras pessoas! — que vocês se formam na própria luta! (LINHARES apud FIOCRUZ-CE, 2019c, p. 40).

[17] **O Curso de Especialização/Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, enquanto realização das Unidades de Aprendizagem no formato dos 6 Módulos já expostos mais os Encontros Regionais e Interestadual aconteceu ao longo de 2019, finalizando com a entrega e a avaliação dos Trabalhos de Conclusão de Curso/TCCs em maio de 2021. No entanto, seu percurso enquanto processo segue até essa sistematização, que se estende até 2022.**

2.2 A GESTÃO COMPARTILHADA DO PROCESSO PEDAGÓGICO

> Tudo isso é o que eu aprendi hoje com vocês: que o centro da Educação Popular hoje, o centro da vida da Educação Popular são os relacionamentos! A gente aprende nos relacionamentos! A troca — eu ouvi isso em todos os grupos! Não vamos reduzir a complexidade dessa troca! Essa troca, nem esse nome "entre-lugar" sustenta essa coisa que eu vi hoje aqui! Não é um entre-lugar só! Não é um não-lugar, como alguns dizem! Não é um lugar institucional! É que o centro são os relacionamentos! Os trânsitos das migrações! Os diálogos! Quando a universidade foi citada aqui, todas as vezes, é quando ela faz uma intervenção social! Não tem nenhuma citação aqui, que eu ouvi hoje — eu fiz a escuta o dia todo! —, nenhuma vez a pessoa diz que aprendeu naquela disciplina, sentada lá! Nenhuma! Quando ela faz uma intervenção social é quando ela realiza. Ninguém diz que aprendeu numa disciplina na universidade: é quando faz uma intervenção que ela realiza esse lugar de relação — e que é muito rico! (Linhares apud Fiocruz-CE, 2019c, p. 41)

Trazemos essa fala pelo que de significativo ela nos remete ao chegar à última parte desta reflexão sobre o *per.Curso da Especialização/Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido.*

Nesse sentido, ao tratar da Gestão Compartilhada desse processo é preciso ter a humildade de reconhecer que não é o fato de ter contado com professores/as doutores/as nem de ser executado por uma das instituições reconhecidamente de expressão em ciência no país, o que permitiu ao curso ser o Curso que foi. Realmente, aquilo que nas reflexões já da Unidade de Aprendizagem I se apontava como a importância das relações, dos relacionamentos, da construção do conhecimento nesse trânsito de um ser para o outro, foi o que deu o esteio, a coragem e a graça para viver tudo o que foi vivido.

Essa fala, porém, não vem de alguém de fora da vida acadêmica mas, sim, de uma autora reconhecida na produção de conhecimentos científicos no campo da saúde e da educação — e que teve participação significativa no processo do *Curso*. A percepção, porém, de que o *diálogo*, esse elemento tão bem tratado por Freire ao longo de toda a sua obra, é fundamental e fundante, e de que o conhecimento não é propriedade de nenhum grupo, de nenhuma classe, de nenhuma faixa etária, de nenhuma raça ou etnia, de nenhum nicho, mas que ele se faz em *relação*, é uma luz, um guia na análise desse processo que, pelos percalços, poder-se-ia dizer esteve relativamente fadado ao fracasso.

Onde localizar, pois, o que fez a diferença e transformou o descaso de um

governo federal com seus compromissos numa experiência exitosa? No compartilhamento da gestão — ou dito de outra forma: na gestão compartilhada! E aqui voltamos para os dois grandes afluentes desse processo — e para as duas grandes mediadoras que tivemos nas pessoas da pesquisadora da Fiocruz-CE, Dra. Ana Cláudia de Araújo Teixeira, integrante da RESSADH, e da Profa. Dra. Vera Dantas, Verinha, integrante da ANEPS.

Esses dois veios, essas duas forças, ANEPS e RESSADH, RESSADH e ANEPS, estiveram o tempo todo presentes: em confronto a partir do diálogo, em diálogo a partir do confronto. E podemos dizer, a partir de nossa aproximação com o Curso nas múltiplas funções que junto a ele exercemos, que poucas vezes vimos um processo em que as forças se confrontassem de maneira tão respeitosa, sem com isso abrir mão, de forma alguma, de sua potência.

Nesse sentido, ter junto e poder contar com a *força* de movimentos, entidades e instituições que fizeram parte do *Curso* e de sua CPP foi também uma forma de construir conhecimento que se fez com todos os elementos com que se trabalhou o tempo todo nesse *per.Curso* — e que outros não são, nem foram, senão os princípios que regem a própria PNEPS/SUS.

A Política Nacional de Educação Popular em Saúde no Sistema Único de Saúde — cujas bases vêm dos anos de 1950 e 1960, passando por todos os revezes vividos por um período de ditadura militar no país nos anos de 1970, e que a partir das lutas encetadas pela participação política de sujeitos sociais imbuídos da sabedoria de que a saúde é um direito inalienável, integram-na à Constituição Federal nos anos de 1980, espraiam-se depois nos anos de 1990 a partir de uma Rede e seguem nos anos 2000 em articulação e movimento até virar essa Política: PNEPS/SUS — tem por princípios, pois: o *diálogo, a amorosidade, a problematização, a construção compartilhada do conhecimento, a emancipação e o compromisso com a construção do Projeto Democrático e Popular.* E com o que nos deparamos ao longo de todo esse processo, da sua concepção à chegada dos/as 52 estudantes ao título de especialistas ou técnicos/as com aperfeiçoamento? *Com o diálogo, a amorosidade, a problematização, a construção compartilhada do conhecimento, a emancipação e o compromisso com a construção do Projeto Democrático e Popular.*

E isso foi tão forte que, ao invés de buscar elencar os meandros de um processo que já se fez explícito a partir de tudo quanto já se disse a propósito do próprio *Curso*, nos faz lembrar e trazer aqui, para compartilhar de que modo pressupomos ter encarado o que encaramos, superado o que superamos, o seguinte trecho:

> As situações-limite não são pontos de estagnação da luta social, ao contrário instigam mudanças, a partir do momento em que o trabalho crítico se instaura na ação humana, propondo os atos-limite que subvertem a dominação e estabelecem o inédito viável (BRASIL, 2012, p. 10).

Esse é um trecho do documento que orientou a formulação da PNEPS/SUS, lançado em 2012, advindo do mesmo Ministério da Saúde que, em outras mãos, foi o que oficializou o corte das verbas para o Curso — tal qual vem fazendo com

questões relativas à educação e à saúde, desde que se instalou o atual governo federal, seja dificultando, seja se omitindo quanto a processos outros.

Se, porém, olharmos tudo o que foi construído — e do qual essas páginas dão uma breve, muito breve ideia —, se olharmos tudo o que foi transformado, tudo o que segue em ação, seja como semente, seja como fruto, seja como desafio, seja como questão, não é possível crer que a PNEPS/SUS já não esteja viva e pulsante, espalhada por cantos desse Semiárido cearense e potiguar, em consonância com o que outros territórios do Brasil também já estão a fazer.

E por isso tudo expressamos nossa gratidão! Dizendo, como os/as cursistas a partir de inspiração no próprio Curso:

> O movimento da poesia
> É alegria do conviver!
> O movimento da poesia
> É alegria do bem viver!
> (canção criada coletivamente - apud FIOCRUZ-CE, 2019f).

Evoé, pois, a todos, todas e todes cujas digitais ficaram gravadas nesse processo!

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Profanações**. Tradução e apresentação Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Comitê Nacional de Educação Popular em Saúde. **Política Nacional de Educação Popular em Saúde.** Brasília, DF, 2012. Disponível em: http://www.crpsp.org.br/diverpsi/arquivos/pneps-2012.pdf. Acesso em: Acesso em: 13 out. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Comitê Nacional de Educação Popular em Saúde. **Portaria No 2.671 de 19 de novembro de 2013.** Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2761_19_11_2013.html. Acesso em: Acesso em: 13 out. 2022.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – CEARÁ. **Guia do Curso de Especialização/Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido:** Unidade de Aprendizagem I. Não publicado. Fiocruz-CE: Eusébio, jan. 2019a, 35 p.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – CEARÁ. **Memória do Projeto "Formação, pesquisa e cooperação social: uma integração possível para a implementação da Política de Educação Popular em Saúde no contexto do semiárido"**. Não publicado. Fiocruz-CE: Eusébio, abr-jul. 2018, 23 p.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – CEARÁ. **Projeto Pedagógico de Cursos de Pós-Graduação: Especialização Lato Senso (PPC)**. Não publicado. Fiocruz-CE: Eusébio, 2019b, 49 p.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – CEARÁ. **Relatoria da Unidade de Aprendizagem** I. Não publicado. Fiocruz-CE: Eusébio, jan. 2019c, 177 p.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – CEARÁ. **Relatoria da Unidade de Aprendizagem II**. Fiocruz-CE: Eusébio, abr. 2019d, 133 p.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – CEARÁ. **Relatoria da Unidade de Aprendizagem** III. Não publicado. Fiocruz-CE: Eusébio, jun. 2019e, 134 p.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – CEARÁ. **Relatoria do Encontro Interestadual.** Não publicado. Fiocruz-CE: Eusébio, 2019f.

FLUSSER, V. **Gestos**. São Paulo: Annablume, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GUERRERO ARIAS, P. Aprofundando o sentido das epistemologias dominantes da sabedoria insurgente, para construir outros sentidos da existência (primeira parte). **Calle 14 jornal de pesquisa no campo da arte** , [S. l.] , v. 4, não. 5 p. 80-95, 2011. DOI: 10.14483/21450706.1205. Disponível em: https://revistas.udistrital.edu.co/index.php/c14/article/view/1205. Acesso em: 26 out. 2022.

MOTA NETO, J. C. da. Por uma pedagogia decolonial na América Latina: Convergências entre a educação popular e a investigação-ação participativa. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas.** v. 26, n. 84. jul. 2018. Disponível em: http://dx.doi.org/10.14507/epaa.26.3424. Acesso em: 13 out. 2022.

OLIVEIRA, E. **Estética Negra como Filosofia Africano-Brasileira de Libertação.** 16 nov. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OCurkfsErdk. Acesso em: 26 out. 2022.

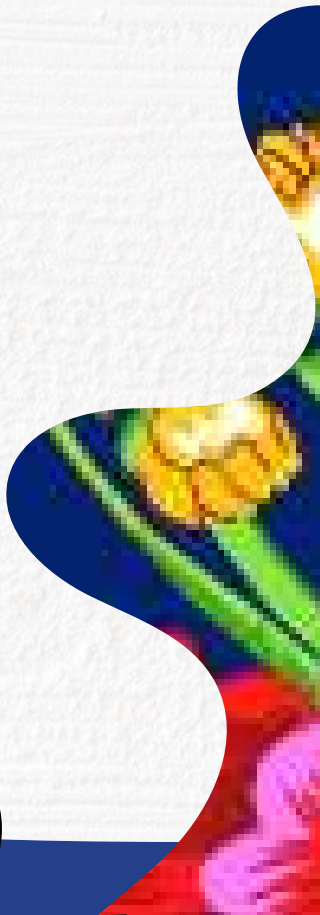
SANTOS, B. **A crítica da razão indolente:** contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2005.

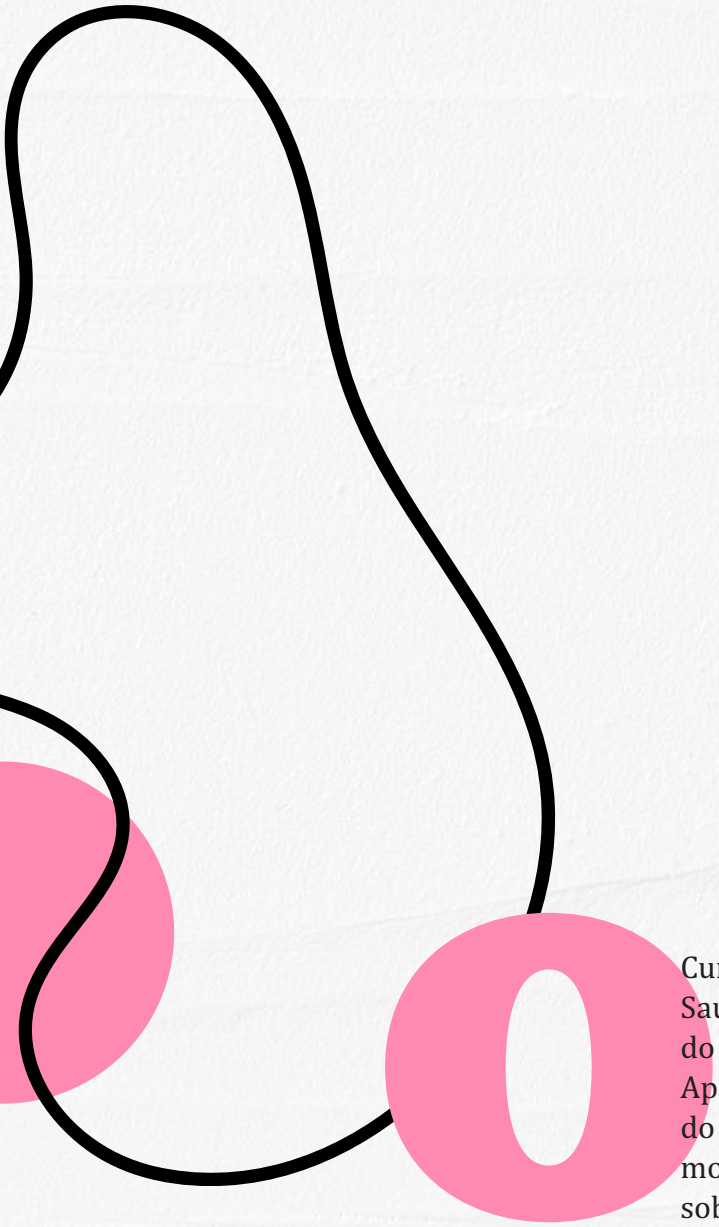
STEINER, R. **A Arte da Educação.** Tradução de Rudolf Lanz. São Paulo: Antroposófica, 2003.

03.

DAS *âncoras* QUE SULEARAM NOSSO *caminhar*: A EDUCAÇÃO popular e seus diálogos

Jair Soares de Sousa
Francisco José da Silva Soares
Maria Ivanilde Fidelis Damasceno Rabelo





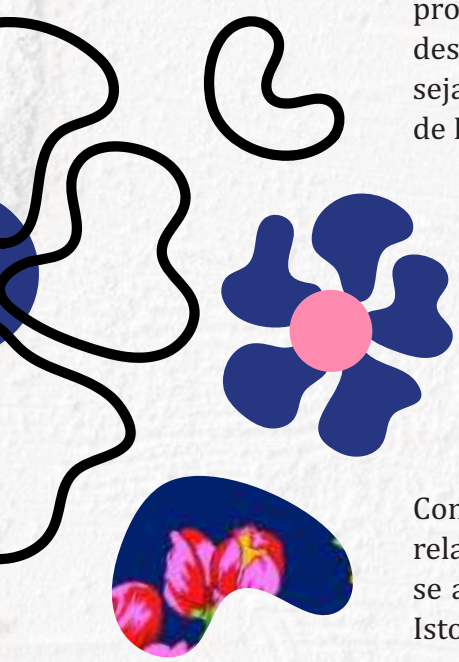
Na educação popular
Ninguém liberta ninguém
As pessoas se libertam
Compartilhando o que têm:
Saberes, experiências,
Conhecimento, vivências
Pra todos viverem bem
(OLIVEIRA apud FIOCRUZ-CE, 2019a, p. 5).

O Curso de Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido foi realizado entre 2019/2020 e desenvolveu-se nas modalidades Aperfeiçoamento e Especialização Lato Sensu. De acordo com o Conselho Nacional de Educação (CNE), essas modalidades de ensino possuem uma longa tradição e sobretudo distinções. A primeira visa a reformulação de conhecimentos e habilidades e envolve diretamente educandos/as que ainda não concluíram o ensino superior. Ao final de um curso de aperfeiçoamento não é exigido o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no formato tradicional. A segunda envolve educandos/as que possuem diploma de graduação, trabalha-se o desenvolvimento de abordagens teórico-práticas e necessita-se de um (TCC) para sua conclusão.

Todavia, podemos ir muito mais além do que essa nomenclatura estabelecida, por isso, indagamos: *como construir um processo formativo tendo como princípio o campo da Educação Popular em Saúde que possa romper com os formatos tradicionalmente estabelecidos de formações autodenominadas "capacitações"?*

Na área da educação e da saúde essa palavra é utilizada há séculos. Em qualquer questão relacionada à formação de pessoas, utiliza-se sempre o termo "capacitação", ou seja, vamos *instrumentalizar* aqueles/aquelas que *não sabem,* vamos capacitar os incapacitados e "dar para eles/elas" os saberes necessários para conduzirem sua prática cotidiana. Muitas dessas *capacitações* ficam restritas aos conhecimentos de ordem teórica e técnica sem problematizar o cotidiano social, político e cultural da prática exercida, as questões éticas e políticas que envolvem a práxis dos/as diversos/as profissionais — e, principalmente, a escuta e a inclusão dos saberes dos/as profissionais e também das comunidades em que estes/as atuam.

Percebe-se que essa perspectiva mencionada anteriormente adota uma visão tradicional de se realizar processos formativos. Muitas vezes, formações/capacitações com uma conotação bancária de ensino, melhor dizendo, a educação pensada e praticada como mera transmissão de conhecimento ancorada em abordagens pedagógicas em que o educador/professor "sabe de tudo e deposita o seu conhecimento e intelecto nas mentes dos educandos". Paulo Freire (1921-1997) na obra *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa* (1996), questionava o problema da relação verticalizada no processo educativo. Essa verticalização não se dá apenas no processo em si, mas principalmente na construção do próprio processo — desde o pensar na elaboração da formação até em sua prática acontecendo, seja na sala de aula ou fora dela. Nesta perspectiva, seguimos com a citação de Freire (1996), que problematiza tal questão:



> Se, na experiência da minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar que o formador é o sujeito em relação a quem me considero o objeto, que ele é o sujeito que me forma e eu, o objeto por ele formado, me considero como um paciente que recebe os conhecimentos — conteúdos — acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos (FREIRE, 1996, p. 24-25).

Compreende-se que a verticalização do processo ensino-aprendizagem na relação entre educador/a e educando/a contribui negativamente para que se alcance processos autônomos em relação ao ato de ensinar e aprender. Isto significa que o/a educador/a que se coloca como aquele/a que *deposita* o conhecimento não está se libertando de seu processo castrador. Além de tudo, consegue tolher a possibilidade dos/as educandos/as serem sujeitos dos seus processos de aprendizagem.

Tais práticas educativas sustentam uma visão cartesiana e ao mesmo tempo positivista porque tendem a separar o sujeito e o objeto do processo de

aprendizagem. Este contexto trata os processos vitais como meros repasses técnicos-científicos, desse modo, tais questões nos mobilizam para pensar e agir de outra maneira. A proposta do método racionalista sistematizado por René Descartes (1596-1650) deixa clara a separação entre o *sujeito ou coisa pensante* (res cogitans) em relação à *matéria ou objeto* (*res extensa*) que é algo para ser pensada, determinada e definida pelo sujeito pensante (*res cogitans*) à luz do *res divina*, ou seja, Deus é veraz e com base na veracidade divina surge o conhecimento humano verdadeiro.

Para não sermos arbitrários/as com os conceitos aqui expostos em relação a René Descarte e ao seu método racionalista e geométrico, é importante destacar que em sua busca pelo conhecimento verdadeiro, Descartes aposta em um caminho dedutivo para se alcançar a verdade absoluta sobre si mesmo e sobre o conhecimento humano. Durante esse percurso o filósofo se afastou de tudo o que ele considerava como esdrúxulo, imperfeito e da ordem das sensações para buscar um entendimento mediado pela ordem racional e matemática. A obra fundamental em que Descarte vai tratar destas questões é a Regulae ad directionem ingenii de 1628, antes mesmo de redigir sua obra mais famosa, que é o *Discours De La Méthode,* publicado na Holanda em 1637. Segundo Fragoso (2011), por volta de 1628, ao redigir as *Regulae ad directionem ingenii,* Descartes introduz o termo latino scientia para indicar o tipo de conhecimento que busca: "Toda ciência é conhecimento [*cognitio*] certo e evidente."

A concepção positivista possui sua raiz em Saint Simon (1760-1825), contudo consolida-se com os estudos de August Comte (1798-1857) e outros autores como Spencer (1820-1903). Esse pensamento reforça uma ideia de ciência como fundamento de uma nova ordenação social e reconhece a exatidão dos processos e a técnica como único meio para o desenvolvimento das sociedades. Percebe-se que de um lado temos o foco no sujeito detentor do intelecto e do saber e, do outro, a exatidão da técnica como base para as sociedades. Tais escolas de pensamento influenciaram por demais os processos educativos e formativos, sejam na área da saúde ou em outras áreas de conhecimento.

Neste sentido, precisamos pensar outros modos de se construir e produzir formações que possam envolver os sujeitos do processo educativo na própria condução, reflexão, mobilização e produção coletiva dos conhecimentos desenvolvidos no seio do diálogo e da problematização das realidades sociais na relação Eu-Tu. Martin Buber (1878-1899) nos alertou sobre a importância da relação "Eu-Tu". Na sua concepção, os processos e os sujeitos vão se constituindo mediados pelo diálogo em contraposição à relação "Eu-Isso". "O Eu não é, repetimos, uma realidade em si, mas relacional" (BUBER, 2009).

Nas Palavras de Buber (2009. p. 8), "não se pode falar em Eu sem o mundo, sem Isso ou sem o Tu". A reflexão de Buber traz a dimensão do diálogo como fundamento essencial das construções humanas e podemos percebê-la como sendo apropriada para a produção de processos educativos que propõem formas e maneiras horizontais de construção.

Valendo-nos das reflexões de Buber, Freire e outros pensadores que tratam da importância do diálogo, apontamos que a proposta deste Curso não adotou uma postura convencional de formação. Pelo contrário, começou-se por refletir criticamente sobre o modelo do *Curso*, as metodologias necessárias para gerar uma produção de conhecimento de forma coletiva e política no campo da saúde, levando em consideração os princípios do *diálogo, da amorosidade, da problematização da realidade e do compromisso com um projeto político, democrático e popular de sociedade.*

Para escrever sobre esse processo tendo como bússola uma perspectiva mais metafórica e poética, associamos essa construção às águas de um rio: quando em dia de chuva densa, sua correnteza é fortalecida com o potencial maior de força e a rapidez em seu percurso, capaz de transformar rapidamente seu caminho e as suas margens em direção ao seu objetivo de chegar ao encontro do mar. Por este ângulo, refletir sobre as dimensões, matrizes, princípios e abordagens deste processo tendo como referência a Educação Popular, além de desvelar os caminhos percorridos, propicia compreensão e a reflexão sobre as possibilidades de outras experiências serem recriadas e contribuírem para a tessitura de saberes populares transgressores e descolonizadores. Transgredir é se tornar sujeito pensante, um sujeito que contribui ativamente para no seu eterno processo de *aprender-ensinar-aprender.*

Assim se deu esse percurso envolvendo sujeitos que caminham em diversas áreas do conhecimento e propiciando experiências que foram vividas com muita força simbólica para os/as sujeites que as protagonizaram e que foram atravessadas/os e transformadas/os durante a jornada. Tivemos: artistas populares, educadoras populares, rezadeiras, poetas, agricultoras, médicos/as, enfermeiras, pedagogas, filósofos, cuidadoras, atores, artesãs, agentes de saúde, cenopoetas, biólogas, terapeutas, arte-educadores/as, farmacêutica, pesquisadoras etc. A educadora popular e educanda, Sávia Augusta Régis em seu TCC, destaca a importância da construção do *Curso*:

> Essa história começa em 2017 quando um grupo de educadores e educadoras populares começam a sonhar com o Curso de Especialização/Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido. O Curso foi sendo gestado por meio de encontros, diálogos, afetos, amorosidade, lutas e militância. Ele foi fruto da interação entre instituições e movimentos que se apoiaram na Política Nacional de Educação Popular em Saúde no Sistema único de Saúde-PNEPS/SUS (RÉGIS, 2020, p. 9).

Neste seguimento, a construção do Curso foi sendo produzida em diálogo com os movimentos sociais e populares, tanto da área da saúde como de outras áreas, perfazendo assim, o que se conhece por transdisciplinaridade — vale dizer, o que vai além da interdisciplinaridade. Segundo Nicolescu (1999) quanto à transdisciplinaridade, o prefixo "(trans) diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreen-

são do mundo presente para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento" (NICOLESCU, 1999).

Nessa construção tivemos, então, a Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde/ANEPS-CE; a Rede Saúde, Saneamento, Água e Direitos Humanos para o Semiárido\RESSADH. De acordo com o *Relatório da Unidade de Aprendizagem* I (2019), esses movimentos congregam os diversos sujeitos e coletivos que promovem, acolhem e embalam muitas ações conjuntamente aos movimentos sociais, sem as quais os territórios cearenses e potiguares certamente sofreriam bem mais impactos, num contexto de crescente desterritorialização e de violação aos direitos humanos em todos os âmbitos. Vale salientar que o Curso — apesar de ter conseguido o financiamento do Ministério da Saúde por meio da Coordenação Geral de Apoio ao Controle Social, à Educação Popular em Saúde e às Políticas de Equidade (CGASOC), do Departamento de Apoio à Gestão Participativa(DAGEP) e da Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa(SGEP), além da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) — foi fruto de muita luta social.

Desse modo, o desenvolvimento do *Curso* envolveu uma diversidade de saberes e práticas de vários territórios das chamadas Macrorregiões de saúde do Ceará: Cariri, Sertão Central, Sobral, Vale do Jaguaribe e Litoral Leste, Fortaleza/Região Metropolitana e Oeste do Rio Grande do Norte. Ressaltamos que os diversos sujeitos foram refazendo o caminho da formação, além da própria estrutura desenhada inicialmente.

Como mencionamos acima, o *Curso* trouxe uma estrutura desenhada coletivamente pelos diversos movimentos, mas o caminho foi sendo refeito pelo fato do percurso da formação acolher os diversos saberes dos sujeitos do processo. Isso significa que os momentos de mística, as práticas culturais, os acolhimentos e as trocas de saberes foram sendo redesenhadas com os saberes que cada sujeito e movimento traziam para partilhar. A articulação de saberes que foram produzidos na experiência dialoga com o trecho do cordel produzido pelo cuidador e educador popular Edson Oliveira, que mesmo não participando do Curso como educando, teve significativas contribuições na construção da proposta curricular, atuando como educador durante o Curso e com suas produções artísticas, tais como o folheto de cordel intitulado *Mané Tolo e Zé Sabido e a Política Nacional de Educação Popular em Saúde*, que faz parte do Guia do Curso/UA I. Seguimos com o trecho do cordel:

O povo tem sabedoria
Independente da idade
Do lugar onde vive
Quer no campo ou na cidade
É bom a gente aprender
Que na arte de viver

> Não existe faculdade
>
> Não há quem saiba de tudo
> E quem não saiba de nada
> Conversando é que se entende
> E durante a caminhada
> Tu me ensina, que eu te ensino
> E assim vamos seguindo
> Até o fim da jornada
> (OLIVEIRA apud FIOCRUZ-CE. 2019a, p. 5).

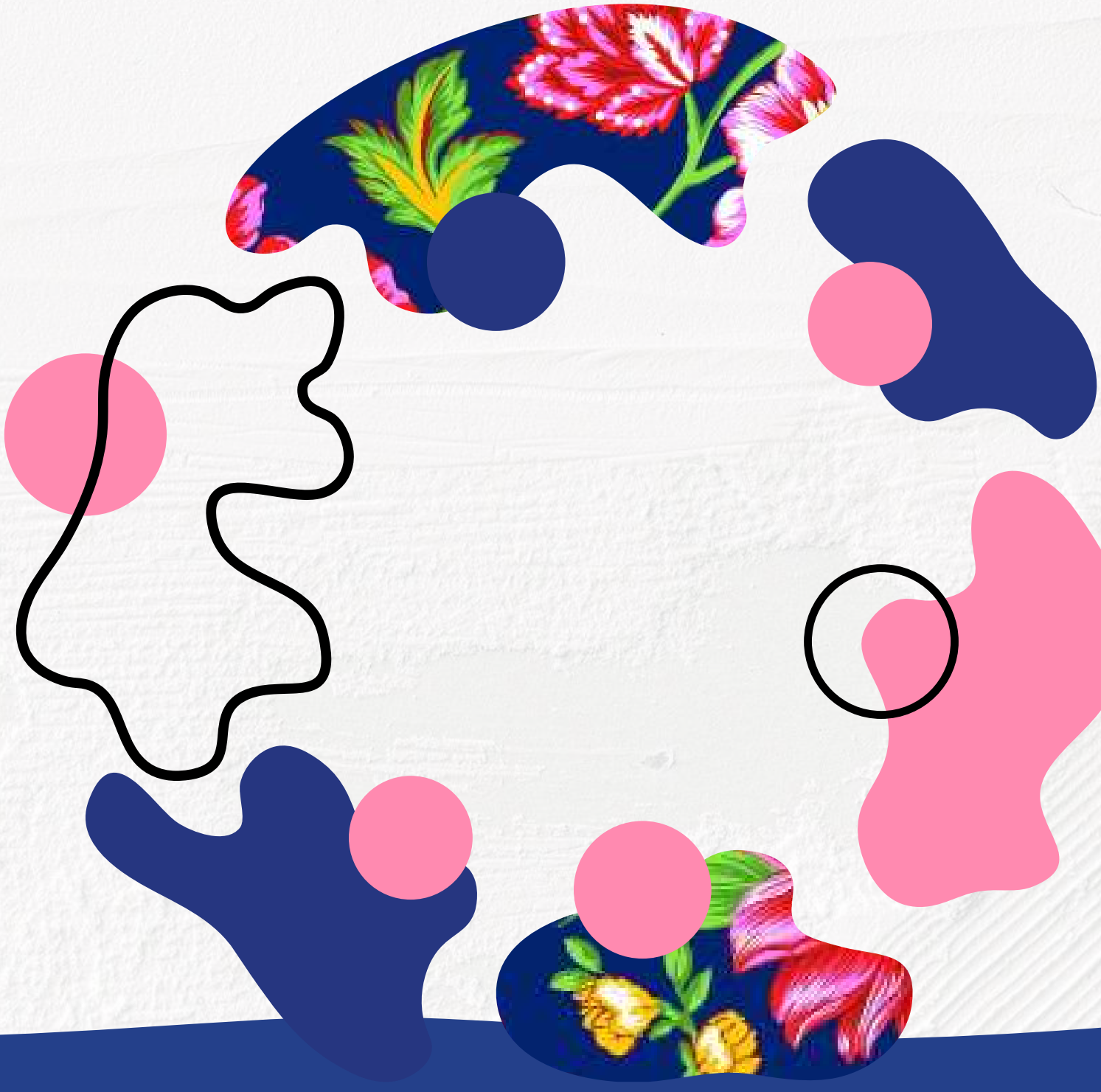
As trocas e ensinamentos produzidos nas rodas de acolhimento, nos círculos de cultura, nas intervenções *cenopoéticas,* nos corredores de *cuidado*, nas *Feiras do Soma Sempre*, no tribunal simulado, nas construções da *linha do tempo* da Educação Popular em Saúde e da Agroecologia e nas *sínteses criativas* foram sendo gestadas de forma colaborativa e sempre partindo das experiências dos/as seus/suas protagonistas.

Ray Lima reflete sobre isso no encontro de sistematização com a Coordenação ampliada do *Curso*:

> [...] eu não consigo ver por Unidade, mas consigo ver a unidade disso! Primeiro, essa coisa de onde a gente partiu: de um processo de vários coletivos, de experiências acadêmicas, movimentos sociais, e um coletivo pra dar conta disso — à base de muita discussão, estudo, muitas reuniões, pra chegar no encontro que seria o Curso! E o Curso como sendo o per.Curso [...]. Mas a gente partiu das raízes do agir/pensar. A gente foi partindo das nossas experiências e ali a gente foi vendo o que colocaria dentro do Curso. Havia uma proposta de conteúdo, mas a gente foi atualizando isso com a experiência das pessoas, dos movimentos, das instituições e que foram dando sentido ao Curso (LIMA apud FIOCRUZ-CE, 2019e, p. 6).

As reflexões vão nos permitindo visualizar como essa construção se ressignifica em ato considerando o contexto vivido no país e as possibilidades deste se constituir espaço de rearticulação de movimentos e outros sujeitos/as como pesquisadores/as, educadores/as, trabalhadores/as do campo da saúde em um tempo histórico de desarticulação entre os movimentos populares e de ameaça à democracia — e revelam a necessidade de socializar os aprendizados como estratégia de fortalecimento dessa rearticulação:

> A gente viu as articulações que se fez para o Curso, eles começam a exercitar isso quando começam a trabalhar formas de difundir os conhecimentos que produzem! (LIMA apud FIOCRUZ-CE, 2019e, p. 11)



3.1 LUZES PARA A PRODUÇÃO DE LEITURAS CRÍTICAS DA REALIDADE: DO RITUAL À CARTOGRAFIA SOCIAL

Por se constituir em um processo pedagógico articulado, intencional e coletivo, é possível identificar dimensões educativas, entre as quais evidenciamos a dimensão sociopolítica que se revela principalmente na análise crítica da realidade e considerando a educação contextualizada e comprometida com as necessidades das pessoas em suas comunidades e territórios com a produção de saúde e de vida, com a participação e a democracia, com a possibilidade de pensar coletivamente ações de transformação da realidade na perspectiva da justiça, da igualdade, com enfoque de gênero, raça/etnia, classe e geracional, respeito às diversidades e produzindo transformações na realidade social e nas relações humanas e destas com a natureza.

Como caminho de leitura da realidade nesse processo, destacamos a potência da Cartografia Social que se constituiu a partir da produção de mapas com expressões geográficas, culturais, sociais, ambientais e de saúde, dialogados com os sujeitos pertencentes ao território. Por meio da cartografia foi possível realizar a leitura coletiva da realidade, pois permitiu "saber de quando está acontecendo alguma coisa na comunidade, saber os instrumentos/ferramentas para fazer análise e compreender as possibilidades de que acontece no seu interior, os impactos" (FIOCRUZ-CE, 2019b, p. 38).

A Cartografia social foi introduzida no Curso já na Unidade de Aprendizagem I como parte do Módulo II: Território, Trabalho e Cultura. Na ocasião, os/as educandos tiveram a oportunidade de fazer um exercício em grupo de construção de mapas dos territórios escolhidos por eles/as a partir das questões orientadoras "O que ameaça a saúde e a vida nos territórios?" e "O que promove a saúde e a vida nos territórios?". Nesse exercício realizado em formato de oficina os educandos/as receberam as orientações para elaborarem a cartografia social com as comunidades em seus territórios de moradia e atuação. Essas cartografias sociais realizadas nos territórios foram apresentadas e discutidas na Unidade de Aprendizagem II, tendo sido a base para a discussão sobre Vigilância da Saúde no Módulo IV: Promoção e Vigilância à Saúde no Território. A propósito, a cartografia social possibilita um olhar problematizador sobre as várias dimensões que atravessam o território, fundamental para o desenvolvimento das ações de vigilância da saúde em articulação com a atenção primária em saúde.

A técnica da cartografia social da forma como proposta no Curso tem sido utilizada em pesquisas participativas como a pesquisa-ação e a pesquisa-participante para subsidiar a elaboração de plano de ação com vista ao desenvolvimento de ações de enfrentamento aos problemas e ameaças identificadas e de fortalecimento das potencialidades e dos elementos que promovem a saúde e a vida nos territórios (PESSOA, 2010; ALVES, 2013; TEIXEIRA; RIGOTTO, 2013). Ademais o mapeamento participativo pode ser utilizado como uma das etapas em processos participativos de territorialização em saúde no âmbito do SUS, particularmente na atenção primária em saúde com o objetivo de identificar as necessidades de saúde que orientem

as ações que podem ser desenvolvidas na perspectiva da atenção integral à saúde envolvendo os sujeitos dos diversos segmentos que vivem, trabalham ou atuam no território de alguma maneira (PESSOA, 2013).

Soares (2020) também reflete sobre a importância dessa abordagem em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

> Cada educando e educanda foi convidado/a a entrar em seus territórios e realizar e construir coletivamente com a comunidade uma Cartografia Social e com isso realizar intervenções nas ameaças aos territórios apontadas nas produções das cartografias sociais para promover ações e atividades que pudessem melhorar e intervir em uma problemática diagnosticada na cartografia. Por fim, tivemos a última Unidade de Aprendizagem, que foi a Sistematização de Ações Afirmativas em Educação Popular em Saúde e Convivência com o Semiárido nos Territórios. Neste momento, fomos convidados a pensar e sistematizar experiências e práticas promotoras de saúde em nossos territórios. Assim, cada pessoa olhou para uma ação e/ou experiência da comunidade na qual estava inserida e sistematizou o que estava sendo realizado nas suas regiões — sistematização de experiências e ações que contribuem com a saúde em suas mais distintas dimensões e promovem a vida saudável nos lugares em que estão situadas (SOARES, 2020, p. 10).

Desse modo, a cartografia social construída de forma participativa, para além de abordagem para diagnóstico e leitura crítica da realidade identificando ameaças à saúde e à vida e também potencialidades de promoção à saúde e a vida nos territórios, foi uma das bases para a sistematização coletiva das experiências de Educação Popular em Saúde e de Convivência com o Semiárido referenciada na proposta de Oscar Jara Holliday (JARA HOLLIDAY, 2006). Também se constituiu âncora para o Projeto de Intervenção elaborado como um instrumento de luta junto às comunidades que se propuseram fazer um diagnóstico territorial participativo com intervenções e elevação das potencialidades vividas, reafirmando também a concepção de Educação Contextualizada — uma das bases da Educação Popular como caminhos pedagógicos libertadores, esperançadores e democráticos.

> O investimento e os esforços não foram pequenos para o Curso construir-se como uma ação democrática de produção de conhecimento, criando espaços comuns e permanentes de aprendizagens para educandos, educadores, equipe de coordenação e atores-atrizes parceiros do início ao fim do percurso. E sendo o Curso tal percurso para se chegar a um possível encontro, marcado pelo desejo de compreensão e superação da desesperança instalada que cada vez mais se agrava no Brasil e se expande

> pelas Américas, não havia outra saída senão cuidar de cada momento como único e fundamental como o um da expressão cada um (LIMA apud FIOCRUZ-CE, 2019e, p. 12).

O princípio da construção compartilhada do conhecimento no processo pedagógico do Curso se expressa como ação cooperativa e solidária e — dizia-nos Ray Lima no *tempo-escola* — como sonhação coletiva em que educandos/as se percebiam sujeitos/as do processo e, buscando romper as vaidades individuais, se percebiam em aprendizados que seriam socializados com seus movimentos no *tempo-comunidade*. E ele arremata articulando o processo pautado na cooperação como potência revolucionária:

> Alertávamos já no primeiro momento, no ritual de abertura do curso na Fiocruz-CE, que ali não havia apenas 70 pessoas, mas milhares de anos de experiências humanas em contato, em conexão umas com as outras. Essa interação geraria muitas aprendizagens mútuas com possibilidades de mudanças consideráveis no interior das pessoas — e microrrevoluções daí surgirem. Hoje é possível verificar tanta potência criativa remexida pelo processo vivido e agora refletido! Quando visualizamos em conjunto, enxergamos os séculos de experiência manifestarem–se, fluírem — o que está para além dos nossos 25, 50, 60, 70 anos de existências biológicas individuais! Vemos a grandeza disso. A riqueza revelada pelo percurso caminhado, a robusteza do reflexo da produção coletiva que luz sobre o que fomos e somos capazes de fazer cooperativamente. Potência que é revolucionária porque é também amorosa e eticamente cuidadosa (LIMA apud FIOCRUZ-CE, 2019e, p. 11).

Essa perspectiva de construção compartilhada termina por produzir uma espécie de borramento dos limites entre educandos/as, educadores/as e Coordenação — e nos conduz a uma outra dimensão: a da gestão compartilhada. E Ray Lima lembra que desde a proposição inicial, o Curso se propunha a um movimento capaz de gerenciar e animar o processo coletivamente, tendo como princípios a dedicação, o estudo e a criatividade:

> Ora, o que refletimos é o que nos propusemos viver e vivemos juntos numa espécie de enxameamento — estágio muito elevado de conexão que reduz consideravelmente o limite das autorias individuais — onde ninguém sabe mais quem é autor do quê e quem é gestor do processo em curso. Aproximamos ao que diz o poeta Reginaldo Figueiredo: "quando todos nós entendemos que de nada somos donos, teremos tudo". Houve momentos, durante o Curso, de grande enxameamento em que não sabíamos quem era quem no Curso. Quem era educando/a ou educador/a. Quem

> coordenava e quem estava sendo coordenado/a. Todos e todas se sentindo gestores de seus tempos, conhecimentos, de suas vidas naquela ação de aprendizagens (LIMA apud FIOCRUZ-CE, 2019e, p. 11).

À ideia de gestão compartilhada soma-se a perspectiva de autogestão — que se materializa a partir do corte do financiamento por parte do Ministério da Saúde:

> Os próprios NAEs retomaram e seguraram a onda — e dali foi subindo de novo. Isso foi fundamental pra chegar na quase destruição de um meteoro que vem de fora pra rebentar com tudo, que chega dizendo que não vai ter mais recursos — e os educandos dizerem: não, nós vamos continuar! Eles saíram da UA II com a clareza de que não podiam mais abandonar o barco, que eles mesmos tinham construído. O Curso como uma experiência humana, não como titulação — e essa diversidade foi fundamental pra sustentação do Curso mesmo, pra sua continuidade. Foi tão forte isso, que eles nos puxaram! Não tinha outra saída pra Coordenação, senão acompanhar e ir com mais força pra cima disso. Na UA III já estava claro que os resultados do Curso já tinham acontecido, pela decisão dos/as educandos/as de continuar! E numa relação de autogestão incrível! (LIMA *apud* FIOCRUZ-CE, 2019e, p. 6).

Outra dimensão que emerge do processo é o cuidado — que também se revela, a um só tempo, como princípio e abordagem pedagógica, transpassando toda a formação:

> O Curso teve a preocupação de perceber, acolher, ensinar e cuidar dos educandos e educandas partindo da ótica de perceber as pessoas como um todo, por isso que o cuidado esteve presente desde a matriz curricular. Isso é pensar na saúde dos indivíduos e indivíduas, principalmente tendo em vista que esse foi um Curso voltado para educadores e educadoras populares que atuam em territórios vulneráveis, cheios de histórias que envolvem questões sociais que afetam suas comunidades e, consequentemente, suas vidas. Então esse espaço do Curso foi um lugar para aprender, problematizar, ser cuidada e também cuidar (RÉGIS, 2020, p. 33).

O cuidado como dimensão/princípio/abordagem pedagógica parece contribuir com o rompimento de uma orientação conteudista e bancária — e aproximar-se da possibilidade de construir aprendizagens como ritual, como interação, em rede, como encontro. Ray Lima lembra: "Educação é

um ritual antigo e poderoso. E como tal precisa ser encarada, dando-lhe a devida importância, dedicando-lhe o cuidado necessário e interminável" (FIOCRUZ-CE, 2019b, p. 12). Essa dimensão ritualística, muito presente nas abordagens vivenciadas nos movimentos populares, parece ter se constituído fortaleza, sustentáculo à permanência dos educandos e educandas, como expressa Ray Lima:

> E essas experiências vão trabalhar aquilo que a UAI trouxe muito forte: recuperar as nossas ritualidades! E partindo daquilo que pode nos unir. Daquilo que foi e continua sendo o ponto de unidade dos povos originários, quilombolas, das nossas gentes nas comunidades — que é o ritual! O primeiro encontro criou as bases pra segurar as ondas da UA II [...]. As pessoas vivem isso na UA I e na UA II as pessoas são atravessadas pela quebra disso nas comunidades, porque como diz Chiquinho do Aldenor, você vai esquecendo seu ser de ser — e se desequilibra pelo seu ser de não-ser, que chega em pacotes. E teve todo um trabalho da gente fortalecer isso na UA II — e com os NAEs! O mais bonito desse processo foi as pessoas jovens dizerem que isso foi o que sustentava elas no Curso. Até agora os Encontros Regionais reafirmaram isso: que a ritualidade é fundamental pra conseguir resistir e continuar. Isso aclara a produção de conhecimento: os padrões de conhecimento que destroem o bem viver e os que fortalecem isso (LIMA apud FIOCRUZ-CE, 2019e, p. 6)

Um dos modos em que a dimensão ritualística se expressa e que foi presente em todo o desenrolar do Curso foram as místicas. O educando Flaviano Paz relata em seu Trabalho de Conclusão de Curso:

> A primeira característica da mística como relação que pude perceber no contexto desse Curso foi de vê-la como um ato coletivo. A começar pela necessidade de se ter um grupo, que no nosso caso foram os NAEs, para pensar, preparar e conduzir os momentos de mística. Esse envolvimento na preparação da mística criou entre seus membros uma maior proximidade nas relações, como também uma abertura para acolher as ideias e sugestões da melhor forma de apresentação das temáticas a serem abordadas no momento de mística (PAZ, 2020, p.29).

As *místicas* revelavam uma beleza e potência metodológica que se expressava nas manifestações de sabedoria e resistência dos sujeitos nos territórios trazidas para dialogar com a academia e as instituições. Como não se encantar e aprender com tantas expressões de conhecimentos populares surgidas e manifestadas nas simbologias das imagens de mártires, das sementes, das ferramentas dos/as camponeses/as, dos instrumentos dos/as profissionais

de saúde, das culturas étnicas, raciais, dos povos tradicionais, de homens e mulheres e tantas outras?

E quanto à proposta pedagógica, outra questão fundamental diz respeito ao território:

> O território, nesta perspectiva, é o chão da ciência, da vida, das superações, dos atos-limite, dos inéditos-viáveis, das paixões tristes e alegres, das sonhações e recriação da vida no lugar. É ali que está muito do que produzimos e dão sentido ao que produzimos em termos de conhecimento. Esse olhar sobre nós mesmos, nossas práticas, sobre os territórios e os modos como as aprendizagens se dão, essa diversidade de olhares aponta que tão importante quanto aprender é aclarar e construir os caminhos próprios de aprendizagens (LIMA apud FIOCRUZ-CE, 2019e, p. 11).

As palavras de Ray Lima expressas na simbologia deste encontro de biomas na abertura do *Curso* realizado na Fiocruz Ceará marcam um percurso de muitas reflexões críticas e problematizadoras sobre a realidade de cada sujeito engajado e estão entrelaçados à Educação Popular em Saúde e à Convivência com o Semiárido nos territórios da biodiversidade do saber:

> O Curso também mostrou isso. Cada um no seu papel, do seu lugar, sem precisar chamar atenção de gente grande. Acho que isso tudo, com essas barreiras todas — e conseguir furar isso, quem vai furar isso são os territórios! E o lugar que vai dar a possibilidade de continuar a vida é esse retorno pro território, da necessidade da luta, mas do sensível. A menina do Dendê falou isso: a relação da culinária com a arte, ela disse: o que faço com o que aprendo? O que faço com o que sei? Pra ela foi fundamental, no lugar onde ela, produzir conhecimento pra quê? Acho que foi esse o grande desafio das raízes do agir/pensar, de onde elas estão. Essa passagem da intuição: da arte, da ciência, do ritual à cultura de consumo, da cooperação à competição, do interesse coletivo ao interesse individualista; a capacidade de criar saída para os atravessamentos, que vêm de fora para arrebentar! Como construir essas possibilidades dentro do processo! (LIMA apud FIOCRUZ-CE, 2019e, p. 6).

Nesse sentido, em seu Trabalho de Conclusão de Curso, a educanda e Agente Comunitária de Saúde Maria Aparecida de Oliveira Nicolau relata a experiência do

> (...) processo de territorialização participativa, que culminou em

> uma produção cartográfica coletiva, realizada no território de saúde Centro I, cidade de Quixadá-Ce. Uma vivência que possibilitou a participação popular e a interação da comunidade com a equipe multiprofissional e intersetorial, imprimindo uma proposta inédita no modelo de territorialização e cartografia social do município de Quixadá/CE (NICOLAU, 2020, p. 16).

Vemos, assim, como a leitura de Ray Lima é muito precisa quanto ao entrelaçamento entre a construção de conhecimento no *Curso* e suas consequências nos territórios — ou dito de outra maneira: como a Vida no seu sentido mais amplo se articula com tudo o que foi experienciado pedagogicamente.

3.2 AS TESSITURAS ARTÍSTICAS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO CURSO

A arte — em interação com a ritualidade e o *cuidado* — emerge também como princípio, abordagem e dimensão pedagógicas em diálogo com a Educação Popular, e nos leva a refletir como se atravessaram no desenrolar dessa experiência, desde a feitura da proposta até sua execução e finalização, como fomentadoras de *inéditos viáveis.*

> [...] não é um momento anterior à tomada de consciência, após o qual se passaria à ação consciente. A Educação Popular é um processo permanente de teorização sobre a prática ligado, indissoluvelmente, ao processo organizativo das classes populares (LIMA *apud* FIOCRUZ-CE, 2019c, p. 11).

Os encontros no *tempo-escola* foram embalados pela arte contribuindo com o acolher, expressar, criar, problematizar e agir-refletir-agir. Os cortejos articulavam *cenopoeticamente* música, poesia, teatro, constituíam-se em estratégias de animação, integração e traziam uma alegria contagiante a desvelar a importância da alegria nos processos de ensino-aprendizagem. A *amorosidade* como princípio pedagógico da Educação Popular se desvelava nos atos cenopoéticos, nas místicas, animadas por educandos e educandas a partir dos Núcleos de Aprendizagem e Ensino – NAEs, que pareciam materializar o esperançar freiriano. Como disse a educadora Dorinha: "tantas expressões culturais que nos alimentam e dão forças pra continuar resistindo diante de tantos desafios em todos os campos dos movimentos sociais e da Educação Popular" (ALVES apud FIOCRUZ-CE, 2019c, p. 26).

A convivência com a arte por meio da cenopoesia, da música, da poesia, do cuidado, das culturas dos/as sujeitos/as/es de diversos "ecossistemas, afirmavam a importância da sabedoria popular na saúde e na Convivência com o Semiárido e nos lembrava de nosso papel social em cuidar do outro". Como diz Ray Lima, "é um princípio da Educação Popular: *cuidar do outro* é cuidar de mim; cuidar de mim é cuidar do mundo!".

> Neste sentido, construímos uma imagem do Curso como uma experiência humana inadiá-

> vel e imprescindível. Não como mais uma sessão de treinamento, reciclagem profissional, de preparação técnica para o mercado de trabalho ou uma formação qualquer, mas como uma experiência de gente que está junta aprendendo muitos conteúdos que lhes são úteis para sua existência imediata e futura, sabendo e aprendendo umas com as outras. E essa diversidade, esse colorido de olhares, de aprofundamento do olhar sobre a condição humana do grupo, tornou-se fundamental para a sustentação do Curso, para sua continuidade, porque possivelmente se fosse por uma formalidade ou pela simples motivação de adquirir um certificado, certamente não teríamos continuado (LIMA apud FIOCRUZ-CE, 2019e, p. 6).

A arte em sua potência criativa foi também canal de expressão de amorosidade reflexiva e de alegria; uma arte que anseia por transformações, mudanças pautadas em paixões alegres. Arte que também se fez luta, cuidado, acolhimento, síntese criativa, provocação poética, lúdica e amorosamente transcendente. Que nos permitiu mergulhar nas essências humanas de pessoas que se permitiram aprender e ensinar no ato cotidiano de existir em comunhão com os pares e seus diferentes, sem pré-julgar ou excluir os preteridos.

> Perceber os aprendizados das leituras sobre Educação Popular e movimentos no contexto da América Latina, expressas em poemas, cenas, músicas, cordéis. A cenopoesia mais uma vez se apresentava como linguagem dialógica e polifônica produzindo sínteses e fechando a ritualidade do dia iniciada pela mística (SOARES. 2020, p. 43).

A arte e o *cuidado* como âncoras pedagógicas fizeram emergir uma matriz importante referenciada por Freire como fundamental em um processo de Educação Popular: a corporeidade. Freire nos faz refletir sobre um corpo consciente que escreve, fala, luta, ama, odeia, sofre, olha as estrelas, corpo que vive! (FREIRE, 1985) — e que contribui para a transformação da realidade. Em suas palavras:

> Somente pela compreensão da unidade dialética em que se encon-

> tram solidárias subjetividade e objetividade podemos escapar ao erro subjetivista como ao erro mecanicista e, então, perceber o papel da consciência ou do "corpo consciente" na transformação da realidade (FREIRE, 1981, p. 108).

Para trazer uma das cantigas de Ray Lima no tempo-escola:

O corpo eu
O corpo eu
O corpo ele é meu, é teu!

A cor do corpo que voa
Está na cor do que se vê!
O corpo da cor da alma
É de acordo com você!

Ai, balance o corpo!
O corpo é mole!
Sustente a voz,
Solte rebole!

O brilho do corpo que sonha
Vem da alma que ele tem
Se é durável a vida ou não,
Será cuidar o que a sustém

3.3 DOS INSTRUMENTOS E ABORDAGENS PARA UMA CAMINHADA PARTICIPATIVA E PROBLEMATIZADORA

Algumas abordagens que o *Curso* propiciou promoviam a integração de vários princípios e dimensões. Aqui trazemos os *círculos de cultura e da Feira do Soma Sempre* como exemplos emblemáticos em que a Educação Popular se manifesta problematizando a realidade dos sujeitos de diversos territórios, articulando a historicidade e o diálogo de saberes que se expressavam articulando arte, criação, *cuidado*, ritualidade. Essas e outras abordagens educacionais participativas fundamentadas na Educação Popular, na Pedagogia da Alternância (*tempo-escola e tempo-comunidade*) e no protagonismo do/a educando/a, foram símbolos de fortalecimento de todo o percurso.

Além das abordagens pedagógicas, diversas técnicas como *júri simulado, linhas* ou trilhas do tempo, mandalas, entre outras. Como abordagens participativas e problematizadoras abriam espaço para a produção de s*ínteses criativas* individuais ou coletivas, que podiam emergir de *círculos de cultura, de Feiras do Soma Sempre*, da leitura de textos, exposições dialogadas, exposição de vídeos, e referenciando os(as) sujeitos(as) e seus contextos.

Para Vanderléia Pulga, a "síntese é sempre a partir do olhar de quem está fazendo. Sempre ao construir reflexão sobre experiências, há que ver quem está construindo esse olhar — e que interesses tem" (PULGA *apud* FIOCRUZ, 2019c, p. 151).

Colocamos, assim, a título de exemplificação, versos construídos como síntese do aprendizado acerca da temática gênero e saúde:

Feminismo é uma prática
De luta e afirmação
De uma história bem difícil
Por respeito e inclusão
Pra barrar o preconceito
O machismo que é defeito
E fazer revolução

A mulher que até hoje
É menos favorecida
Mostra força e habilidade
Mas ganha menos na firma
Sendo desvalorizada
Muitas vezes reprovada
Por não ter medo da vida

Um fator muito importante
Que merece atenção

Saúde da mulher negra
Que tem muita precisão
É o racismo presente
No hospital indecente
Constrangendo sem razão

Valorizem as mulheres
Só parem de nos matar
Nos deixem viver em paz
Sem nos bater e estuprar
Pois são tempos diferentes
Vamos por unhas e dentes
Pra nessa vida sonhar...
(FIOCRUZ-CE, 2019d, p. 122).

Nessa perspectiva as abordagens vividas no *Curso* trouxeram reflexões em uma perspectiva crítica e problematizadora da realidade dos sujeitos com atuação nos territórios, visualizando transformações locais, onde o coletivo social passou a repensar suas atitudes no cuidado com a saúde e Convivência com o Semiárido. Esse repensar incluiu a reflexão crítica sobre as desigualdades sociais e outras situações-limite, sob a ótica da Educação Popular que inclui a historicidade e os saberes populares, compartilhados pela comunidade no território.

Esse território do saber trilha um percurso de partilha de conhecimentos, expressado por lutas e resistências de um coletivo que traz consigo a Educação Popular como uma utopia libertadora e vislumbra horizontes de esperançar e resistência comunitária, vivenciada pela arte, pela solidariedade, comprometimento coletivo e engajamento social.

> A ideia não é fazer comparações entre a rezadeira, a medicina, a produção humana — é o que posso escolher para me comunicar, para me qualificar na relação com o outro e seus mundos! Qualificar relação! Quando eu qualifico minha relação, eu gero paz, saúde, alegria, amorosidade! Isso que chamo energia tratada! "A qualidade do que a gente produz está diretamente relacionada à qualidade das relações que estabeleço com o outro" (Lima apud FIOCRUZ-CE, 2019d, p. 42).

E Soares sintetiza:

No princípio a arte
Em seu ser transcendente
Na busca íntima do cuidado, da provocação,

Do prelúdio, dos encontros e desencontros
Da dimensão sociopolítica do processo pedagógico
Que territorializar e desnortear
Nos permitindo sulear
Em nossas práticas e teorias
Em que a mística, a Arte-educação, o cuidado
São intrinsecamente fundantes de nossos sonhos
De uma Educação Contextualizada com nossos
Fazeres e reflexões em meios aos nossos Festejos Populares (SOARES, 2020)[18].

[18] Poema produzido como síntese artística reflexiva da Unidade de Aprendizagem II.

REFERÊNCIAS

ALVES, P. A. **Vigilância popular da saúde:** cartografia dos riscos e vulnerabilidades socioambientais no contexto de implantação da mineração de urânio e fosfato no Ceará. 2013. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Departamento de Saúde Comunitária, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

BUBER, M. **Eu e Tu.** Tradução de Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2009.

DESCARTES, R. **Meditações sobre filosofia primeira**. SP: Editora Unicamp, 1999.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - CEARÁ. **Guia do Curso de Especialização/Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido:** Unidade de Aprendizagem I. Não publicado. Fiocruz-CE: Eusébio, jan. 2019a. 35 p.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - CEARÁ. **Guia do Curso de Especialização/Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido:** Unidade de Aprendizagem II. Não publicado. Fiocruz-CE: Eusébio, abr. 2019b. 45 p.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - CEARÁ. **Relatoria da Unidade de Aprendizagem I.** Não publicado. Fiocruz-CE: Eusébio, jan. 2019c, 177 p.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - CEARÁ**. Relatoria da Unidade de Aprendizagem II**. Não publicado. Fiocruz-CE: Eusébio, abr. 2019d, 133 p.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - CEARÁ. **Relatório de Sistematização** – Curso de Especialização/Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido. Icapuí, nov. 2019e, 15 p.

FRAGOSO, E. A. R. **O método geométrico em Descartes e Spinoza**. Fortaleza (CE), EdUECE, 2011.

FREIRE, P. **Ação cultural para a Liberdade.** 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P. **Educação e mudança.** 10. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JARA HOLLIDAY, O. **Para Sistematizar Experiencias.** Tradução de Maria Viviane V. Rezende. 2. ed. Brasília: MMA, 2006.

NICOLAU, M. A. O. **Territorialização participativa e cartografia social:** ressignificando saberes e fazeres nos processos de trabalho na estratégia de saúde da família. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido) - Fundação Oswaldo Cruz, Fiocruz Ceará, CE, 2020.

NICOLESCU, B. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. Tradução de Lucia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 1999. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4147299/mod_resource/content/1/O%20Manifesto%20da%20Transdisciplinaridade.em: 13. out. 2022

PAZ, F. G. **A Mística no Processo de Aprendizagem do Curso de Especialização em Educação Popular, Promoção de Territórios Saudáveis e Convivência com o Semiárido:** Uma Narrativa Autobiográfica. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido) - Fundação Oswaldo Cruz, Fiocruz Ceará, CE, 2020.

PESSOA, V. M. **Abordagem do território na constituição da integralidade em saúde ambiental e do trabalhador na Atenção Primária à Saúde em Quixeré - Ceará.** 2010. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Departamento de Saúde Comunitária, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2010.

PESSOA, V. M. et al. Sentidos e métodos de territorialização na atenção primária à saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 8, p. 2253 – 2261, 2013. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000800009. Acesso em: 26 out. 2022.

RÉGIS, S. A. O. **Narrativa Autobiográfica sobre o Cuidado no Percurso Pedagógico do Curso de Especialização em Educação Popular, Promoção de Territórios Saudáveis e Convivência com o Semiárido.** Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido) - Fundação Oswaldo Cruz, Fiocruz Ceará, CE, 2020.

SOARES, F. J. da S. **Narrativa Autobiográfica sobre a Cenopoesia no Percurso Pedagógico do Curso de Especialização em Educação Popular, Promoção de Territórios Saudáveis e Convivência com o Semiárido.** 2020. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido) - Fundação Oswaldo Cruz, Fiocruz Ceará, CE, 2020.

TEIXEIRA, A. C. A.; RIGOTTO, R. M. **Territorialização em Saúde:** estudo das relações produção, ambiente, saúde e cultura na atenção primária à saúde. Relatório Técnico Científico. PRODOC/CAPES, 2013, 202 p.

04.

ENCONTROS REGIONAIS E *interestadual*

O QUE SE PÔDE

COLHER

na articulação entre o DESENHO CURRICULAR, a diversidade de temas e o diálogo interdisciplinar

Ana Cláudia de Araújo Teixeira
gigi castro
Vera Lúcia de Azevedo Dantas
Vanderléia Laodete Pulga

> Dentro do processo de Educação Popular, a maior tecnologia é a gente! Pra gente não desistir de fazer as coisas por falta de instrumentos. Os antigos não tinham microfone, data-show, caixa de som, nada — só o corpo e a expressão do humano. Aqui, o maior material somos nós! Por isso a gente tem que estar completamente atento a saber como está o nosso corpo na saúde e na doença, na alegria e na tristeza (MACIEL apud FIOCRUZ-CE, 2019b, p. 74).

Importa dizer, para começar este escrito e atentas ao que nos remete a epígrafe acima, que o Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido foi, se assim o quisermos, um feito. E o foi porque num tempo onde o que é maquínico (ou relativo à tecnologia) exerce uma influência tamanha sobre as sociedades a ponto de se tecer analogias entre sistemas vivos (vide: organismos) e as máquinas, muito do Humano encontra-se em risco de perder-se como Ulisses, de volta à Ítaca, quando exposto ao canto das sereias. É preciso fincar-se em si mesmo/a, compreendendo esse Si Mesmo/a de maneira ampliada (ou seja, incluindo o Outro, a Outra) — e é preciso ter a coragem de confiar nos processos coletivos para que se possa verdadeiramente atravessar o mar de ilusões em que nos encontramos e para que não caiamos na armadilha de achar que a solução de nossas questões (para não dizer problemas) vai advir apenas de nós mesmos/as.

Em se tratando do Curso, e baixando dessa panorâmica para um zoom sobre situações bem concretas, a questão material bateu à porta muito cedo. Dos cerca de 600 mil reais a ele destinados, e já prestes a realizar a Unidade de Aprendizagem III, tendo recebido até então apenas 200 mil reais como repasse, tivemos que mobilizar toda a rede de educandos/as, educadores/as e parcerias para dar a sustentação necessária para que o processo inicia-

do não se interrompesse ali como quem nada, nada e morre na praia, uma vez que o Ministério da Saúde simplesmente sustou o compromisso firmado e não se pôde mais acessar os recursos destinados para a consecução do processo.

Esse movimento de articulação foi deveras desafiador no sentido de percebermos, enquanto Coordenação Político-Pedagógica/CPP, se os princípios que nos orientavam de fato eram apropriados por todes, e não tão somente por quem coordenava.

Uma pista possível quanto a essa questão, no que foi a resposta que tivemos dos/as educandos/as quando nos foram impostos esses limites quanto ao financiamento do projeto, é que os processos eram por demais: vivos! O que se vivenciou ao longo do Curso quer quanto às cartografias sociais, aos desafios postos na relação Estado-sociedade-modelos de desenvolvimento, à concepção e experiências relativas à Agroecologia, aos usos e cuidados com a Água, ao Saneamento e à Convivência com o Semiárido, às possiblidades de intervenção a partir das relações geradas pelo Trabalho e pela Cultura nos diversos âmbitos e ambientes nos Territórios, ao que sejam a Promoção e Vigilância à Saúde, à própria Educação Popular em Saúde e ao que foi toda a Produção Compartilhada de Conhecimento — entrelaçados por místicas, amorizações, rodas de conversa, círculos de cultura, construções de linhas do tempo de lutas sociais no campo da Educação Popular e da Agroecologia, sínteses criativas de conteúdos, livros e processos expressas nas linguagens do teatro, cordel, música, dança, artes plásticas, sociodramas, contação de histórias, cantigas de rodas, programas de rádios, assim como por momentos de cuidado e autocuidado com banhos de som com taças tibetanas, corredor do cuidado, vivências em reflexologia, constelação familiar, sagrado feminino, biodança, além de oficinas de sistematização, cordel e audiovisual, dos cortejos, das Feiras do Soma Sempre e da cenopoesia presentes cotidianamente — teve, nos Encontros Regionais e no Encontro Interestadual, essa resposta confiante, afirmativa, diversa, plural e plena de significados.

Lembrando, em termos de cronicidade, todo esse vivido, temos que o tempo-escola foi vivenciado, nas três Unidades de Aprendizagens/UAs, da seguinte forma: UA I de 7 a 13 de janeiro, UA II de 8 a 14 de abril e UA III de 10 a 16 de junho de 2019, ou seja, com um intervalo de dois meses entre cada UA. Da última UA até o primeiro Encontro Regional, que se deu no Cariri, mais precisamente na cidade do Crato, decorreram pouco mais de três meses: foi o tempo necessário para que o conjunto dos/as educandos/as pudesse se organizar para, de alguma forma, expressar as forças que mobilizaram em âmbito comunitário, municipal e regional no sentido de alcançar o que era o objetivo geral do Curso, ou seja:

> Contribuir com a qualificação e fomento à educação permanente e organização político-social de trabalhadores/as da Rede SUS e de militantes dos movimentos, coletivos e práticas de Educação

[19] Rudolf Steiner, na conferência Os doze sentidos e os sete processos vitais aponta que existimos a partir da percepção com os seguintes sentidos: 1.do tato 2.vital ou da vida 3.do equilíbrio 4.do movimento 5.do olfato 6.do paladar 7.da visão 8.térmico ou do calor 9.da audição 10.da palavra 11.do pensar 12.do eu (alheio) (STEINER, 1997, p.17). O desenvolvimento desses sentidos se dá de modo a acompanhar o desenvolvimento da própria vida humana, qual seja: os 4 primeiros no 1° setênio (0-7 anos), os 4 segundos no 2° setênio (7-14 anos) e os 4 últimos no 3° setênio (14-21 anos), que são os períodos iniciais da vida humana.

> Popular em Saúde e de Convivência com o Semiárido nos estados do Ceará e Rio Grande do Norte, no sentido de subsidiá-los/as a contribuir de maneira crítico-reflexiva com o processo de implementação da Política Nacional de Educação Popular em Saúde no Sistema Único de Saúde em diálogo com as Políticas de Promoção da Equidade em Saúde (FIOCRUZ-CE, 2019a, p. 11).

A partir dessa intencionalidade, o PPC nos provocava a refletir sobre concepções de Estado, sociedade e desenvolvimento, territórios como espaços de produção, reprodução e recriação da vida; a problematizar o processo histórico da Educação Popular no Brasil e na América Latina como práxis emancipatória, discutir e desenvolver estratégias intersetoriais de incorporação das experiências e práticas de Educação Popular visando a Promoção e Vigilância em Saúde como organizadoras do processo de produção, reprodução e recriação da vida no contexto do Semiárido na perspectiva da cooperação social. Ao mesmo tempo, nos levava a experienciar a construção do conhecimento como prática de sujeitos em ação e propiciar vivências que contribuam para facilitar o intercâmbio e socialização das experiências existentes no âmbito dos serviços de saúde e movimentos sociais dos municípios e regiões envolvidas, reafirmando o compromisso com a garantia do direito à saúde, a melhoria da qualidade de vida e a diminuição das desigualdades sociais (Fiocruz-CE, 2019a).

Ora, bem se vê que pouca coisa não era o que se queria. E considerada a (falta de) condição de financiamento de então, é de se pensar que lograr cumprir a carga horária com os Encontros Regionais e o Encontro Interestadual, para além de realizar o tempo-escola da derradeira UA, semelhava um dos 12 trabalhos de Hércules. Esse trabalho hercúleo, pois, foi cumprido — e bem cumprido. Planejados durante a terceira e última UA, após um dia de vivências no Espaço Ekobé, eles se constituíram numa espécie de síntese criativa de tudo quanto se experienciou de janeiro a junho de 2019, em que as singularidades de cada região, o imbricamento entre o que fora compartilhado e a realidade pôde ser sentida também não só com os 5, mas com os ***12 sentidos***[19].

É importante dizer que os Encontros Regionais tinham como fito a apresentação das sistematizações, cartografias sociais e as ações nos territórios feitas nos tempos-comunidade ao longo do processo, mas que os coletivos todos a que estavam atrelados/as os/as educandos/as puderam escolher as formas de expressar ou traduzir essa sistematização. E para que tenhamos ideia, breve ideia, do que foram os Encontros Regionais, tiremos alguns instantâneos, como quem faz um álbum com momentos significativos a partir de suas fotografias ou, ao modo do que muito se fez no Curso, como quem descreve cenas de um ***roteiro cenopoético***[20].

[20] Roteiro cenopóetico é uma articulação de teatro e poesia, na qual se tematiza conteúdos desejados e se o faz a partir dos motes postos, quer por um processo de formação, quer a propósito de uma campanha, quer para sistematizar uma experiência, ou seja, é uma forma de arte aberta a muitas possibilidades. Tem como uma das grandes referências o cenopoeta Ray Lima, com farta produção nesse gênero — e no âmbito da Educação Popular em Saúde, a utilização de roteiros cenopoéticos tem sido uma constante.

4.1 ENCONTRO REGIONAL DO CARIRI: A POTÊNCIA DA CULTURA POPULAR EM SUA DIVERSIDADE INTERCULTURAL

Começando pelo Crato, em 20 de setembro de 2019, o Encontro Regional de Educação Popular em Saúde na Convivência com o Semiárido foi realizado dentro da 6a Semana Freireana do Cariri, promovida pela Escola de Política Pública e Cidadania Ativa/EPUCA. O evento teve o apoio da ANEPS-Cariri, EdPopSUS, Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva, Rede de Educação e Cidadania, GRUNEC Crato-CE, Prefeitura do Crato, Prefeitura de Barbalha e Cáritas Diocesana do Crato.

Figuras 1 e 2 – Convite do Encontro Regional de Educação Popular em Saúde na Convivência com o Semiárido. Crato-CE, 20 de setembro de 2019.
FONTE: ACERVO DO CURSO

O Encontro, que contou com cerca de 100 pessoas, começou com a fala de acolhida do GRUNEC e seguiu com o Grupo Arte e Tradição de Santo Antônio de Arajara, que a partir do Mestre Gil já foi dando esse recado:

> Aproveita cada momento que o tempo não volta!
> O que volta é a vontade de voltar no tempo!
> Também sinto muita saudade do mestre Valdemar
> E o seu barracão, corta braço era lá!
> Aproveita cada momento que o tempo não volta!
> O que volta é a vontade de voltar no tempo!
> Nas cantigas de capoeira eu faço poesia:
> Quem me dera voltar pra ver mestre Pastinha!
> Aproveita cada momento que o tempo não volta!
> O que volta é a vontade de voltar no tempo!
> (MESTRE GIL apud FIOCRUZ-CE, 2019d, p. 3)

Figura 3 – Encontro Regional de Educação Popular em Saúde na Convivência com o Semiárido do Cariri – Crato-CE, 20 de setembro de 2019.
Fonte: Acervo do Curso

Cientes de que o tempo não volta, quase como um carpe diem, prosseguiu-se com um roteiro cenopoético intitulado ABRAÇADOS E ABRAZADOS MANTEMOS VIVA A CHAMA: A Trajetória da Educação Popular em Saúde no Cariri Cearense, em que se percorreu a história da região desde a Confederação do Equador, em 1817, passando pela "atuação emancipadora do padre Mestre Ibiapina, do milagre da hóstia saída das mãos do Padre Cícero, vertendo sangue na boca da beata Maria de Araújo, da guerra de 1914, a sedição de Juazeiro, do Caldeirão da Santa Cruz do Beato José Lourenço" (RELATORIA DO ENCONTRO REGIONAL DO CARIRI, 2019, p. 6) até chegar, nas cenos de 1 a 4, a plasmar todo um contexto de experiências vivas e atuantes no território, quer de arte, artesanias, modos de vida e cura, organização e agricultura, educação, cultura, sujeitos e personagens, postos em cena pela cenopoesia:

CENO 1: Um tempero nessa caldeirada de revoluções, desde 2004 é a presença marcante da ANEPS-Cariri e das lutas para criação e implementação da PNEPS-SUS.

CENO 2: Marcada na pisada do coco de dona Edite e as mulheres do coco da Batateira, corporificada no teatro e canto performático de João do Crato, no discurso de Abidoral Jamacaru, gravada na xilogravura de Carlos Henrique, na batida do maneiro pau de Mestre Cirilo, curada e reinventada na homeopatia popular de Tolovi e Ciçô na permacultura, nas ervas das Mezinheiras do Pé de Serra, no grito da negritude na luta do GRUNEC, representado por Valéria e Verônica Carvalho.

CENO 3: Na ação da Cáritas, da ACB, da Fundação Araripe, trazendo as pautas do Semiárido para o diálogo, água para beber, produzir e viver agroecologicamente conectadas às redes como a RECID, o Fórum Araripense de Prevenção e Combate à Desertificação.

CENO 4: Seu Juvenal e a Casa de Sementes Crioulas, livres da hibridez e da transgenia, sementes da solidariedade na amorosidade de Iracema Mariano, mobilizando as rodas e farinhadas, na poesia e intervenção urbana do mestre Alexandre Lucas, do Coletivo Camaradas fazendo ressurgir do espaço excluído um território criativo de poesia, palavra e cuidado na Comunidade do Gesso, nos cordelistas e poetas poematizando saúde, na ousadia do SESC Crato que sentiu a necessidade de adjetivar um Seminário de Educação em Saúde proposto para a rede SESC, acrescentando um popular que faz toda a diferença, e todos/as que representam tudo que foi tocado e implicado pela Educação Popular em Saúde. E a roda como imã, atraindo novos atores/

> atrizes! (Roteiro Cenopoético Abraçados e Abrazados Mantemos Viva a Chama: A Trajetória da Educação Popular em Saúde no Cariri Cearense apud FIOCRUZ-CE, 2019d, p. 6-7).

Ao longo de todo o roteiro cenopoético — costurado por Alex Josberto, Sandra Nyedja, Rita de Cássia, Rosineide Rosas e Ana Paula (educandas/o que compuseram o coletivo da região) — pôde-se também conhecer, como numa cartografia social, as potencialidades e ameaças de Ponta da Serra e de Santo Antônio do Arajara, tudo bem cerzido a poesia e findando com Ray Lima e Verinha Dantas contribuindo para o azeitamento do momento, realizado que foi num auditório de cadeiras fixas mas que acolheu o movimento dos movimentos que ali se encontravam:

> Alex: como acabar o que não tem início nem fim? Nós somos um círculo, sem começo nem fim! [Verinha puxa a canção]
>
> Somos um círculo
>
> Dentro do círculo
>
> Sem início e sem fim!
>
> [de novo a roda grande no auditório]
>
> Ray: 'tá bonito! O universo do Cariri! É assim que funciona o planeta Cariri! Vê aí como se reinventa rapidamente o mundo? O espaço com cadeira fixas, tentando negar o movimento, mas o espaço é reinventado pelo nosso movimento, o inédito viável! (SAMPAIO; DANTAS; LIMA apud FIOCRUZ-CE, 2019d, p. 16).

Mudando de local como quem passa de uma estação a outra no percurso empreendido, o coletivo seguiu com a conversa em roda, agora, sim, num círculo. E nele se rememorou um pouco da trajetória da ANEPS (fundada em 2003) em paralelo à história que foi dar na construção da Política Nacional de Educação Popular em Saúde/ PNEPS/SUS (2014). A partir desse trajeto e linkando o tempo todo a articulação local com o movimento nacional, provocou-se o grupo presente a refletir sobre seu papel na continuidade desse processo, já que:

> (...) seguindo esse movimento, esse Curso traz pra roda a possibilidade de efetivar a Política Municipal de Educação Popular em Saúde a partir da experiência dos grupos e coletivos comprometidos com essa ideia. E hoje nós temos a possibilidade das práticas integrativas! Mas não podemos seguir sem estar junto com os grupos que lutam pela efetivação dos direitos sociais. Por isso estamos junto com os movimentos e lutas, partindo do que a gente tem de força e energia, a partir do saber e da força que trazem em si o inédito viável! De estar fazendo e não de iniciar — o que vamos ver hoje à tarde, já está na roda há muito tempo.

> Hoje, no estado do Ceará, não temos essa política implementada, mas temos um movimento importante com o Conselho de Saúde que aponta, a partir da fala dos territórios e das populações, as práticas integrativas como um elemento do cuidado com a saúde (DANTAS apud FIOCRUZ- CE, 2019d, p. 21).

E porque há falas que são como um guia, um alerta, escutemos o que disse Ray Lima, rememorando o processo vivido nesse dia e cujas reverberações ecoavam em todes ali presentes:

> O que a Educação Popular traz de importante pra gente é que: amar não se faz sozinho — a gente precisa até de alguém que está dentro de si mesmo, que precisa ser descoberto. Quantos estão dentro da gente que ainda precisam ser descobertos? Movimento pra dentro/movimento pra fora! Isso não estou inventando nada! É a respiração! Pra dentro, pra fora. E esse movimento de se observar, de se descobrir — e quando a gente está se descobrindo, descobre mundos possíveis. E Paulo Freire, quando fala de não se acomodar a essas forças que ameaçam os sujeitos, lembra o que aprendi muito com os pescadores: quando tem um peixe grande, ele não enfrenta direto, ele dá linha, e passa horas e horas até o peixe se cansar e poder trazer o peixe pra dentro do barco. Lidar com as forças que querem nos destruir também exige isso.(...) O tempo todo estamos ameaçados! (...) É preciso fazer um estudo disso e pensar em como imobilizar o inimigo. A capoeira faz isso: porque tem forças que querem te dominar. A gente está no momento de ampliar nossa capacidade de resistir, de dentro de um contexto como esse, não deixar de viver, não deixar de criar, não deixar de ser feliz. A grande questão da Educação Popular é como ser feliz em contextos que têm a infelicidade, o desamor, a destruição como metas! A ponto de chegarmos ao ponto de ter a "pedagogia da destruição" como política de governo! De dar armas aos que destroem o ambiente, envenenam a terra e que produzem alimentos que não matam a nossa fome. A Educação Popular nos traz pra esse campo de refletir sobre o modo de vida que o ser humano cria, que mexe e destrói a natureza. Não seremos capazes disso? (LIMA apud FIOCRUZ – CE, 2019d, p. 21-22).

A fala do educador Ray Lima também convocou os/as participantes do encontro a assumir o protagonismo de suas vidas, da necessária subversão às normas dos espaços instituídos quando estes ameaçam a nossa capacidade de criar e de nos expressar:

> A Educação Popular nos faz refletir sobre nossa capacidade de intervir na vida e de ser gestores de um novo mundo! A gente viu isso hoje de manhã, quando a gente estava num auditório de cadeiras fixadas e nos mexemos, subvertemos uma educação e uma polidez que não serve pra nada, com nossa raiz indígena, negra, ibérica! O Cariri hoje deu demonstração da beleza de contar a história da Educação Popular, da força cultural revolucionária do Cariri! Vocês fizeram a reconstituição da história do Cariri e do Ceará! E brincando! (LIMA apud FIOCRUZ-CE, 2019d, p. 22).

Em sua fala emblemática, Ray Lima aponta a educação popular como abordagem inclusiva de diversas concepções que nos remetem à importância dos diálogos com a saúde e a educação permanente, provocando os/as profissionais de saúde a repensarem os modos de dialogar e se comunicar com a população:

> E a Educação Popular não nega nenhuma epistemologia: o que importa é reconhecer com que linguagem eu acesso o outro, com que linguagem eu posso me comunicar com o outro. A gente se comunica pra quê? Pra se melhorar! Não é comunicação de dimensão tecnológica, que é de transmissão, de dados — a comunicação humana é no olho, no abraço, isso é energia pura, isso é comunicação! (LIMA apud FIOCRUZ-CE, 2019d, p. 22).

E dentre as várias possibilidades de, enquanto trabalhadores/as da saúde e agentes de processos de educação permanente em saúde da região promover diálogos com a comunidade, destacamos as que apontaram alguns e algumas participantes:

> Aqui, nesse momento de hoje, a gente está vendo a representação da educação permanente. E percebe, com o PET e a Residência, que quando o conhecimento se baseia na realidade pra levar pra academia, ele se torna um processo mais saudável. Nesse processo de trazer a Educação Permanente em saúde pra dentro das instituições, a gente faz um movimento inverso de um processo mais rígido: a gente traz o aluno pra ser protagonista, pra dialogar com a comunidade e que dê a devolutiva pra sociedade (AGOSTINHO[21] apud FIOCRUZ-CE, 2019d, p. 23).

> Vou destacar as mil maneiras de aprender e atuar nos territórios. Trabalho há 14 anos na Ponta da Serra, mas há 3 anos existiu uma transformação, porque unimos universidade (PET), com o serviço e a comunidade. Porque ao longo dos anos, eu fazia meu papel de enfermeira, dentro do consultório — e vi que saúde se faz além dos

[21] Coordenador da Educação Permanente em Saúde da SMS/ Crato-CE.

consultórios, se faz no território! (**NYEDJA**[22] *apud* FIOCRUZ-CE, 2019d, p. 23).

> A gente está num tempo de ameaça, que a gente é cobrada por indicadores — e a gente lida com pessoas! E hoje eu saio fortalecida, porque momentos como esse são fundamentais. Não sei o que acontece, que o negativo tem muito mais força. E a gente tenta fazer saúde, entendendo que não é só o remédio que resolve. Não é isso: a gente precisa de algo mais! A gente precisa que o profissional (médico, enfermeiro) tenha essa sensibilidade, mas acho que não pode só esperar que a universidade dê conta: a gente tem que mobilizar a nossa comunidade! A gente hoje tem um projeto em que a gente trabalha com plantas medicinais, oficinas pra capacitar e mobilizar, o CMBio está junto, a casa de memória da comunidade, de resgate, de saberes. A gente não tem espaço na nossa unidade e aí busca articular de outras formas. Semana passada tivemos atividade junto com o Curso de Artes Plásticas; hoje e amanhã tem uma farinhada; tem um grupo de maneiro-pau que está tentando fazer mobilização — e a gente sai daqui fortalecida! A gente precisa disso: somar forças, que a gente encontra saída! Gratidão por esses momentos (**CASTRO**[23] apud FIOCRUZ-CE, 2019d, p. 24).

Muito ainda poder-se-ia dizer a respeito desse Encontro Regional. Pensando em seus aspectos marcantes, poderíamos referenciar a capacidade articuladora e integradora dos atores locais, a potência da cultura popular em sua diversidade intercultural, a intersetorialidade articulando saúde, cultura e educação, a Feira do Soma Sempre como caminho para promover o intercâmbio e a reflexão entre os/as diversos sujeites e a cenopoesia como uma espécie de rendeira promovendo o diálogo entre linguagens e culturas. Mas tal qual um instantâneo, ou como ceno, é quanto basta — e passemos, então, para o próximo.

[22] **Educanda do Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido e trabalhadora do Sistema Municipal de Saúde do Crato-CE.**

[23] **Enfermeira da Secretaria Municipal de Saúde de Crato - ESF Baixio das Palmeiras (zona rural).**

4.2 ENCONTRO REGIONAL DO RIO GRANDE DO NORTE/MOSSORÓ: A INTERSETORIALIDADE TECENDO REDES NA FORMAÇÃO E NO CUIDADO EM SAÚDE NO SUS

Figura 4 – Programação do I Encontro Potiguar de Educação Popular, Saúde, Cultura e Equidade na Convivência com o Semiárido – Mossoró-RN, 4 de outubro de 2019.
FONTE: ACERVO DO CURSO

O I Encontro Potiguar de Educação Popular, Saúde, Cultura e Equidade na Convivência com o Semiárido contou com cerca de 40 pessoas: 4 de outubro de 2019. E o ter acontecido num espaço de per si dedicado ao Semiárido — a Universidade Federal Rural do Semiárido/UFERSA, em Mossoró — não pode ser lido como uma mera coincidência: já na amorização inicial, a farinhada trouxe de Janduís a cultura, os palhaços e a arte com a Companhia Ciranda Janduís; de Currais Novos, o cui-

dado com a saúde, com a ancestralidade, com o próximo e consigo mesmo com o ***Terapics***[24] , além da poesia, das praças e da ***Jurema***[25] — que também foi trazida pelo VERSUS junto com os povos tradicionais do Seridó; do bairro de Pereiros se trouxe a resistência e muita luta; da Residência Multiprofissional, a resistência do SUS e a resistência no SUS com a participação da população LGBTQIA+; do Núcleo Sertão Verde de Campo Grande se trouxe tecnologias, organização comunitária e a luta das mulheres; da ANEPS-RN se trouxe a resistência por um SUS justo e equânime, a educação pé no chão, os patriarcas e as matriarcas; da Unidade Regional de Saúde de Mossoró se trouxe o cordel; da própria UFERSA se trouxe a educação do campo, a Educação Contextualizada, as comunidades tradicionais indígenas e quilombolas; da Fiocruz Ceará se trouxe a alegria de animar um processo como o Curso, em que RESSADH e ANEPS comungam a potência do diálogo entre essas duas grandes articulações, além da riqueza de processos participativos onde a arte e a cenopoesia dialogam — e em que:

> ... A CENOPOESIA É APENAS UMA CARTILAGEM, QUE FUNCIONA PARA QUE OS OSSOS NÃO BATAM UNS NOS OUTROS, QUE É A IDEIA DE QUE A GENTE PODE FALAR DE COISAS MUITO SÉRIAS SEM QUE A GENTE PRECISE SE VIOLENTAR. ENTÃO É UMA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO COM CUIDADO,

[24] Terapics é um projeto com práticas integrativas e complementares desenvolvido na Unidade Básica de Saúde Santa Maria Gorete em Currais Novos/RN, com a participação de trabalhadores/as do CAPS, entre as quais Renata Dantas e Paula Érica (educandas do Curso) e Maria Emília de Souza.

Figuras 5 – I Encontro Potiguar de Educação Popular, Saúde, Cultura e Equidade na Convivência com o Semiárido do RN – Mossoró-RN, 4 de outubro de 2019.
FONTE: ACERVO DO CURSO

que nos leva à cura e não ao adoecimento. Outra coisa que a gente aprende com os educandos deste Curso é a resistência: que mesmo com os cortes do governo federal, a gente não deixa de fazer o que tem que fazer. É possível, sim, fazermos as coisas — não devemos deixar de fazer porque tem alguém assumindo o governo pra destruir o país. Acho que o Curso é uma dessas ações importantes (LIMA apud FIOCRUZ-CE, 2019e).

[25] Entidade reverenciada na Umbanda.

Figura 6 – I Encontro Potiguar de Educação Popular, Saúde, Cultura e Equidade na Convivência com o Semiárido do RN – Mossoró-RN, 4 de outubro de 2019.
Fonte: Acervo do Curso

Cientes do inédito viável que se estava vivendo, seguiu-se com a Feira do Soma Sempre, em que jovens de Janduís compartilharam o que é o Ciranduís: Poesia, Palhaçaria, Teatro e Cidadania:

> Ciranda e Janduís
> Da arte é um pronome
> Este grupo de cultura
> Companhia de renome
> Nas ruas do nosso estado
> Ciranduís é o nome
>
> Duas palavras em uma
> Dá nome à companhia
> Um é o nome do lugar
> Da nossa cidadania
> O outro vem das cirandas
> O círculo da alegria (...)
> (FERNANDES apud FIOCRUZ-CE, 2019e, p.13)

e recolheram, quando do apurado da Feira, percepções como as que se seguem:

> A visita na barraca de vocês me emocionou muito, porque é muito parecida com a nossa história, lá em Redonda. Eu fiz parte do Flor do Sol — e eu me vi alguns anos atrás, que é uma história muito parecida, essa história da arte não ter morrido. Hoje o grupo também tem um grupo de crianças — se apresentaram em Fortaleza, no Encontro dos Povos do Mar. E a história de transformar a nossa vida (PAZ apud FIOCRUZ, 2019e, p. 27).

No passeio entre barracas, a experiência de cuidado em saúde mental de Currais Novos também veio na forma de cordel:

> SUStentem os varais das horas
> Ultrapassem a linha da dor
> Costurem ventos de afetos
> Encarem seu dissabor
> Traduzam a palavra existência
> Sacramentem sua essência
> Reinventem sua cor

O caminho aqui tracejado
É composto por histórias
De sertanejas mulheres
Com suas perdas e glórias
Com seus medos, opressões
Amores, sonhos, paixões
Lembranças e trajetórias
[...]
De ciranda em ciranda
A vida foi se ajeitando
As mulheres bem mais fortes
Os dias reinventando
Superando os dissabores
Com bem-querenças e amores
Umas das outras cuidando
(PAULA ÉRICA. Cordel Bem Vivença do Cuidar - apud FIOCRUZ, 2019e, p.18-20).

E do *apurado da Feira*[26], junto à Barraca de Currais Novos, trazemos a colheita expressa por Ana Cláudia Teixeira:

> Achei bem interessante a experiência, porque trata de pessoas com um rótulo que a ciência confere — e a arte desconstrói esse diagnóstico! Na verdade, é uma forma de olhar para esses chamados transtornos, que na verdade não o são: a forma de olhar para essas situações pode desconstruir esses diagnósticos e rótulos. Achei de uma riqueza incrível — e que foi muito bem traduzido na forma de cordel. Maravilhoso saber que no CAPS está se trabalhando com a arte e desconstruir as formas de controle criados pela ciência moderna, através das trilhas que curam (TEIXEIRA apud FIOCRUZ-CE, 2019e, 35, p. 27).

A barraca da Residência Multiprofissional da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte trouxe um painel e um cordel — e gerou um conjunto de falas que se constituiu no apurado, as quais ajudaram a refletir sobre as possibilidades dessa iniciativa de educação permanente em diálogo com a Educação Popular, conforme segue:

> [...] E a Residência entra como a pororoca! Eles mostraram que a Residência se reproduz, se reinventa nos equipamentos onde

[26] O apurado da Feira é o momento de compartilhamento dos aprendizados a pós a circulação das pessoas nas diversas barracas.

> ela passa (ÉRICA apud FIOCRUZ-CE, 2019e, p. 28)!
>
> [...] O papel da Residência aqui nos faz aprender que a luta não é de um dia, nem de um tempo: é para sempre! E dessa inovação pelas práticas de saúde nos territórios. E da formação também: o papel da formação, e depois as pessoas vão para os territórios, com o olhar para a arte, e que os territórios são ricos e têm muito a ofertar (LIMA apud FIOCRUZ-CE, 2019e, p. 28)!
>
> [...] Fico muito afetada! Me toca porque também fui residente. [...]. Sempre que vejo algo que envolve as Residências, a criatividade é algo muito forte, essa criação! Eu não sei o que acontece nessa experiência de ser residente que é a criatividade, e que às vezes depois se perde. Que isso fique, que isso não se perca (DANTAS apud FIOCRUZ-CE, 2019e, p. 28)!
>
> [...] Às vezes quando a gente está muito implicado, não vê tudo o que sabe. Quando me reuni com eles, vi o tanto de saberes que eles já tinham (PAZ apud FIOCRUZ-CE, 2019e, p. 28)!
>
> [...] Isso tudo pra mim é cenopoesia. O papel da linguagem que eu sei conversando com a linguagem do outro. E esse grupo traz a potência do trabalho coletivo (DANTAS apud FIOCRUZ-CE, 2019e, p. 28)!

Por fim, na barraca do bairro Pereiros, tivemos expressa, a partir da narrativa de Luiza, no que se constituiu a experiência:

> Utilizei como ponta pé inicial a cartografia, fiz um paralelo do mapa social que retrata até os anos ‘80 com o mapa atual da área, identificando as ameaças e o porquê que me levou a criar o grupo de mulheres idosas. Os artesanatos confeccionados pelas próprias usuárias mostraram a valorização e a autoestima que elas possuem. Vi a admiração no público que esteve na minha barraca pela mala dos saberes, experiências e vivências, onde utilizei no primeiro encontro do grupo, com o objetivo de resgatar memórias que cada mulher viveu em outras épocas: as fotos que expus no varal ratificavam os momentos coletivos na área. E como produto final que contempla o grupo, principalmente cada mulher, eu fiz uma narrativa cenopoética sobre o grupo e cada mulher que faz o coletivo (OLIVEIRA apud FIOCRUZ-CE, 2019e, p. 22).

No apurado da Feira, como contraponto ao que Luiza aportou, advieram concordância, mas também aportes no sentido da importância do trabalho em coletivo, a despeito de quão complexo isso sempre possa ser:

> Eu fiquei emocionada com a experiência do Pereiro, principalmente com a ideia da mala, aguçando a fala do outro a partir do que você levou. Aquele objeto faz com que ela ressignifique o que ela traz. [...] A trilha da cura está em a gente poder ir ao encontro do outro. No caso da experiência do Pereiro, são pessoas idosas: se elas não vêm, ela [Luiza] vai ao encontro delas. [...] Na Educação Popular tem espaço para quem sofre: do jovem ao idoso, passando pela saúde mental (SOUSA apud FIOCRUZ-CE, 2019e, p. 28).

> Paulo Freire nos ensina que se a gente não pode resolver tudo sozinho, é importante que outros venham pra ir somando. Cada um de nós pode estar presente hoje, mas é importante seduzir outros. Um desafio é: como a gente constrói rede – e como esse grupo da Residência pode se somar à Luiza e se somar? Como os familiares dos idosos podem também se somar? É uma questão importante (DANTAS apud FIOCRUZ-CE, 2019e, p. 29).

De todo esse compartilhamento na Feira do Soma Sempre e de toda a discussão no apurado da Feira, adentrou-se a tarde buscando pontos de convergência entre os sujeitos ali presentes para a efetuação da Política Municipal de Educação Popular em Saúde de cada território presente, mas em articulação. O desafio de somar em rede emergia não só quanto ao bairro de Pereiros na relação com a Residência Multiprofissional, mas estava posto e explícito — e acolhido que foi, certamente deve estar dando frutos que esta sistematização não alcança, mas que seguem seu curso, seja como potência, seja como questão.

Em síntese, podemos apontar como aspectos importantes deste Encontro Regional a articulação intersetorial, especialmente envolvendo o campo da saúde com participação de trabalhadores/as e gestores/as municipais, regional e estadual, assim como das instituições de ensino em diálogo com as experiências populares — e a potência da arte como espaço de promoção da saúde. É importante lembrar a Feira do Soma Sempre como abordagem escolhida para o compartilhamento de saberes e o diálogo entre as diversas linguagens.

4.3 ENCONTRO REGIONAL DE SOBRAL E LITORAL OESTE: A AGROECOLOGIA COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE E DO PROTAGONISMO DE MULHERES E JOVENS

Figura 7 – Convite do Encontro Regional de Educação Popular em Saúde na Convivência com o Semiárido de Sobral/Litoral Oeste – Sobral-CE, 8 de outubro de 2019.
FONTE: ACERVO DO CURSO

O Encontro Regional de Educação Popular em Saúde na Convivência com o Semiárido que se deu em Sobral no dia 8 de outubro de 2019 começou numa praça: a Praça dos Correios que fica em frente ao Centro Regional de Referência em Saúde do Trabalhador/CEREST-Sobral. E o primeiro mote dado foi um Café na Feira Agroecológica e Solidária que ali se instalara, uma feira onde produtores/as da região se articularam para compartilhar seus produtos dentro do Encontro Regional, e que foi seguido de um cortejo, ao modo dos muitos que se fizeram ao longo das Unidades de Aprendizagem no Centro Frei Humberto de Formação e Pesquisa onde aconteceu o tempo-escola do

Curso, o qual não só chamou a atenção dos/as transeuntes mas também acolheu quem chegava — e carregou para o per.curso ao longo das experiências sistematizadas que ali se encontravam no interior do CEREST, após o que foi a acolhida feita pela Coordenação Político-Pedagógica do Curso:

> Os movimentos de Sobral são os mais envolvidos com a Agroecologia. Então o que nós todos vamos poder vivenciar é a síntese de um processo de sistematização dessas experiências; e (...) discutir estratégias de inclusão dessas experiências (DANTAS apud FIOCRUZ-CE, 2019f, p. 2).

Figura 8 – Encontro Regional de Educação Popular em Saúde na Convivência com o Semiárido de Sobral/Litoral Oeste – Sobral-CE, 8 de outubro de 2019.
Fonte: Acervo do Curso

Assim foi feito. Neste encontro, a exemplo do que foi feito na região do Cariri, a Feira do Soma Sempre não foi feita de forma simultânea, mas com a visita de todos os participantes a cada uma das barracas. Assim, a primeira parada se fez na barraca do Assentamento Vida Nova, Aragão/Miraíma. A linguagem escolhida para apresentar a experiência foi uma espécie de cordel cantado, a partir do qual foi possível conhecer um pouco mais o grupo de agri-

[27] "Com a Lei nº 11.947, de 16/6/2009, 30% do valor repassado pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE deve ser investido na compra direta de produtos da agricultura familiar, medida que estimula o desenvolvimento econômico e sustentável das comunidades." (BRASIL, [s.d.]).

cultores/as familiares cuja produção abastecia a merenda escolar a partir do *Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)*[7].

[...] Quando acessamos a terra
Era grande a emoção
Famílias de muitos cantos
Libertadas do patrão
E chegava nossa vez
De decidir a produção

[...] O pequeno produtor
Não tinha participação
Somente em 2009
Garantiu sua inclusão
Depois que o governo eleito
Ouviu a população

[...] Foi aí que os produtores
Do Assentamento Aragão
Mesmo com dificuldade
Organizaram a produção
E passam a fornecer pra merenda escolar
Bolo, iogurte e mamão

[...] Nesse sentido afirmamos
Com grande convicção
Que promovemos saúde
Através dessa ação
Fazendo agricultura
Com diversificação
(Trechos do Cordel produzido pelo Grupo de Produtores do Assentamento Aragão/Miraíma - apud FIOCRUZ-CE, 2019f, p. 3-5).

Figura 9 – Encontro Regional de Educação Popular em Saúde na Convivência com o Semiárido de Sobral/Litoral Oeste – Sobral-CE, 8 de outubro de 2019. Fonte: Acervo do Curso

Chegando à barraca da Escola Família Agrícola/EFA de Ibiapaba, o trabalho, de tão apropriado por quem se fazia presente, foi apresentado, na forma de canção e vídeo, pelo grupo de jovens que participou da experiência e não pelo educando que coordena o grupo e que foi quem sistematizou o processo:

Agora é festa, juntou a juventude
Agrofloresta, mandala com açude
Só girassol pra cercar o nosso lote
E a nossa biblioteca construída com adobe
Farmácia Viva que faz nossa saúde
E lá na horta-escola pras crianças
Na nossa mesa churrasco de tatanca
Cozido de mandioca a la vegetariana

Nossa bandeira são todas as bandeiras
Costuradas, amarradas com o laço do amor
E a juventude agroecológica
Que vai pintar um mundo novo de outra cor
No nosso banco só sementes crioulas
Variedades ameríndias quilombolas
Lá na floresta a universidade
Estudar ecovilas pra fundar nossa cidade
E os opressores, mandar pra composteira
Reforma agrária, distribuir a renda
No fim do dia jogar a capoeira
Fazer uma ciranda pra encantar a natureza (...)
(canção Juventude Agroecológica - apud FIOCRUZ-CE, 2019f, p. 7).

Figura 10 – Encontro Regional de Educação Popular em Saúde na Convivência com o Semiárido de Sobral/Litoral Oeste – Sobral-CE, 8 de outubro de 2019.
Fonte: Acervo do Curso

Da barraca de Caetanos de Cima, que escolheu sistematizar o evento anual que promove chamado Terreiro Cultural, trazemos um recorte justamente das impressões que o processo de sistematização causou — e dos aprendizados que gerou:

> [...] Faz uns dias que chegou
> Com uma grande novidade
> Uma tal de sistematização
> Pra dar uma claridade
> Ao Terreiro Cultural
> Com grande agilidade
>
> Juntamos o coletivo
> Para pensar na proposta
> De tê-lo como um estudo
> Pesquisa maravilhosa
> Para falarmos ao mundo
> E registrar nossa história [...]
>
> Destacamos as matérias-primas
> Da nossa construção
> Cultural: diálogos, saúde
> E bastante café com pão
> Fora o cuscuz quentinho
> Que rolava na ocasião [...]
> (VALNEIDE, IEDA, LETÍCIA, IARA, ROMÁRIO, GRACIELE, EDIENLAV, NEL/trechos do Cordel construído coletivamente - apud FIOCRUZ-CE, 2019f, p. 9-10).

Se mais aspectos não houvesse a se observar, a própria construção do cordel, coletiva como foi, já tem muito pra contar — não só em Caetanos de Cima, mas praticamente em todos os coletivos que vimos acompanhando nesse prosear. Mister, porém, é ressaltar o quanto o processo de imersão dos/as educadores/as nos territórios foi rico, não apenas para os/as educandos/as, mas para os/as comunitários/as, que se viram inundados/as, agraciados/as, com o compartilhamento do que foi vivido nos tempos-escola refletindo-se, ressignificando-se nos tempos-comunidade.

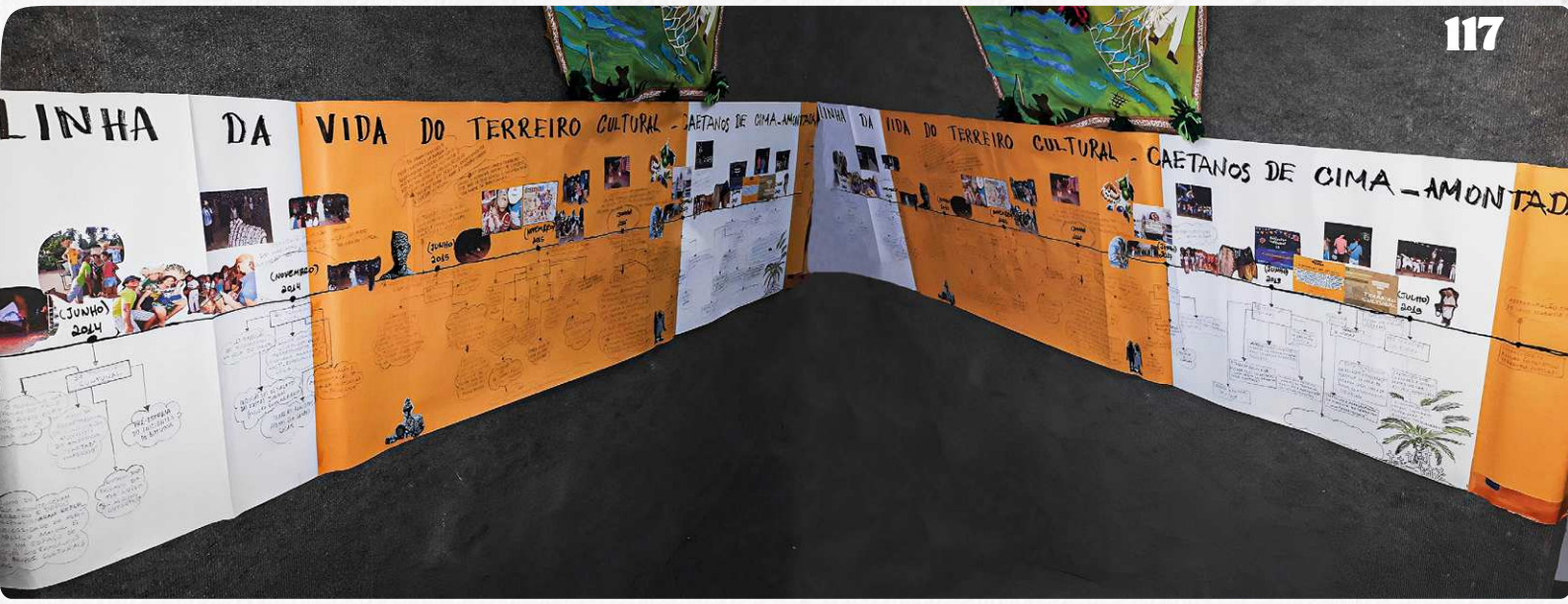


Figura 11 – Encontro Regional de Educação Popular em Saúde na Convivência com o Semiárido de Sobral/Litoral Leste – Sobral-CE, 8 de outubro de 2019.
FONTE: ACERVO DO CURSO

Parando na barraca das Feiras Agroecológicas e Solidárias, bastava recorrer à memória do ritual da feira matutina e do Café Agroecológico e Solidário para se dar conta do que era a partilha. Não bastasse isso, mesmo assim elas se expuseram, disseram seus nomes, suas comunidades, seus meios de produção, seus produtos — e exibiam uma alegria tão genuína (talvez pela proximidade com a terra e com a natureza e com ciclo vitais mais harmônicos) que isso só já bastava para que tivéssemos vontade de largar tudo e ter um quartinho que fosse no campo, em algum campo, nalgum pedaço de terra. Essa riqueza, talvez a maior nos tempos atuais, é de uma potência tal que não se encerra em si: a sua natureza está na doação. E isso transpira, e transpirou, dessas mulheres — e são como um ensinamento do qual a gente nunca quer desapregar. Sem esquecer que nada disso é novela ou romance, mas fruto de muita luta, muita participação, muito construir junto e muita negociação para que o humano mais ampliado em nós prepondere, ao invés do que nos divide e separa.

Figura 12 – Encontro Regional de Educação Popular em Saúde na Convivência com o Semiárido de Sobral/Litoral Oeste – Sobral-CE, 8 de outubro de 2019.
Fonte: Acervo do Curso

Depois de saber que boa parte das mulheres ali presente convive com a assessoria do CETRA e de que expõem seus produtos todas as segundas-feiras na Feira de Cuba, em Sobral, era hora de seguir em frente para a outra barraca, que outra não era senão a do GT de Arte-Educação Popular em Saúde/Escola de Saúde Pública Visconde de Saboia/Sobral-CE. Ali nos deparamos com um teatro de bonecos, em que se contou, se cantou, se fabulou de tal forma que ao fim todes queriam saber um pouquinho mais daquela técnica, daquele fazer tão expressivo — esse que assim começou:

Martônio[28]: Bom dia! Estamos participando desse momento belo, rico, trouxemos também uma convidada que tem uma história na Educação Popular em Saúde [tira uma boneca].

Nena: Ai, 'tou com preguiça!

Martônio: pois quando a gente 'tá com preguiça, dá uma espreguiçada. Pronto?

Nena: Mais ou menos! Por que você me acordou essa hora?

Martônio: acho bom você se apresentar.

Nena: bom dia, pessoal!

Mardônio: bom dia!

[28] Educador que manipulou a boneca durante a encenação que se deu.

> Nena: vou me apresentar. Quem já me conhece, levanta a mão! Quatro pessoas!... Estou precisando melhorar meu marketing pessoal. Meu nome é Nena. Quero dizer que 'tou muito feliz e minha participação é cantar uma música. A banda não veio toda, então cadê os voluntários pra tocar com a gente?
>
> (diálogo da cena apresentada – apud FIOCRUZ-CE, 2019f, p. 13).

E foi saber que o nome da boneca era Nena — e já era hora de partir pra outra barraca: a do Sítio Coqueiros localizado no Assentamento Maceió, em Itapipoca, tratando do Balanço do Coqueiro, grupo de jovens que desde adolescentes se reúne para atualizar as manifestações culturais territoriais e difundir sua importância, seja pela possibilidade de tocar o passado ancestral, seja por realizar esse trabalho na mais profunda relação com a história de luta da comunidade.

O grupo se apresenta no embalo daquilo que o coco produz, de óleo a dindin, da dança à cocada, passando por um espetáculo onde figurino, música, roteiro e a cena são também produtos dos processos no território:

> Bom dia! Esse é o Balanço do Coqueiro, formado por jovens filhos de pais assentados da Reforma Agrária. Somos de uma das comunidades menores do Assentamento, mas de um povo que luta e a gente vem desenvolvendo o coco, a cocada, o óleo, o dindin, e além desses jovens tem aquelas mulheres ali atrás que fazem parte. Tem outros grupos de trabalho que a gente vem desenvolvendo na comunidade. O que a gente mais toca é o coco e a ciranda [o grupo se apresenta] (ALVES apud FIOCRUZ-CE, 2019f, p. 16).

Figura 13 – Encontro Regional de Educação Popular em Saúde na Convivência com o Semiárido de Sobral/Litoral Oeste – Sobral-CE, 8 de outubro de 2019. Fonte: Acervo do Curso

Figuras 14 e 15 – Encontro Regional de Educação Popular em Saúde na Convivência com o Semiárido de Sobral/Litoral Oeste – Sobral-CE. FONTE: ACERVO DO CURSO

Fechando a intervenção e trazendo de novo o sentido do que se estava a viver, uma vez mais Verinha Dantas contribui para a reflexão do momento:

> Vamos fechar aqui a roda, segurando pela cintura, porque um sustenta o outro! Nesse momento que a gente está vivendo, é sempre importante manter o nosso ritual vivo, aceso! Nós somos fortes, eu escutei de uma comunidade: nós podemos porque a comunidade pode, nós sabemos porque a comunidade sabe! [...] Então a gente vai agora fazer o apurado da Feira. [...] Às vezes a gente prepara tanto e as pessoas não entendem e às vezes as pessoas aprendem coisas que a gente nem percebeu ainda. (DANTAS apud FIOCRUZ-CE, 2019f, p. 18).

E aí os apurados apontaram muitos aprendizados, como vamos ver a seguir.

Sobre Assentamento Vida Nova, em Aragão/Miraíma,

> [...] Quero chamar atenção pra essa linguagem artística, que com o cordel, a dança, a rima, esse conhecimento ancestral, pelo qual é muito mais fácil aprender. E essa é a grande contribuição da Educação Popular, que tem que penetrar todos os espaços, a academia, que ainda forma não pessoas, mas técnicos. Quero parabenizar! E dizer que nossa Residência da Família vai reproduzir o que vocês fizeram aqui. A forma como a sistematização foi feita, com o cordel, a gente vê o papel da mulher! (NORA apud FIOCRUZ-CE, 2019f, p. 19).

> [...] Ressaltar o papel da mulher, a defesa do território — que sem o território a gente não pode produzir. E a autoestima, de uma comunidade que tem uma produção da agricultura familiar, que trabalha sua sustentabilidade. A gente tem que tentar levar pra fora essas experiências (MARIANO apud FIOCRUZ-CE, 2019f, p. 19).

> Dizer da capacidade de síntese que o grupo teve. Trouxe toda a linha do tempo, as dificuldades, as aprendizagens — e foram as mulheres. E ela fez um coco de embolada, fez todo mundo cantar junto! (DANTAS apud FIOCRUZ-CE, 2019f, p. 19).

O apurado revelou ainda reflexões sobre a EFA da Ibiapaba:

> As coisas do campo, a gente às vezes não dá valor. Mas sabe que pode viver dos seus quintais produtivos, e não pratica. Deixa de comer dos quintais pra comprar do supermercado. E vi uma coisa

> de grande importância, pra levar pra comunidade (PIA apud FIOCRUZ-CE, 2019f, p. 19).

> Queria ressaltar a importância da juventude reconhecer seu espaço de vivência, que é o campo. Porque o que se ensina nas escolas é que a juventude tem que se formar e ir embora — e as EFAs têm o objetivo de fazer a juventude se formar e voltar pra fortalecer os vínculos com a terra, com as comunidades. Então é importante ter os jovens resgatando a cultura das nossas comunidades, dos nossos territórios (FAGNA apud FIOCRUZ-CE, 2019f, p. 20).

O apurado da Feira segue trazendo as reflexões sobre a experiência de Caetanos de Cima, o Terreiro Cultural:

> Eles trazem não só a importância da cultura, mas os processos de conversa fora da casa, que na nossa infância a gente ainda via isso, ia debulhar o feijão na casa do vizinho, fazia os processos das produções em comum. Sempre que eu vejo falando dessa cultura, eu falo que a nossa geração agora não tem mais a oportunidade de viver isso. Caetanos traz uma referência muito forte das mulheres, e ver uma jovem que é uma liderança comunitária, eu me sinto muito orgulhosa desse trabalho dos Caetanos. E expressar a alegria de ver o Terreiro Cultural aqui no nosso Encontro (LEMOS apud FIOCRUZ-CE, 2019f, p. 22).

A Feira Agroecológica e Solidária de Sobral também gerou reflexões no apurado — e elas falam do protagonismo das mulheres e da produção de instrumentos de comunicação:

> Achei fantástico que no Boletim vocês trazem as falas dos feirantes! Tem uma fala do Vanderley que mexeu comigo, vocês trazem essa inspiração pra gente. O protagonismo das mulheres, que nos motivam a trabalhar essa valorização do produto do campo nos nossos territórios, e que esse espaço da Feira é não só de comércio, mas de afeto, de partilha (RAFAELA apud FIO-

CRUZ-CE, 2019F, P. 21-22).

> (...) A FEIRA AGROECOLÓGICA E SOLIDÁRIA DE SOBRAL SE CONSTITUI ENQUANTO RESISTÊNCIA. ACHO QUE COMUNICAÇÃO VISUAL É A MAIS PURA EXPRESSÃO DE UM INSTRUMENTO QUE COMUNICA E QUE DENUNCIA! FALO DA FEIRA, MAS ESTENDO A TODAS AS EXPERIÊNCIAS, PORQUE TODAS PASSAM PELO PROCESSO DE DENÚNCIA DO QUE ESTAMOS VIVENDO NO NOSSO PAÍS (FERNANDES APUD FIOCRUZ-CE, 2019F, P. 22).

Já o apurado sobre Balanço do Coqueiro/Assentamento Maceió nos chama à reflexão sobre a importância da juventude e seus modos de participar nas comunidades:

> [...] ACHO MUITO BONITO O TRABALHO QUE A JUVENTUDE FAZ NAS COMUNIDADES. PORQUE A GENTE É MEIO SUBESTIMADA, PORQUE AS PESSOAS DIZEM: HUM, A JUVENTUDE!... MAS A GENTE DÁ A CARA A TAPA! O TERREIRO CULTURAL É EXEMPLO DISSO. [...] CONHEÇO O BALANÇO DO COQUEIRO DESDE O COMEÇO E VEJO COMO ELE EVOLUIU, ISSO É MUITO BACANA. ACHO QUE FOI ACERTADO SISTEMATIZAR ESSA EXPERIÊNCIA PORQUE É UM GRUPO DE MUITA RESISTÊNCIA, UM LOCAL DE MUITA RESISTÊNCIA (VYLENA APUD FIOCRUZ-CE, 2019F, P. 22).

> QUANDO SE LIGA O TURISMO COM A AMBIÊNCIA DO LUGAR, O POVO QUE RESGATA ESSA DANÇA, ESSA FESTANÇA COM BASE NO POTENCIAL ECONÔMICO QUE É O COCO (HAJA VISTA A DIVERSIDADE DE PRODUTOS), É FENOMENAL. E DO COCO PODE SE APROVEITAR ATÉ A BUCHA DO COCO! COMO BUSCAR APOIO? E VOCÊS PODEM TRABALHAR UMA PEQUENA AGROINDÚSTRIA DE PROCESSAR A BUCHA DO COCO. É JUNTAR A CULTURA E A PARTE ECONÔMICA. SÃO ESSAS COISAS QUE A GENTE [...] É IMPORTANTE VOCÊS ESTAREM PRESENTES EM OUTRAS FEIRAS. E O CETRA, BUSCAR PARCERIAS. OS ATORES PRINCIPAIS SÃO VOCÊS, NÓS SOMOS OS INSTRUMENTOS PRA MELHORAR O TRABALHO, A RENDA (PITOMBEIRA APUD FIOCRUZ-CE, 2019F, P. 22-23).

E fechando a reflexão deste 3º Encontro Regional como que numa caravana, a representante da Fiocruz-CE e RESSADH fala de um olhar ampliado sobre a saúde — e nos provoca a desencadear processos de diálogo entre o setor saúde com a agroecologia:

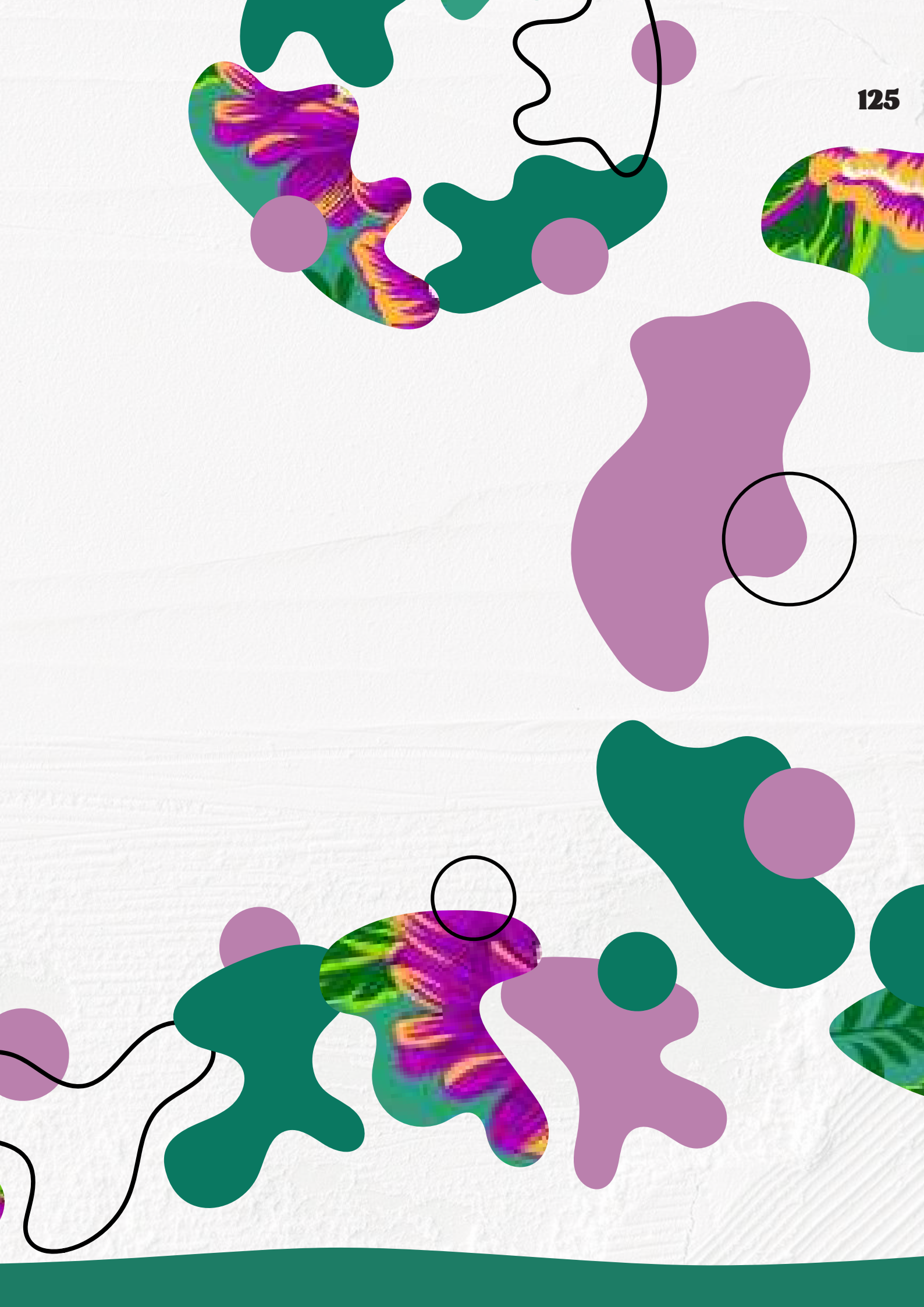
> [...] QUANDO A GENTE FALA DE TERRITÓRIOS SAUDÁVEIS, VOCÊS ESTÃO TRAZENDO QUE TUDO ISSO É PROMOÇÃO DE SAÚDE! ENTÃO É SAÚDE PARA ALÉM DO MODELO ASSISTENCIAL, CURATIVO, BIOMÉDICO — EM QUE

> a gente só enxerga saúde como ausência de doença. Tudo isso que vem da agroecologia, dos territórios pesqueiros, das várias expressões culturais, tudo isso é saúde. E como a gente tem aqui representantes de Secretaria de Saúde, das Residências, a gente tem o desafio de pensar pra região, seja de Sobral, seja pra Itapipoca [...]. Então, o desafio é o de construir novos processos. [...] que a gente possa promover o diálogo entre tudo isso que foi apresentado aqui hoje e o SUS. Como o setor saúde dialoga com essas experiências nos territórios para promover saúde? (TEIXEIRA apud FIOCRUZ-CE, 2019f, p. 24-25).

A partir dessa provocação foi possível a construção de estratégias como o estímulo ao intercâmbio de experiências sistematizadas, a inclusão da Cartografia Social nos processos da Residência em Saúde da Família em Atenção Básica, a articulação com os Centros de Referência Especializado de Assistência Social/CREAS, o fortalecimento de diálogos com movimentos sociais, o desenvolvimento de propostas integrando saúde e agroecologia na perspectiva de uma Vigilância participativa, a formação de comitês de Educação Popular, a inclusão da Educação Popular na formação de agentes comunitários de saúde, dentre outras (FIOCRUZ-CE, 2019f).

De modo geral, esse Encontro trouxe como aspectos marcantes a potência da agroecologia como estratégia de promoção da saúde, o protagonismo das mulheres e da juventude nos processos comunitários, a arte como expressão de fortalecimento da participação e organização comunitária nos territórios e a Feira do Soma Sempre com as variadas formas de acontecer como estratégia metodológica de compartilhamento de ações coletivas. Não se pode dizer que tenha sido pouca a produção desse um dia, que começou bem depois do galo cantar, findou ainda antes do sol se pôr — e que terminou mesmo foi com o Toré, ao modo dos indígenas Tremembé daquela região:

> Quem deu esse nó não soube dar
> Esse nó tá dado e eu desato já!
> Ô desenrola essa corrente,
> Deixa a gente trabalhar!
>
> (TORÉ DO POVO TREMEMBÉ apud FIOCRUZ-CE, 2019f, p. 17).



4.4. ENCONTRO REGIONAL DO SERTÃO CENTRAL/QUIXADÁ: O DIÁLOGO COM AS POLÍTICAS PÚBLICAS LOCAIS DE SAÚDE E DE EDUCAÇÃO PARA EFETIVAÇÃO DE DIREITOS

O Encontro de Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido do Sertão Central/Quixadá foi, com certeza, o Encontro Regional com o maior número de participantes: entre 100 e 150 pessoas transitaram pelo evento da farinhada de acolhida, passando pelo Programa da Rádio Mandakaru que transmitiu para todos os ouvintes os sentidos e a programação daquele 9 de outubro de 2019, diretamente da Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central/FECLESC-Quixadá, na qual intervieram locutores, poetas populares, grupos de terreiro de matriz africana — além de entrevistas e da cobertura do evento ao vivo e em cores, pra depois realizar-se uma roda de conversa sobre O papel da Educação Popular na organização e resistência contra os avanços e desmontes das políticas públicas – desafios do Sertão Central facilitada pelo diretor da FECLESC, Luiz Oswaldo Santiago, até chegar na Feira do Soma Sempre.

Figura 16 – Convite do Encontro Regional Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido do Sertão Central – Quixadá-CE, 9 de outubro de 2019.
FONTE: ACERVO DO CURSO

Figuras 17 e 18 – Encontro Regional Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido do Sertão Central – Quixadá-CE, 9 de outubro de 2019.
FONTE: ACERVO DO CURSO

Neste Encontro Regional, a Feira do Soma Sempre se fez em seu formato original e incluiu uma diversidade de linguagens que expressaram as múltiplas formas de sistematização das diversas experiências da região, tais com feiras agroecológicas, cordéis, programas de rádio, dentre outras.

Esse percurso — que dito assim vem esmaecido das cores e das paisagens auditivas, visuais, táteis, olfativas e gustativas que a escrita não consegue capturar — foi pleno de sons, imagens, danças, corporeidades, imaginação, reflexões, propostas, alegria, reencontros, comemorações que articularam, no mesmo locus, frutos de trabalhos desenvolvidos na cidade e região pelo EdPopSUS com as vertentes de Convivência com o Semiárido, sem que nenhum conflito se tenha instalado.

Foi, de fato, de uma grande pujança, em meio ao quente do sol de Quixadá, a reunião de toda aquela gente, como nos apresenta o relatório do Encontro, que referenda: a experiência de um programa de rádio como estratégia de estimular o reuso da água elaborada em um Assentamento de Quixeramobim e difundido por meio da Rádio Comunitária do Assentamento; a Feira Agroecológica de Quixadá e Pedra Branca articuladas com apoio do Cetra; a articulação da escola do Assentamento Umari em Aracoiaba com a produção de cordéis; e a experiência da Saúde no Beco, por fim, desenvolvida por agentes comunitárias de saúde de Quixadá;

Os apurados/aprendizados das experiências vivenciadas na Feira do Soma Sempre trouxeram reflexões sobre a importância do reuso da água e outros cuidados com o ambiente, a reutilização de materiais recicláveis como o plástico para a produção de artesanias e a cartografia social como estratégia da população compreender melhor seu território, identificar as potências, as ameaças à vida e seguir seu próprio caminho

> A cartografia é muito potente, porque percebe que as famílias têm a possibilidade de seguir sozinhas. E atentar para a participação das mulheres nos espaços de feira, porque o dinheiro que ela recebe, ela vai administrar. E a cartografia ajuda a comunidade a se entender (JOÃO apud FIOCRUZ-CE, 2019g, p. 19).

Outra importante reflexão veio do apurado sobre as experiências com mutirões como potência comunitária e camponesa:

> Com relação aos mutirões, dizer o quanto isso é importante. Isso no capitalismo está cada vez mais escasso. Mas é uma coisa tão grandiosa! Ver a comunidade de Boa Vista, que fez coletivamente as cisternas, isso é uma coisa muito importante, o fardo fica mais leve. A gente não pode perder isso, dos mutirões. A gente precisa resgatar isso, a troca de diárias, porque a gente consegue ter uma qualidade de serviço, uma troca de conhecimento. São práti-

> cas muito interessantes que não se pode perder (LIGÓRIO apud FIOCRUZ-CE, 2019g, p. 19).

> Pra muita comunidade, tudo começa com mutirão. Quem trabalha em escola pública, quase tudo é mutirão. Então acho importante esse resgate dos mutirões, porque é uma prática camponesa, que muitas comunidades têm, na época do preparo do solo, na época da colheita. Essa prática é estar junto (DANIELA apud FIOCRUZ-CE, 2019g, p. 19-20).

Fechando esse Encontro Regional, os encaminhamentos buscaram articular as forças presentes nos territórios na perspectiva de instituir a Política de Educação Popular em diálogo com as Políticas de Equidade no SUS e as possibilidades de criação de um Fórum do Sertão Central que pudesse integrar as iniciativas de Feiras agroecológicas, as Farmácias Vivas , os coletivos de Cultura e de movimentos ligados às políticas de equidade, como possibilidade de cuidado integral à vida. Sobre isso, nos diz a Agente Comunitária de Saúde/ACS e educanda do Curso Aparecida Queiroz:

> O Conselho Municipal de Saúde já passou e aprovou uma política de Educação Popular em Saúde pra Quixadá. Agora é preciso consolidar um grupo coletivo que possa construir essa política, passar pela Câmara de Vereadores — e por que não inserir mais gente? (QUEIROZ apud FIOCRUZ-CE, 2019g, p. 22).

E assim, o Encontro Regional do Sertão Central evidenciou a potência de práticas solidárias e de cuidado com o ambiente (natureza) e com a vida em comunidades campesinas e tradicionais, fazendo o diálogo com as Políticas Públicas locais de saúde e de educação para efetivação de direitos. Também apresentou a Cartografia Social como estratégia de reorganização e reconfiguração do processo de territorialização na saúde e finalizou com uma ciranda que reflete o poder da roda em suas múltiplas manifestações:

> Cirandê, cirandá
> Nessa roda eu também quero entrar!
> Cirandê, cirandá
> Par e passo nos teus braços rodar!
> Tu me ensinas que eu te ensino
> O caminho no caminho
> Com as tuas pernas, minhas pernas andam mais!
> (JOHNSON SOARES/Ciranda trazida por VERA DANTAS apud FIOCRUZ-CE, 2019g, p. 24).

4.5. ENCONTRO REGIONAL DE FORTALEZA E REGIÃO METROPOLITANA: A RESISTÊNCIA DE SUJEITES DA PERIFERIA FRENTE ÀS SITUAÇÕES DE INIQUIDADE E O DESAFIO DO ENVOLVIMENTO NA GESTÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

O Encontro Regional Educação Popular em Saúde na Convivência com o Semiárido de Fortaleza/Região Metropolitana aconteceu em Eusébio na sede da Fiocruz-CE, no dia 10 de outubro de 2019. Trouxe um conjunto de experiências sistematizadas, em que se passeou de territórios periféricos da cidade de Fortaleza, como o Condomínio Machado de Assis na Grande Messejana, passando pela Unidade de Atenção Primária à Saúde/UAPS Frei Tito, na área litorânea da cidade, ampliando-se para o município vizinho de Aquiraz com a questão da demarcação da terra dos Jenipapo-Kanindé, voltando para o Centro Ubuntu de Arte Negra-CUAN localizado no bairro do Pici, chegando ao Coletivo Dendê de Luta e à questão ambiental da destinação do lixo e do envolvimento de jovens e da comunidade no processo, ampliando novamente para o município também vizinho de Maracanaú, na comunidade do Timbó, retornando para o Itaperi e nos encontrando com a experiência do Espaço Ekobé, findando com a experiência do Teatro do Berro, com jovens de Tejuçuoca, parte da Macro-Fortaleza.

Figura 19 – Convite do Encontro Regional Educação Popular em Saúde na Convivência com o Semiárido de Fortaleza/Região Metropolitana – Eusébio-CE, 10 de outubro de 2019. FONTE: ACERVO DO CURSO

Do auditório aos corredores da Fiocruz-CE, o cortejo cenopoético com todos/as os/as sujeites das experiências produziu paradas para apresentação e reflexão das mesmas, terminando com uma ciranda no espaço externo, sob a sombra de uma árvore — e comemorando o feito de todes terem conseguido chegar até ali.

Frente à ausência dos gestores convidados para o evento, e da pequena participação dos membros das experiências fruto da falta de apoio institucional para seu deslocamento, a problematização inicial convocava os/as participantes a uma ação de resistência como potência popular.

Figura 20 – Encontro Regional Educação Popular em Saúde na Convivência com o Semiárido de Fortaleza/Região Metropolitana – Eusébio-CE, 10 de outubro de 2019.
FONTE: ACERVO DO CURSO

A experiência da Comunidade Machado de Assis nos trouxe a reflexão sobre a luta por moradia e o protagonismo do Movimento de Trabalhadores por Direitos (MTD), bem como os desafios de pensar processos de reciclagem, o cuidado com as pessoas, com os animais e os desafios da mobilidade urbana, o envolvimento da juventude, expressos sob forma de um vídeo por eles.

O cortejo nos moveu a outras regiões periféricas de Fortaleza — e do bairro do Pici, o Centro Ubuntu de Arte Negra-CUAN, traz para a cena um ato cenopoético em que a história de luta e resistência, resultado do processo vivenciado com a cartografia social, desvela invisibilidades e problematiza a violência e a exclusão na periferia:

EITA EU SOU DE LÁ!
EITA EU SOU DAQUI!
EITA SOU DO CUAN,
SOU DO PICI!
E A NOSSA RUA ACORDA

> Uma canção feliz
> Escuta, meu amor,
> Desenha o sol pra mim
> Se lembra que a cidade é lenda
> E eu nem sei cantar
> E a nossa rua acorda
> Uma canção feliz
> Sávia: eita, Pici!
> a periferia é uma cidade, ou é?
> A periferia é uma cidade, ou é?
> (ATO CENOPOÉTICO apud FIOCRUZ-CE, 2019c, p. 6-7).

A problematização, ao mesmo tempo que desvela desafios, revela potencias com o próprio CUAN, suas produções literárias, teatrais e gera possibilidades de construção de inéditos viáveis como a construção de uma Rede Articulada do Pici:

> Essa rede é de balançar? Não, é de articulação.
> Nesse meio surgiu uma — vocês sabem qual é?
> Rede Articulada do Pici
> (ATO CENOPOÉTICO apud FIOCRUZ-CE, 2019c, p. 7).

E Ray Lima arrematava: a cidade é a utopia da periferia ou a periferia é a utopia da cidade?... (LIMA apud FIOCRUZ-CE, 2019c, p. 9).

Figura 21 – Encontro Regional Educação Popular em Saúde na Convivência com o Semiárido de Fortaleza/Região Metropolitana – Eusébio-CE, 10 de outubro de 2019. Fonte: Acervo do Curso

Figura 22 – Encontro Regional Educação Popular em Saúde na Convivência com o Semiárido de Fortaleza/Região Metropolitana – Eusébio-CE, 10 de outubro de 2019.
FONTE: ACERVO DO CURSO

E o cortejo cenopoético ao circular pelas periferias de Fortaleza revelava potencias de luta envolvendo juventudes no enfrentamento às violações de direitos. A sistematização expressa em um álbum de fotos legendadas, trazida pelo Coletivo Dendê de Luta, desvelava identidades e iniquidades múltiplas dessas juventudes periféricas LGBTQI+, negritude, pobreza, preconceito e protagonismo popular: =

> QUEREMOS MOSTRAR PRAS PESSOAS QUE ELAS SÃO CAPAZES, ELAS PODEM SER PROTAGONISTAS DE SUAS PRÓPRIAS VIDAS. QUEREMOS COMPARTILHAR UM SABER COMUM E EMANCIPATÓRIO. [...] QUEREMOS PORQUE A COMUNIDADE PODE — E NÓS SOMOS A COMUNIDADE! (CARLA CARLINE APUD FIOCRUZ-CE, 2019C, P. 9).

Figura 23 – Encontro Regional Educação Popular em Saúde na Convivência com o Semiárido de Fortaleza/Região Metropolitana – Eusébio-CE, 10 de outubro de 2019.
FONTE: ACERVO DO CURSO

Transitando do álbum de fotografias ao álbum seriado, o cortejo chega à experiencias vividas a partir de serviços de saúde como as do Grupo Estrela da Manhã, articulado por profissionais da Unidade de Atenção aos Programas de Saúde/UAPS Frei Tito, na região litorânea de Fortaleza — e fala de como, mesmo partindo de adoecimentos, se podem revelar possibilidades de promover saúde em diálogo com potencialidades locais, como as barracas de praia e os conhecimentos sobre as plantas medicinais.

Figura 24 – Encontro Regional Educação Popular em Saúde na Convivência com o Semiárido de Fortaleza/Região Metropolitana – Eusébio-CE, 10 de outubro de 2019.
FONTE: ACERVO DO CURSO

Completando o giro pelas diversas regiões de Fortaleza, o cortejo chega ao Espaço Ekobé — e o roteiro cenopoético fala de uma experiência solidária de formação em uma prática de cuidado, o Reiki, como possibilidade de construção compartilhada e compromissada de uma rede de cuidadores, cuja síntese vem na cantiga de Ray Lima:

> ESCUTA, ESCUTA
> O OUTRO, A OUTRA JÁ VEM
> ESCUTA E ACOLHE
> CUIDAR DO OUTRO FAZ BEM!
>
> DESDE O TEMPO EM QUE EU NASCI
> LOGO APRENDI ALGO ASSIM
> CUIDAR DO OUTRO É CUIDAR DE MIM
> CUIDAR DE MIM É CUIDAR DO MUNDO
> (MOTA MAIARA; LINO, GEOMAR APUD FIOCRUZ-CE, 2019C, P. 10).

Seguindo com o cortejo cenopoético, a Feira do Soma Sempre em seu formato itinerante nos levou a conhecer um território tradicional: a aldeia

Jenipapo-Kanindé às voltas com suas lutas pela demarcação da terra indígena, ao mesmo tempo em que constrói um cacicado com protagonismo feminino: o da Cacique Pequena e a importância dos/as guardiães/ãs da memória. E propõem:

> A gente queria começar fazendo um círculo,
> pra já entrar na magia.
> As matas virgens abençoam,
> Quando o luar clareou!
> Mas quando ouvi a voz do meu povo,
> Todos os índios aqui chegou!
> Porque ele é rei, é rei!
> Porque ele é rei da Jurema, ele é rei!
> Índio Jenipapo, que é que vem fazer aqui?
> Eu vim subir o morro
> Da terra que eu nasci!
> (FLORENTINO apud FIOCRUZ-CE, 2019c, p. 5).

Figura 25 – Encontro Regional Educação Popular em Saúde na Convivência com o Semiárido de Fortaleza/Região Metropolitana – Eusébio-CE, 10 de outubro de 2019.
Fonte: Acervo do Curso

Seguindo, o cortejo pela região metropolitana, chega ao Conjunto Timbó, em Maracanaú, em que traz em cordel a história de luta e resistência da comunidade e vai desvelando as violências e a importância da organização comunitária em diálogo com os serviços de saúde.

Da região metropolitana, o cortejo segue para Tejuçuoca, que traz o Grupo de Teatro Berro e seus diálogos com o serviço de saúde.

Figura 26 – Encontro Regional Educação Popular em Saúde na Convivência com o Semiárido de Fortaleza/ Região Metropolitana – Eusébio-CE, 10 de outubro de 2019. FONTE: ACERVO DO CURSO

O Encontro se encerra incorporando o Toré indígena com o coletivo rompendo o espaço fechado do auditório e conduzindo o cortejo para o espaço aberto, à sombra de uma árvore — simbolicamente expressando o desejo de ecoar essas vozes para visibilizar as experiências sistematizadas. De modo geral, apontamos como aspectos marcantes deste Encontro a cenopoesia e a teatralidade, a resistência de sujeites da periferia frente às situações de iniquidade, a potência das juventudes na construção de inéditos viáveis e a ausência dos gestores das políticas públicas.

Figura 27 – Encontro Regional Educação Popular em Saúde na Convivência com o Semiárido de Fortaleza/Região Metropolitana – Eusébio-CE, 10 de outubro de 2019. FONTE: ACERVO DO CURSO

4.6. ENCONTRO REGIONAL DO VALE DO JAGUARIBE/LITORAL LESTE: A FORÇA E A RESISTÊNCIA DOS TERRITÓRIOS DO CAMPO E DAS ÁGUAS, SEUS SUJEITOS E SINGULARIDADES

Figura 28 – Encontro Regional de Educação Popular em Saúde e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido do Vale do Jaguaribe/ Litoral Leste – Limoeiro do Norte, 11 de outubro de 2019.
Fonte: Acervo do Curso

O conhecimento
caminha lento feito lagarta.
Primeiro não sabe que sabe
e voraz contenta-se com o cotidiano orvalho
deixado nas folhas vividas das manhãs.
Depois pensa que sabe
e se fecha em si mesmo:
faz muralhas,
cava trincheiras,
ergue barricadas.
Defendendo o que pensa saber,
levanta certezas na forma de muro,
orgulhando-se de seu casulo.

[28] FAFIDAM é a Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos situada em Limoeiro do Norte e vinculada à Universidade Estadual do Ceará.

Até que maduro
explode em voos
rindo do tempo que imaginava saber
ou guardava preso o que sabia.
Voa alto sua ousadia
reconhecendo o suor dos séculos
no orvalho de cada dia.

Mesmo o voo mais belo
descobre um dia não ser eterno.
É tempo de acasalar:
voltar à terra com seus ovos
à espera de novas e prosaicas lagartas.

O conhecimento é assim:
ri de si mesmo
e de suas certezas.

É meta da forma
metamorfose
movimento
fluir do tempo
que tanto cria como arrasa

a nos mostrar que para o voo
é preciso tanto o casulo
como a asa
(IASI, 2015).

Foi com esse poema que nos recebeu o Encontro Regional de Educação Popular em Saúde e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semi-árido Vale do Jaguaribe/Litoral Leste: na voz da educanda Iristhélia Ferreira, o poema soou na sala da ***FAFIDAM***[28] que nos acolheu. Era um dia quente, aquele 11 de outubro de 2019, em que estiveram presentes cerca de 42 pessoas. Foi um Encontro marcado por reflexões conjunturais, contextualizando a saúde dos povos do campo, da floresta e das águas — de onde advinham a maioria das experiencias sistematizadas e que contou com as provocações de Leandro Costa, médico brasileiro que compõe o coletivo de saúde do MST e a Rede de Médicos e Médicas Populares. Leandro trouxe elementos que nos remeteram à conquista do SUS, pautada na concepção de saúde com o direito universal, e questionou a proposição de saúde como mercadoria, que ainda perdura na sociedade brasileira, enquanto nos lembrava que:

> Quando se afronta a saúde, direitos, a democracia, a gente está afrontando a vida de homens e mulheres na nossa sociedade. Temos que perceber que com essa trajetória de criação de políticas públicas — as políticas de equidade dentro do SUS, as políticas de saúde no campo, da população negra, LGBT —, a gente começa a despertar pra que a gente pudesse ter algumas políticas na consolidação da saúde. [...] E pensar em saúde inclui outros setores — a gente fica feliz de ver o pessoal da agricultura aqui. Não podemos considerar a fome e a miséria como algo natural. Temos obrigação, mais do que nunca, de fazer denúncia das misérias e trazer as possibilidades de esperança, dentre elas, este momento aqui: a agroecologia, a produção sem venenos, a universidade pública, defender a pesquisa, a soberania dos nossos povos indígenas, originários, diante de uma política destruidora, de mineração, de uma política que nega a Educação Popular, nega Paulo Freire, um dos nossos patronos (COSTA, apud FIOCRUZ-CE, 2019h, p. 5).

Suas provocações conclamavam à necessidade de fortalecer a luta em defesa da vida e contra o capitalismo e todas as formas de opressão:

> É desafio nosso reinventar nossa luta, seja na gestão pública, seja na universidade: fazer um trabalho de base em defesa da vida! E nesse momento de ataque às minorias, é importante que a gente se posicione e que a gente construa saberes! Não podemos nos calar, companheirada! É preciso que a gente construa fortalezas nos nossos territórios! Nos nossos territórios as pessoas estão adoecidas, nas periferias de Fortaleza as pessoas estão passando fome — e isso não é aceitável! A gente precisa estar lutando permanentemente contra esse processo. O MST diz: saúde é a capacidade de lutar contra toda forma de opressão! Fazendo resistência coletiva! [...] É hora de apertar os chinelos, engraxar os sapatos, se organizar e fazer a nossa luta! Finalizando com Paulo Freire: é necessário denunciar as mazelas e anunciar o horizonte, com a vida, com o belo! Com o verbo esperançar! Temos que fazer com que o povo creia que é possível criar um mundo onde se viva em comunhão! Mas pra isso, precisamos quebrar estruturas do sistema capitalista! (COSTA apud FIOCRUZ-CE, 2019h, p. 5-6).

Figura 29 – Encontro Regional de Educação Popular em Saúde e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido do Vale do Jaguaribe/Litoral Leste – Limoeiro do Norte, 11 de outubro de 2019. Fonte: Acervo do Curso

A Feira do Soma Sempre, abordagem escolhida para apresentação das experiências, assumiu o caráter itinerante e trouxe a expressividade das lutas do campo — como as do grupo Mãos Que Criam, constituído por mulheres do Acampamento Zé Maria do Tomé, da Chapada do Apodi, expressa sob a forma de um mapa mental referenciando práticas coletivas propostas pelo MST, que demarcavam o antes e o depois do Acampamento e sua contribuição para o resgate da dignidade e da esperança:

> As mulheres foram relatando o que havia antes do Acampamento e o que imaginam pro futuro. Foram trazendo a casa, a terra, a luta pela água, a terra. Teve uma que resgatou até a seca, a cangalha, o jumento, todos os processos que vêm antes do Acampamento. No Acampamento elas trouxeram a barraca de lona, o fogão de lenha, o que foi dando identidade, a experiência de nunca ter vivido numa casa de taipa. Falas como: eu não planto uma flor, se não me der retorno econômico — e a gente fazendo retorno, perguntando: e o chá do pé de laranja? Pro futuro elas imaginam o processo de assentamento, já que a gente vem nessa luta, o barracão coletivo, a escola do campo, o MEMORIAL[30], o posto de saúde que está em fase de conclusão, a igreja católica, mas também as evangélicas; a mandala como espaço de organização da horta medicinal, mas também de resgate da agroecologia. A produção das famílias — quem vai

[30] O Memorial Zé Maria do Tomé foi construído em parceria com o Núcleo Tramas/UFC e recupera a história de luta da comunidade contra a desterritorialização, os agrotóxicos e o assassinato de suas lideranças.

no Acampamento percebe uma produção muito grande; as casas melhoradas. O Acampamento fica num perímetro irrigado e é um território de disputa não só pelo agronegócio, mas pelas empresas da região pra produzir fruta pra exportação — e sofre diversos ataques, está ao lado de um lixão, do uso de agrotóxicos. A gente foi tentando trazer alguns elementos, a gente tentou trazer desde 1980 pra resgatar algumas coisas, mas por isso ficou mais nos anos 2000, quando se dão os processos de luta na região. Trouxemos a criação do M21[31], com os primeiros processos de organização. A gente trouxe a primeira paralisação da Del Monte, em 2001. Sucessivamente tiveram outras greves. Em 2001 teve o Encontro das Mulheres do Vale do Jaguaribe. Em 2010, a morte do Zé Maria, a ocupação da Chapada. O grupo foi criado no intuito de, para além da venda do artesanato, levar o debate do Acampamento e dialogar com a sociedade pra que se tenha o respeito e apoio da sociedade para futuras reintegrações, para um território livre (FERREIRA apud FIOCRUZ-CE, 2019h, p. 7-8).

Figura 30 – Encontro Regional de Educação Popular em Saúde e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido do Vale do Jaguaribe/Litoral Leste – Limoeiro do Norte, 11 de outubro de 2019.
Fonte: Acervo do Curso

[31] O Movimento 21, ou M21 como é conhecido, foi originado a partir da morte do militante e ambientalista Zé Maria do Tomé, que dá nome ao Acampamento, assassinado em 21 de abril de 2010 por conta de sua luta contra o uso indiscriminado de agrotóxicos na região, sobretudo pela pulverização aérea que contaminava casas, roçados e famílias do território. O M21 reúne militantes dos movimentos sociais, entidades da sociedade civil e professores e professoras das universidades públicas compromissados/as com as causas populares.

Foi também trazida a reflexão sobre os territórios do campo e a Reforma Agrária, a experiência do Acampamento Araguaia, situado em Aracati, em meio à reconstituição da história de luta e resistência que revelou as dificuldades de acesso aos direitos básicos como saúde, trabalho, educação — e também emergiu com o Grupo de Mulheres Construindo Resistência, cuja ação se fez especialmente na produção agroecológica de hortas e na biblioteca comunitária, na qual ocorrem atividades formativas, muitas delas voltadas às mulheres:

> Ela tem essa função de fortalecer a luta pela terra, construir novos conhecimentos e na produção de alimentos saudáveis — orgânicos, mas pra chegar à agroecologia. Nossos avós já faziam isso e o agronegócio chegou e impregnou nossa cabeça, de que isso não é possível. O Grupo de Mulheres já provou isso: a gente plantou pra gente e pros amigos! Desde a batata, a berinjela, as ervas medicinais, é isso! A luta pela terra é isso: é casa, é o lazer, a cultura, o conhecimento, é todo esse conhecimento de coisas! E dizer uma coisa, já observando todos os trabalhos: as mulheres em tudo estão na frente! A gente vê que depois da criação do Grupo de Mulheres, a gente viu o quanto melhorou: desde a Biblioteca, os cuidados, a horta, a criança que está doente — a mulher está à frente sempre nisso! Na nossa comunidade ela tem poder de fala, de participação! (ELIZÂNGELA/ liderança comunitária apud FIOCRUZ - CE, 2019h, p. 13).

Figura 31 – Encontro Regional de Educação Popular em Saúde e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido do Vale do Jaguaribe/Litoral Leste – Limoeiro do Norte, 11 de outubro de 2019. Fonte: Acervo do Curso

Figura 32 – Encontro Regional de Educação Popular em Saúde e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido do Vale do Jaguaribe/Litoral Leste – Limoeiro do Norte, 11 de outubro de 2019. Fonte: Acervo do Curso

Os Povos das Águas também foram marcantes nas experiências e se apresentaram com o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e com os Povos do Mar, representados pela experiência das marisqueiras de Fortim. O MAB trouxe, sob a forma de vídeo e cordel, a importância da conquista de cisternas de captação de água da chuva e a reflexão sobre as dificuldades de acesso à água em períodos longos de estiagem, bem como as grandes obras como o Açude Castanhão, a cujas águas a comunidade não tem acesso. A importância do movimento é referenciada como fundamental nas conquistas:

> O MAB surgiu no final da década de 1970, com a construção da Barragem de Itaipu, e chegou pro Ceará no final da década de 1990, com a construção da barragem Castanhão. Muitas famílias tiveram que sair, ser reassentadas em comunidades sem a menor assistência, condição de produzir, de ter água. Quando o MAB chegou ao Ceará, começou a organizar essas famílias. Foi se montando as pautas das comunidades, e no caso da Casa Nova, uma das pautas eram as cisternas. Pra minimamente acumular uma água, pelo menos pra beber e cozinhar. As cisternas foram uma forma de ter um reservatório, pra guardar água da chuva ou dos carros-pipa, uma água a saudável (BERNADINO apud FIOCRUZ-CE, 2019h, p. 9).

Figuras 33, 34 e 35 – Encontro Regional de Educação Popular em Saúde e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido do Vale do Jaguaribe/Litoral Leste – Limoeiro do Norte, 11 de outubro de 2019. FONTE: ACERVO DO CURSO

O trabalho do MAB é referenciado em experiências de vários territórios, assim como a articulação que faz com outros movimentos como a Cáritas de Limoeiro do Norte, com a gestão municipal e instituições religiosas.

As estratégias de Convivência com o Semiárido para superação das dificuldades de acesso à água na região colocaram em cena o papel fundamental da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte, com a implantação de bioáguas no território trazidas por duas educandas jovens — a partir de uma maquete referenciando a lógica e o funcionamento dessa tecnologia de Convivência com o Semiárido:

> Nossa ameaça é a escassez de água e a potencialidade foi o bioágua. Na nossa região era pra ter interligação de poços, que ainda não tem. O bioágua contribui com a produção de húmus, reaproveitamento da água, plantar algumas E tirou toda a água que virava lama nos terreiros (IGIRLEIDE; IGIRLIAN apud FIOCRUZ-CE, 2019h, p. 10).

Figuras 36 e 37 – Encontro Regional de Educação Popular em Saúde e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido do Vale do Jaguaribe/Litoral Leste – Limoeiro do Norte, 11 de outubro de 2019. Fonte: Acervo do Curso

A presença dos Povos do Mar se fez com a experiência de Jardim, comunidade litorânea no município de Fortim, e com a presença marcante de Maninha, liderança pescadora vinculada ao Conselho Pastoral de Pescadores/CPP e à Articulação Nacional das Pescadoras/ANP, que trouxe a história de luta dessa categoria invisibilizada, expressa em mapas afetivos tecidos à mão. Ela problematiza sobre a força destruidora da carcinicultura nas comunidades litorâneas destruindo o mangue e fazendo desaparecer os peixes, os mariscos, os caranguejos:

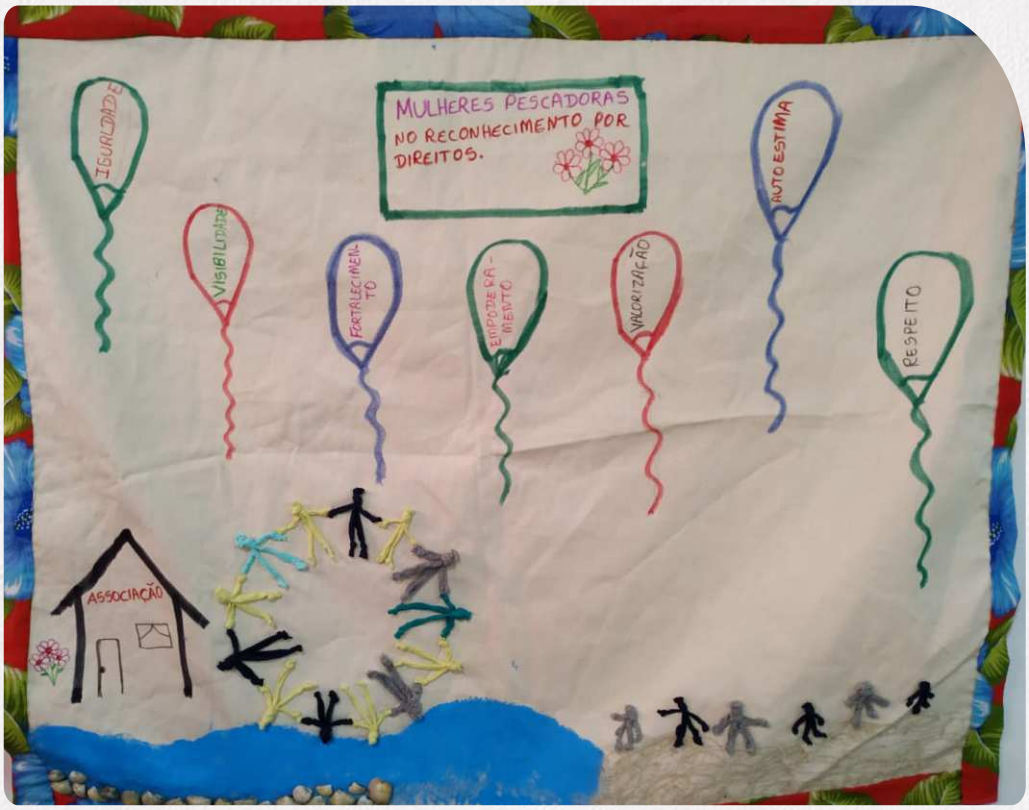


Figura 38 – Encontro Regional de Educação Popular em Saúde e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido do Vale do Jaguaribe/ Litoral Leste – Limoeiro do Norte, 11 de outubro de 2019. FONTE: ACERVO DO CURSO

Figura 39 – Encontro Regional de Educação Popular em Saúde e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido do Vale do Jaguaribe/Litoral Leste – Limoeiro do Norte, 11 de outubro de 2019.
Fonte: Acervo do Curso

A gente continuou lutando. Mas a mulher pescadora não é só pescadora: é dona de casa, agente de saúde, mulher de conselho e de tudo mais um pouco! A gente viu que precisava de outros espaços. Começamos a participar da ANP[31], e começou a ver que nossas mulheres pescadoras estavam adoecendo. Nossa sistematização trabalhou as doenças ocupacionais das pescadoras. É difícil tirar as companheiras de casa, mas uma vez ou outra a gente leva uma ou outra. Começamos a participar, até chegar ao Conselho de Saúde — é a segunda vez que faço parte. Hoje a gente foca muito a saúde da mulher pescadora. Conseguimos no Fortim que a Saúde fizesse 3 oficinas sobre a saúde do pescador.[...] E se a gente se juntar com outras entidades, a gente pode continuar essa luta! A mulher pescadora tem doença, que não é só física, é mental também. Conseguimos construir uma Associação de Moradores e Pescadoras — a gente sempre caminha junto. São duas coisas que não se desmembra: a Associação e os pescadores. A gente tem a parceria com o CPP: desde 2009, 2010, o CPP acompanha a comunidade. Eu cheguei ao Curso através do CPP. Nós temos o nosso rio Jaguaribe, que ajuda a gente a ter momentos de lazer. Quando chega alguém novo, a gente gosta de

[31] ANP – Articulação Nacional das Pescadoras, que "reúne pescadoras de todo o Brasil na luta pela visibilidade e conquista de direitos" (in https://www.facebook.com/ANPnacional/).

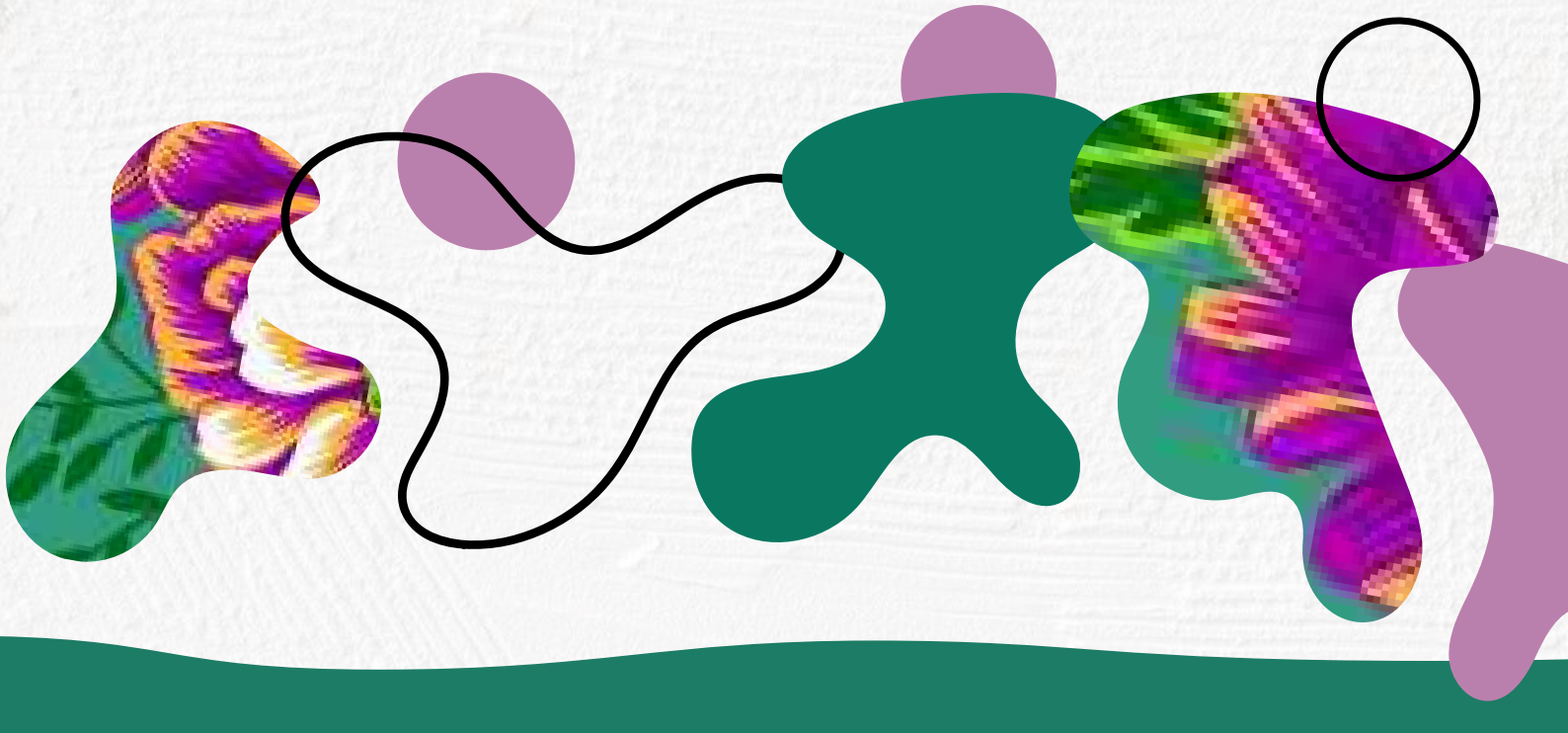
> abraçar, trazer pra roda de uma ciranda. O que a gente trabalha na ANP: mulheres pescadoras pelo reconhecimento dos nossos direitos! A gente se sente tão agredida, porque eu não posso chegar bem vestida no INSS, se não, eu sou barrada. A gente precisa quebrar isso e dizer que a gente quer o empoderamento, a valorização, a autoestima e nosso respeito — somos mulheres pescadoras! (MANINHA apud FIOCRUZ-CE, 2019h, p. 12).

Maninha terminou sua fala cantando um trecho muito conhecido no movimento de mulheres pescadoras, mas, sobretudo das trabalhadoras rurais em luta pela Reforma Agrária. O trecho é de Nazaré Flor, liderança do Assentamento Maceió/Itapipoca, poeta, cantora, trabalhadora rural e militante que fundou o Movimento da Mulher Trabalhadora do Nordeste (MMTR-NE), que diz: "Pra mudar essa sociedade do jeito que a gente quer/participando sem medo de ser mulher!" Nazaré Flor lutou muito pela conquista do seu território — e porque nessa vida tudo está entrelaçado, desse território, o Assentamento Maceió, de onde veio a experiência do Balanço do Coqueiro.

Se alguém perguntar por que trouxemos todos esses instantâneos, às vezes com tantos detalhes, diremos: porque não há como ter ideia, como já disse, do que se viveu, sem minimamente percorrer alguns pedaços de caminho com quem construiu essa história, esse Curso, essa trajetória.

De modo geral, este encontro foi marcado pela força e resistência dos territórios do campo e das águas com seus sujeitos e suas singularidades.

E porque, mesmo enquanto memória, esse processo ainda não findou, passemos pro que ainda está por vir.



4.7. ENCONTRO INTERESTADUAL DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE SELANDO A UNIÃO ENTRE OS CAMPOS DA EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE E DA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

> A gente precisa ter o cuidado de não dispersar as energias, porque a gente tem um trabalho danado pra conseguir tratar a energia — e depois a gente joga [fora] essa energia! Não podemos fazer isso! Energia tratada é muito caro pra nós! Energia tratada é amor! Energia tratada é cuidado! Energia não tratada é aquela que estoura os fios! Energia tratada é amizade, é amorosidade, é cooperação — isso é energia tratada! Esses momentos que parecem que não servem pra nada, é o momento de tratamento da energia! Então isso é muito importante! (Lima apud Fiocruz-CE, 2019b, p. 30).

Buscando, pois, potencializar as energias tratadas ao longo das três UAs e dos seis Encontros Regionais, o Encontro Interestadual de Educação Popular em Saúde e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido aconteceu nos dias 16 e 17 de outubro de 2019, em parte no espaço do Centro de Formação e Pesquisa Frei Humberto, em parte no Centro de Eventos do Ceará dentro da programação da Feira de Soluções para a Saúde organizada pela Fiocruz.

Figura 40 – Convite do Encontro Interestadual de Educação Popular em Saúde e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido – Fortaleza-CE, 16 e 17 de outubro de 2019.
FONTE: ACERVO DO CURSO

Figura 41 – Encontro Interestadual de Educação Popular em Saúde e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido – Fortaleza-CE, 16 e 17 de outubro de 2019.
FONTE: ACERVO DO CURSO

E o que esse Encontro trouxe? O que ele permitiu?

Trouxe, por um lado, a possibilidade do encontro coletivo novamente das cerca de 60 pessoas que seguiam no barco dessa Especialização/Aperfeiçoamento feitos com tantos percalços, mas também com tantas conquistas. E permitiu, por outro, colocar mais uma vez, na roda, o apurado de todo esse processo. Foi bonito sentar na roda grande e poder ouvir do pessoal as dificuldades e as alegrias da construção de cada Encontro Regional. Tanta energia empenhada! Tanto caminho percorrido! Nem parecia que, do ponto de vista do quanto os laços haviam se estreitado entre todas as pessoas, que o processo houvesse começado não havia nem um ano, ali mesmo, em janeiro de 2019.

Figura 42 – Encontro Interestadual de Educação Popular em Saúde e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido – Fortaleza-CE, 16 e 17 de outubro de 2019.
Fonte: Acervo do Curso

A Feira do Soma Sempre na Feira de Soluções para a Saúde no Centro de Eventos do Ceará teve como desafio organizar as barracas, não apenas regionalmente, mas considerando a diversidade temática e as linguagens escolhidas para a sistematização. Várias situações desafiadoras se colocaram, considerando as limitações de intervenção no espaço do Centro de Eventos e o restrito espaço das salas, mas foi a criatividade e a ousadia dos coletivos que fez a ocupação dos corredores, promovendo a interação com o público que circulava no espaço, quebrando a formalidade deste. Produziam-se, assim, inéditos viáveis potentes ao subverter as regras ditadas pelo status quo do ambiente — e dando voz, corpo e materialidade a sujeites e estratégias populares, decoloniais, de produção de cuidado, de conhecimento, de organização e de comunicação popular.

No apurado da Feira, esses/as sujeites puderam avaliar o que gerou aquele momento. As palavras de Ray Lima sintetizam esses aprendizados:

> Vocês foram fundamentais nisso! Cuidem disso, cuidem dessa coisa, essa capacidade, essa potência, de superação — mesmo alguns que não estão aqui hoje. Mas aqui estamos — e a gente reconhecer essa potência! A gente produziu a síntese, chegar até aqui, fazer aquela Feira maluca ontem, onde todo mundo parecia que estava louco, uma loucura total, naquele corredor. Mas é a coisa de quem está enxameado, como abelha, e ninguém sabe mais o que é, porque é no olhar, é na pulsação! Ali a gente criou um corredor, um espaço daquele de alto controle que mostra como o sistema funciona, pelo olhar, pelos guardas, pelo telefone. Ali, o conteúdo da Feira foi a subversão! E num momento como este é muito significativo subverter a ordem! Eu saí dali louquinho! O pessoal caiu na besteira de falar mais alto, o Sem Terra que não pode ouvir falar de ocupação — nem tinha acabado de ocupar, o cabra 'tava vendendo tapioca! Então é só alegria — e ver como esse Corredor é simples. O Johnson falou que o Corredor do Cuidado é uma síntese poética. Porque a gente diz quase tudo nele! Eu posso ir pra casa preparado pra outra batalha. Gratidão! (LIMA apud FIOCRUZ-CE, 2019i, p. 29).

Figuras 43, 44, 45 – Feira do Soma Sempre - Encontro Interestadual de Educação Popular em Saúde e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido – Fortaleza-CE, 16 e 17 de outubro de 2019.
FONTE: ACERVO DO CURSO

Figura 46 – Feira do Soma Sempre - Encontro Interestadual de Educação Popular em Saúde e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido – Fortaleza-CE, 16 e 17 de outubro de 2019.
FONTE: ACERVO DO CURSO

O Encontro Interestadual também se constituiu em momento de olhar para os aprendizados de todo o percurso — e mais uma vez o cuidado foi o elemento provocador das reflexões. Na manhã do último dia de Encontro no Centro de Formação Frei Humberto, o último dia de fato desse per.Curso, amanheceu-se acolhidos e acolhidas num grande corredor do cuidado:

> VAMOS TIRAR AS COISAS NEGATIVAS DO NOSSO CORAÇÃO E BUSCANDO ESSA CONEXÃO COM A TERRA, COM A FORÇA DA NOSSA ANCESTRALIDADE, QUE A GENTE POSSA FECHAR UM POUQUINHO OS NOSSOS OLHOS E IMAGINAR COMO ESTÁ NOSSO PAI, NOSSA MÃE, NOSSOS AVÓS, BISAVÓS, ATÉ A NOSSA 5A GERAÇÃO; E QUE A GENTE POSSA SE IMAGINAR BEM PEQUENININHO, ESSA CRIANÇA, QUE SE CURVA DIANTE DE TODOS OS SEUS ANCESTRAIS E QUE AGRADECE A CADA UM DELES, DELAS, PELA VIDA, PORQUE CADA UM/A NOS DEU O QUE TINHA DE MELHOR! (DANTAS APUD FIOCRUZ-CE, 2019I).

Não há como querer que se saiba o que é um corredor do cuidado para quem nunca o viveu, mas a gente pode tentar traduzi-lo assim: é um mergulho em Si apoiado no/a Outro/a, em que a poesia, a música, a ancestralidade, a ritualidade, a confiança, sobretudo, te tiram do emaranhado do cotidiano e te lançam num caudal de bem aventuranças, síntese poética no dizer do poeta Johnson Soares!

E para que não se perca um pouco do que adveio como reflexão sobre aquele momento:

> RAY: A GENTE FAZ MUITA COISA, MAS É AQUI QUE A GENTE SE ENCONTRA. EU VISUALIZO ISSO COM TANTA CLAREZA, COM TANTA SIMPLICIDADE — ISSO É CRIAR MUNDOS! SE A GENTE É CAPAZ DE FAZER AQUI, SOMOS CAPAZES DE MUDAR NO QUE CRIAMOS! SE SOMOS CAPAZES DE TRANSFORMAR UM AQUÍFERO NUM POÇO DE VENENO, A GENTE É CAPAZ DE SE CURAR, DE SE REINVENTAR! ISSO AQUI MOSTRA QUE A GENTE PODE FAZER GRANDES REVOLUÇÕES SEM SOFRIMENTO. TEM HORAS QUE NÃO TEM

jeito, o bicho ‘tá ali na sua frente. Mas se a gente pode mudar sem causar sofrimentos!... Há quantos meses estamos juntos? O governo ditou o fim, mas nós não aceitamos.

Verinha: nós dissemos sim à continuidade! (LIMA; DANTAS apud FIOCRUZ-CE, 2019i, p. 29).

Figuras 47 e 48 – Vivência “Visualização Criativa” - Encontro Interestadual de Educação Popular em Saúde e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido – Fortaleza-CE, 16 e 17 de outubro de 2019.
Fonte: Acervo do Curso

A proposição de uma visualização criativa de todo o processo vivido gerou um desenho — imagem-síntese — dos aprendizados que depois se apresentou articulada com outras imagens-sínteses do Núcleo de Aprendizagem-Ensino/NAE a que cada um/a pertencia. Desse modo, foi-se percorrendo cada encontro, cada Módulo, cada Unidade de Aprendizagem, cada tempo-comunidade, cada retorno presencial ao tempo-escola, cada atividade vivida e trazida de volta para o coletivo, cada intervenção, cada sistematização, cada construção de Encontro Regional, e o que disso tudo ficava como aprendizado.

As imagens-síntese das visualizações criativas produzidas trouxeram como o Curso contribuiu com a animação da resistência popular, expressa em imagens como a chama, o mandacaru (símbolo da resistência do Semiárido), a historicidade revelada nas linhas do tempo, a roda, a mandala e outras circularidades evidenciando a união, o companheirismo, a coletividade, a diversidade expressa na diversidade das cores, a dinamicidade e processualidade e o compartilhamento de saberes. As diversas imagens também falavam de cuidado, amorosidade, afeto e ternura que permearam todo esse caminho pedagógico de implicação individual e coletiva, consigo e com as comunidades.

O perceber-se renascendo como educador/a popular inacabado/a, sempre na busca de ser mais como humano mas vivendo um processo de aprendizagem que se constrói por meio de encontros, com místicas, ritualidades, do aprender brincando, em um diálogo amoroso onde a produção do conhecimento é inclusiva, somatória, na qual os/as educandos/as se percebem sujeitos da produção de conhecimento compartilhado com suas comunidades: "Antes dos livros vieram os contadores das histórias dos livros".

A territorialidade, nesse contexto, aparece como aspecto fundante, expressando o potencial das comunidades, os vínculos e a problematização das realidades do micro ao macro, quebrando barreiras e construindo propostas de atuação conjunta para transformação das situações-limite. Olhar os territórios como universos com seus diversos ciclos e culturas e perceber a possibilidade de florescer outros modos de organização e participação comunitária: "Tecer histórias, compartilhar resistência."

Ao mesmo tempo, as imagens revelaram os desafios de fazer a gestão do tempo conciliando os compromissos locais, familiares, de trabalho e da própria militância nos movimentos sociais populares — e apontaram proposições de dar continuidade às ações já realizadas no território, visibilizando as potencialidades locais, conquistando as juventudes e reforçando essa prática pedagógica em outros processos formativos, ativando e fortalecendo redes entre movimentos e territórios. Os/as educandos/as trouxeram seu desejo de ampliar os diálogos com a academia e propuseram a realização de um Mestrado em Educação Popular como continuidade desse percurso (FIOCRUZ-CE, 2019i). Oxalá seja um possível!

Figura 49 – Imagem-síntese do Núcleo de Aprendizagem-Ensino 1 (NAE 1) - Vivência "Visualização Criativa" - Encontro Interestadual de Educação Popular em Saúde e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido – Fortaleza-CE, 16 e 17 de outubro de 2019.
FONTE: ACERVO DO CURSO

Figura 50 – Imagem-síntese do Núcleo de Aprendizagem-Ensino 2 (NAE 2) - Vivência "Visualização Criativa" - Encontro Interestadual de Educação Popular em Saúde e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido – Fortaleza-CE, 16 e 17 de outubro de 2019.
FONTE: ACERVO DO CURSO

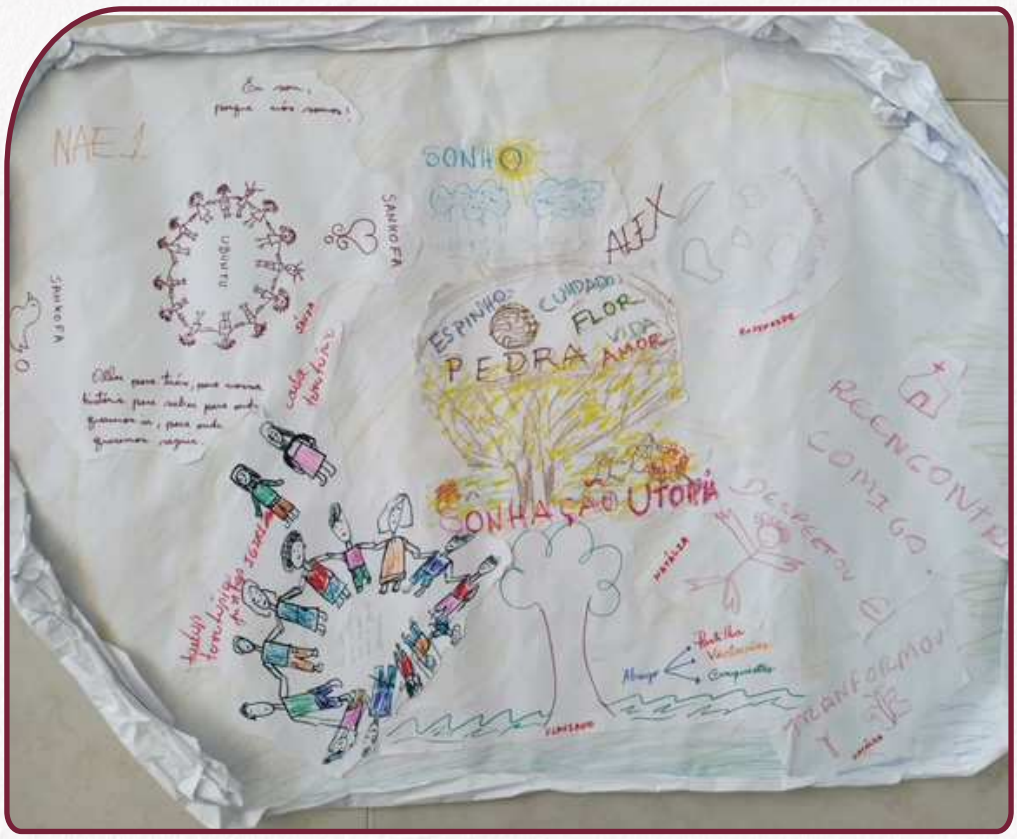


Figura 51 – Imagem-síntese do Núcleo de Aprendizagem-Ensino 3 (NAE 3) - Vivência "Visualização Criativa" - Encontro Interestadual de Educação Popular em Saúde e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido – Fortaleza-CE, 16 e 17 de outubro de 2019.
FONTE: ACERVO DO CURSO

Figura 52 – Imagem-síntese dos Núcleos de Aprendizagem-Ensino 5 e 8 (NAE 5 e 8) - Vivência "Visualização Criativa" - Encontro Interestadual de Educação Popular em Saúde e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido – Fortaleza-CE, 16 e 17 de outubro de 2019.
FONTE: ACERVO DO CURSO

Figura 53 – Imagem-síntese do Núcleo de Aprendizagem-Ensino 7 (NAE 7) - Vivência "Visualização Criativa" - Encontro Interestadual de Educação Popular em Saúde e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido – Fortaleza-CE, 16 e 17 de outubro de 2019.
FONTE: ACERVO DO CURSO

Para selar, por fim, o significado desse Encontro Interestadual, tivemos uma espécie de ceno-síntese de todo esse processo, expressa na idéia de um casamento entre os campos da Educação Popular em Saúde e o da Convivência com o Semiárido:

> [ALGUÉM FALA ALGO COMO UM CASAMENTO DA ANEPS COM RESSADH DEPOIS DESSE CURSO]
>
> VERINHA: E É UM CASAMENTO HOMOAFETIVO, SEM DIREITO À SEPARAÇÃO, ESSE DA ANEPS COM A RESSADH!
>
> ANA CLÁUDIA: ACEITAMOS O CASAMENTO! [BATEM AS MÃOS, VERINHA E ANA]
>
> [ALGUÉM DIZ: E É UM CASAMENTO ABERTO!]
>
> VERINHA: É! CASAMENTO HOMOAFETIVO E ABERTO! [RS]
> (DANTAS; TEIXEIRA APUD FIOCRUZ-CE, 2019I, P. 39).

Vida longa, pois, a essa união!

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Sobre o PNAE: O que é?. [s.d.]. Disponível em: https://www.fnde.gov.br/programas/pnae. Acesso em: 26 out. 2022.

FIOCRUZ-CE- FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - CE. **Projeto Pedagógico de Cursos de Pós-Graduação: Especialização Lato Senso (PPC)**. Não publicado. Fiocruz-CE: Eusébio, 2019a. 49 p.

FIOCRUZ-CE- FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - CE. **Relatoria da Unidade de Aprendizagem I**. Não publicado. Fiocruz-CE: Eusébio, jan. 2019b. 177 p.

FIOCRUZ-CE- FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - CE. **Relato do Encontro Regional de Fortaleza/Região Metropolitana.** Não publicado. Fiocruz-CE: Eusébio, out. 2019c. 14 p.

FIOCRUZ-CE- FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - CE. **Relato do Encontro Regional do Cariri.** Não publicado. Fiocruz-CE: Eusébio, set. 2019d. 43 p.

FIOCRUZ-CE- FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - CE. **Relato do Encontro Regional do Rio Grande do Norte/Mossoró.** Não publicado. Fiocruz-CE: Eusébio, out. 2019e. 35 p.

FIOCRUZ-CE- FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - CE. **Relato do Encontro Regional de Sobral/Litoral Oeste.** Não publicado. Fiocruz-CE: Eusébio, out. 2019f. 28 p.

FIOCRUZ-CE- FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - CE. **Relato do Encontro Regional do Sertão Central.** Não publicado. Fiocruz-CE: Eusébio, out. 2019g. 25 p.

FIOCRUZ-CE- FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - CE. **Relato do Encontro Regional do Vale do Jaguaribe/Litoral Leste.** Não publicado. Fiocruz-CE: Eusébio, out. 2019h. 22 p.

FIOCRUZ-CE- FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - CE. **Relato do Encontro Interestadual.** Fortaleza. Fiocruz-CE: Eusébio, out. 2019i, 48 p.

IASI, M. Poema Aula de Vôo. Disponível em: https://acasadevidro.com/aula-de-voo/. Acesso em: 26 out. 2022.

STEINER, R. **Os doze sentidos e os sete processos vitais.** São Paulo: Antroposófica, 1997.

05.

A DIMENSÃO *político-organizativa* E DE LUTA SOCIAL da educação popular em saúde nos territórios

Maria Glória Carvalho
Leandro Araújo da Costa
Vera Lúcia Alves Mariano

5.1. A RESISTÊNCIA POPULAR COMO MARCADOR DO CONTEXTO BRASILEIRO

Começamos este texto afirmando que mesmo diante da conjuntura política que assola o país nos últimos anos, marcada por um executivo federal que se ampara na truculência, por um parlamento hegemonicamente constituído por representantes das elites brasileiras, que reduziram drasticamente os incentivos financeiros para a educação e a saúde, surge a gestação de um *Curso de Especialização*, em parceria com a Fiocruz e fomentado pela RESSADH e ANEPS, que mobiliza os vários movimentos populares, redes e articulações que se unem a partir do compromisso político de viabilizá-lo.

A gestação deste Curso traz um caráter inovador desde o início, ao tratar os/as futuros/as educandos/as, militantes de movimentos populares, como protagonistas do processo de construção e elaboração do mesmo. Com eles, os Movimentos Populares que perpassam diversos territórios, trazendo as pautas das periferias urbanas em diálogo com os territórios dos Campos, Florestas e Águas — mostrando que as lutas por equidade se constroem em diversas frentes e por diversas mãos.

O Ceará é um dos estados que integra o Semiárido Brasileiro em mais de 95% de seu território, com cerca de 175 municípios inclusos nessa classificação. Essa realidade impõe à população cearense um desafio constante frente seu território, sua história e suas lutas. A Convivência com o Semiárido mistura, assim, a garantia de políticas

públicas efetivas com a tradição das aprendizagens. Essa forma de compreender o mundo uniu-se perfeitamente com a Educação Popular em Saúde e produziu encontros que transbordaram resistências e potencializaram a atuação dos educandos e dos movimentos populares que faziam parte. Desses encontros surgiram temas tais como: a intensa retirada de direitos com a Emenda Constitucional 95, a Reforma Trabalhista e de Previdência, além da política autoritária, racista, machista e LGBTfóbica que passou a ser estimulada em vez de combatida.

A presença intensa de movimentos populares pertencentes aos territórios dos Campos, Florestas e Águas e do Semiárido brasileiro nos coloca também o desafio de pensar a vida e as resistências dos povos a partir dessa realidade, não dos centros urbanos. Tal empreitada exige coragem e humildade na compreensão de que somente a pauta do campo e da cidade unidas conseguirá causar mudanças na estrutura do estado brasileiro. É nos territórios dos Campos, Florestas e Água que existem as maiores matrizes econômicas do país: agronegócio e os agrotóxicos, grandes empresas de energia, empresas de extração de minérios que influenciam economicamente e politicamente os rumos do estado brasileiro. Por isso, neste texto, escreveremos a resistência dos Povos a partir da realidade dos movimentos dos Campos, Florestas e Água.

No Brasil, ainda temos uma grande parte da população que vive no que é chamado território rural que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2017, representava cerca de 60,4% dos municípios brasileiros (IBGE, 2017). Mesmo com todo esse contingente de pessoas vivendo no meio rural, ainda assim as políticas públicas de saúde no Brasil não priorizam as populações desses territórios, denominadas pelos movimentos populares brasileiro de Populações do Campo, Floresta e Águas (PCFA). Demarcar esse termo foi um passo essencial para diminuir sua invisibilidade no âmbito das políticas públicas. A PCFA tem uma profunda relação dos indivíduos com seu território, estando seu modo de vida e de produção completamente intrínsecos ao ambiente em que vivem (BRASIL, 2013).

Podemos afirmar que a formação social do povo brasileiro é marcada historicamente por um processo de dominação violenta com exploração, construída através de um modelo escravocrata que persiste até hoje nas entranhas de nossa estrutura social. Todo esse processo dificultou a assimilação de identidade, perpetuando as desigualdades, causando na atualidade profundos embates e desafios no âmbito da democracia e seguridade social (RIBEIRO, 2015).

Nessa trajetória histórica, a PCFA foi completamente excluída da seguridade social até o início dos anos 1970, onde somente após essa data conseguiu alguns direitos básicos, mas restritos ao trabalhador rural formalizado. Mais à frente, com as mudanças e amplos debates em toda a sociedade sobre o conceito de saúde trazido pela 8ª Conferência Nacional de Saúde, surgiram inovações nas políticas públicas durante os anos de 1980, quando em 1988

o direito à saúde ganhou caráter universal com a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), de forma que a população rural e os camponeses passaram a ser inseridos na assistência à saúde (FENNER et al., 2018).

Portanto, a história do SUS está profundamente vinculada às lutas sociais e democráticas, pela continuidade da garantia desses direitos.

> E aí a gente vai deixar que roubem a nossa voz? Ou nós seremos e faremos eternos gritos pela liberdade? Se a gente for olhar a história do SUS no nosso país, a gente vai perceber que ele foi construído a partir das lutas, da 8ª Conferência — e com um sistema que garante equidade, universalidade. Isso significa que a pessoa que mora mais longe tem direito ao sistema de saúde. E há pouco mais de 30 anos atrás, só tinha direito quem tinha carteira assinada. Não chegava pra todos. Só que hoje, para as pessoas terem acesso à saúde, isso tem incomodado muita gente. E quer colocar a saúde como mercadoria. A grande questão é: nós vamos aceitar isso? A vida não é o que a gente tem de mais valor? Se a gente perguntar pra qualquer pessoa o que ela mais quer, saúde, porque com saúde se pode lutar por outras coisas (...) (COSTA apud FIOCRUZ, 2019g, p. 5).

Os princípios do SUS são para garantir a saúde do povo brasileiro que haja integralidade, equidade e universalidade. É preciso defender o SUS como uma política pública fundamental para diminuir as iniquidades sociais do nosso país, principalmente no que se refere aos territórios das PCFA.

A Estratégia de Saúde da Família (ESF) tem sido a estratégia predominante para operacionalizar a porta de entrada do SUS e, assim, alcançar seus princípios doutrinários. Mesmo sendo uma excelente forma para realização do cuidado das PCFA, enfrentamos problemas na sua implementação nos territórios, como a alta rotatividade de profissionais, o difícil acesso dos/as usuários/as, a dificuldade da compreensão dos/as profissionais acerca das particularidades do modo de vida dessas populações e seus determinantes sociais de saúde no território (COSTA et al., 2019).

A mudança nas formas de cuidado em saúde só é possível com a visão crítica do modelo atual hegemônico, juntamente com a implantação de novas práticas de saúde no cotidiano dos serviços de saúde, que atendam às demandas das realidades territoriais (ROSA; LABATE, 2005). Além disso, a ESF também deve realizar conexões críticas entre o impacto do modelo de desenvolvimento vigente e a vida dessas populações que são diariamente afetadas por problemas ambientais causados por más decisões políticas. São questões que também podem ser alcançadas com a educação permanente voltada aos profissionais que compõem essas equipes (COSTA et al., 2019).

> Quando se afronta a saúde, direitos, a democracia, a gente está afrontando a vida de homens e mulheres na nossa sociedade. Temos que perceber que essa trajetória de criação de políticas públicas, as políticas de equidade dentro do SUS, as políticas de saúde no campo, da população negra, LGBT, a gente começa a despertar para que a gente possa ter algumas políticas na consolidação da saúde. Podemos pensar ainda nas políticas de saúde, de práticas integrativas, essas são alguns avanços. Isso vai na contramão da saúde como mercadoria. E faz parte de um processo de construção que vem de longe [...] (COSTA apud FIOCRUZ-CE, 2019g, p. 5).

A formulação da Política Nacional de Saúde Integral da População do Campo, Floresta e Águas (PNSIPCFA) foi um debate extenso realizado por mais de 10 anos, por movimentos sociais populares que compunham o chamado Grupo da Terra, formado por representantes de órgãos governamentais, movimentos sociais e convidados/as. A Política surge para firmar o compromisso do Estado com a garantia e acesso à saúde dessas populações, porém nem sempre é colocada em prática (BRASIL, 2013). O controle social e a participação popular são fundamentais, bem como a apropriação da PNSIPCFA por parte dos movimentos sociais do campo, para que possamos ter arcabouço legal e teórico na luta por direitos e por uma sociedade justa:

> Não podemos considerar a fome e a miséria como algo natural. Temos obrigação, mais do que nunca, de fazer denúncia das misérias e as possibilidades de esperança, dentre elas, este momento aqui: a agroecologia, a produção sem venenos, a universidade pública, defender a pesquisa, a soberania dos nossos povos indígenas, originários, diante de uma política destruidora, de mineração, de uma política que nega a Educação Popular, nega Paulo Freire, um dos nossos patronos. É desafio nosso reinventar nossa luta, seja na gestão, seja na universidade, fazer um trabalho de base em defesa da vida! (COSTA apud FIOCRUZ-CE, 2019g, p. 5).

Em 10 anos de existência da PNSIPCFA, já podemos observar que os desafios são grandes, mas não desconhecidos (PESSOA; ALMEIDA; CARNEIRO, 2018). É fundamental que os movimentos sociais populares participem do processo de educação permanente e planejamento das ações e estratégias de saúde nos territórios. Sendo os movimentos sociais a roda propulsora que gira a história, a transformação do modo de produzir saúde virá através da transformação da sociedade.

> O MST diz: saúde é a capacidade de lutar contra toda forma de opressão! Fazendo resistência coletiva! Cinco são cinco, mas jun-

> tos são um! É hora de apertar os chinelos, engraxar os sapatos, se organizar e fazer a nossa luta! Finalizando com Paulo Freire: é necessário denunciar as mazelas e anunciar o horizonte, com a vida, com o belo! Com o verbo esperançar! Tem que fazer com que o povo creia que é possível criar um mundo onde se viva em comunhão! Mas pra isso, precisamos quebrar estruturas do sistema capitalista (COSTA apud FIOCRUZ-CE, 2019g, p. 6).

Apesar do caráter democrático do SUS, ainda prevalecem as heranças do modelo de mercantilização da saúde proposto nos governos anteriores e ditatoriais (MERHY, 2014).

> Gente não se administra, gente se cuida — e hoje temos um governo que só produz a morte! A morte da verdade! Temos uma Petrobrás dizendo que as manchas de petróleo vieram da Venezuela! Nós vivemos a situação da mentira, vivemos sob o signo da morte! Um governador entra no helicóptero e manda matar negros, porque por princípio todo negro é marginal!... Vivemos um momento complicado. E temos consciência de que o verdadeiro nome da educação é EP. Precisamos ressuscitar nossa cultura que está sendo morta dia a dia na televisão! E dos nove estados do Nordeste, o que mais descuidou de sua cultura foi o Ceará! Então a reunião de vocês hoje aqui é um ato revolucionário! (OSVALDO apud FIOCRUZ-CE, 2019f, p. 10).

Desde o golpe instaurado nos governos populares de Lula e Dilma por Michel Temer e setores da burguesia, estamos vivendo intensos cortes no setor da saúde, aprofundados pela emenda do teto de gastos criada no governo Temer e mantida no governo Bolsonaro (BDF). A importância da participação dos movimentos sociais está inclusa em todos os pontos da PNSIPCFA porque a resistência popular é fundamental no processo de garantia do direito universal à saúde, bem como de lutar contra os impactos ambientais e consequentemente populacionais causados pelas políticas neoliberais de austeridade.

> Esse governo adoece o povo dos territórios e enriquece as corporações! E além de adoecer, ele elimina os corpos que se rebelam contra isso! [...] Pra nós, a centralidade da luta é a Reforma Agrária, mas a gente não olhava o adoecimento dos militantes, dos trabalhadores. A gente aprendeu que é preciso falar dos conflitos, mas também do bem-viver nos territórios, porque mesmo diante de situações de violação, o nosso povo se reinventa! [...] É preciso dialogar com os trabalhadores! Outra questão é crítica e autocrítica. A gente tem o perfil de militante que está apavorado, que apavora o resto do povo; tem o povo

> que já foi pra Europa, estudar; e tem as criaturas, que somos nós, que vamos fazer resistência no campo popular! Porque essa doutrina do choque é para imobilizar a gente! É inadmissível que os intelectuais orgânicos aqui presentes deixem passar batido a prisão do Lula! Porque são 40 anos de perseguição — é impossível não falar do Lula! Então, é luta! Mas essa luta é no lugar que a gente está [...]. Então o CPP reconhece o espaço de construção da Educação Popular como de resistência! (NONATO apud FIOCRUZ-CE, 2019a, p. 132).

Segundo Paulo Freire, ter esperança é ter capacidade de olhar e reagir ao que parece não ter saída, sendo o verbo "esperançar" diferente de "esperar" (FREIRE, 1997). É fundamental, portanto, que possamos trilhar os caminhos de resistência através do diálogo entre movimentos sociais, equipes e territórios, construindo um cuidar em saúde de caráter universal, integral e equânime para essas populações.

A luta dos movimentos do Campo, Floresta e Águas vem de longe nessa nossa história, uma luta popular organizada com resistência e ousadia, colocando a formação como elemento essencial nessa caminhada, permitindo reescrever a história por homens e mulheres que ressignificam suas vidas e seus territórios na defesa de uma sociedade mais justa e igualitária e de um planeta com territórios saudáveis e sustentáveis.

5.2. A TEIA DE SUJEITOS/AS/ES CONSTRUTORES DO PROCESSO

O *Curso de Especialização* foi um processo de encontro de várias instituições, movimentos e organizações não governamentais com o objetivo de somar os vários conhecimentos acadêmicos e empíricos, articulando a teoria com a prática e o contexto de atuação de cada um/a dos/as parceiros/as, a partir da Educação Popular, com respeito à diversidade territorial, cultural, organizativa e afetiva dos/as educandos/as na representação de suas entidades. A parceria dos vários segmentos na coordenação do *Curso* fortaleceu a coletividade, o processo pedagógico e a viabilidade do mesmo, tendo em vista que este foi permeado por muitas dificuldades financeiras diante das ações de corte de recursos pelo governo federal relativamente à continuidade do processo. Essa diversidade de organizações trouxe potencialidade ao processo de formação e articulações para a continuidade do Curso —e tendo a Educação Popular como elemento central da *práxis* neste processo, fortaleceu as vivências no cotidiano dos territórios.

Uma das entidades que fez parte desse processo, inclusive compondo a Coordenação Político-Pedagógica, foi o Conselho Pastoral dos Pescadores/CPP — que, no balanço das águas e das mãos das mulheres e homens, pescam e mariscam a sobrevivência em seus territórios. Sobre a atuação da CPP, o *Relatório da UA* I traz a fala de Camila Silva:

> Sou da Pastoral dos Pescadores, que é uma instituição que já ao longo de 50 anos tem trabalhado com os pescadores e pescadoras artesanais a nível de todo o Brasil. Eu sou aqui de Cascavel, pertinho de Fortaleza, atuo em Fortaleza e também em Crateús, Sertão dos Inhamuns, Novo Oriente e vários outros territórios! Aonde tem pescadores e pescadoras, [lugares] que a gente tem atuação, a gente está lá (SILVA apud FIOCRUZ-CE, 2019a, p. 27).

Outra entidade fundamental nessa construção foi o Movimento dos Trabalhadores sem Terra/MST, que nos seus 37 anos de existência no país herda uma trajetória de lutas dos movimentos que lhe antecederam

e têm organizado os trabalhadores e trabalhadoras na luta pela terra, pela reforma agrária e por uma sociedade justa nas relações sociais.

Na sua trajetória, o MST tem fortalecido parcerias com vários movimentos, articulações e redes que se organizam e fazem suas lutas. Na sua desafiadora experiência na organização da classe trabalhadora no enfrentamento aos algozes do sistema, o MST tem objetivado a transformação da sociedade a partir da organização popular, na luta, na resistência, no trabalho, na educação — espaços que vão se forjando na realidade de sua existência, tornando-o esse grande sujeito coletivo que tem resistido aos ataques dos sistemas e a toda a política nefasta do capital.

Historicamente, o MST tem construído parcerias com várias frentes de luta e se articulado com os vários segmentos de resistência, compreendendo a importância, as especificidades e a reflexão na luta coletiva e emancipatória de cada organização envolvida. Caminhar com ANEPS, no seu processo permanente, dialético e reflexivo da ação/reflexão/ação transformadora também possibilitou encontros e diálogos entre o saber científico e o popular, contribuindo para vivenciar relações não opressoras, promovendo a união desses segmentos em torno da pauta em defesa da vida, da luta por saúde, pelo fortalecimento do SUS.

Também foi potente o envolvimento com a RESSADH que, considerando as singularidades do Semiárido, contribuiu com a articulação, o desenvolvimento de estudos, pesquisas sobre a crise hídrica, mapeando experiências, estratégias que os Povos têm vivenciado e acumulado para o enfrentamento a essa situação que historicamente tem sido uma marca do território nordestino.

A Educação Popular, suas interfaces com a saúde e o Semiárido, tem permeado os processos dos vários grupos, redes e articulações, possibilitando uma abordagem de ensino-aprendizagem pautada no diálogo e no compartilhamento de saberes que apontam para o empoderamento dos sujeitos populares nos seus territórios de atuação.

O *Curso de Especialização* foi um espaço muito rico de experiências e de fortalecimento das relações — e o MST Ceará participou ativamente da elaboração da proposta do Curso, da seleção de educandos/as e do desenvolvimento do mesmo. Sobre a participação do MST no Curso, Vera Mariano coloca:

> Sou militante do MST. A gente tem estado presente desde o início de construção dessa proposta — e é muito bonito a gente ver acontecendo esse primeiro momento num momento difícil que a gente está vivendo no nosso país, que é um momento de resistência, que a gente precisa não soltar a mão de ninguém porque vai ser um período de muito enfrentamento e a gente tem que se fortalecer, se reaprender, como diz o Ray, e se somar nessa coletividade, nesses milênios que a gente tem aqui e vivenciar esse

> Curso e chegar até o final! (MARIANO apud FIOCRUZ-CE, 2019a, p. 25).

Essa construção coletiva do *Curso* teve também a parceria do Centro de Estudos de Trabalho e Assessoria do Trabalhador – CETRA, que tem em sua essência a defesa da vida, da dignidade e do direito ao território. Por isso, a importância de sua atuação política e jurídica junto aos/às agricultores/as da Zona Costeira da região de Itapipoca. Outra marca na sua atuação é o trabalho com as mulheres e a assessoria técnica aos trabalhadores e trabalhadoras, na defesa da agroecologia, da socioeconômica solidária e da comercialização da produção nas feiras. A importância desta organização da sociedade civil fortaleceu o coletivo de Coordenação Político- Pedagógica do *Curso* e o acompanhamento do trabalho de base, como se pode perceber na fala potente de sua representante política no mesmo:

> Sou economista doméstica de formação, sou lá de Trairi, Litoral Oeste do estado, mas tenho passagem também por vários cantos, entre eles o Sertão Central, o território do Curu-Vale do Aracatiaçu, por Sobral, mas eu trabalho numa organização chamada CETRA, que faz parte do movimento de Convivência com o Semiárido e do Movimento Nacional de Agroecologia — e que também tem contribuído para a construção deste Curso (SANTOS apud FIOCRUZ-CE, 2019a, p. 26).

A educanda que é assessora técnica do CETRA na região norte do estado fala da importância da parceria com a Fiocruz no processo de formação — e de como os princípios da Educação Popular fortalecem as ações nos territórios:

> Quero parabenizar a coordenação da Fiocruz e aos educandos/as, claro, pela resistência de manter vivo esse processo de formação. Nós somos historicamente e continuamos sendo resistência. Depois falar a partir da experiência do CETRA e dizer que institucionalmente a gente vê como a Saúde e a Educação Popular se articulam para o fortalecimento da relação dialógica da agroecologia com a sociedade. E a Feira Agroecológica e Solidária de Sobral se constitui enquanto resistência (FERNANDES, apud FIOCRUZ-CE, 2019e, p. 22).

O encontro desses vários sujeitos e sua socialização de saberes proporcionou aprendizados que, como uma teia, foi agregando culturas territoriais expressadas em vários momentos, a exemplo das *Feiras do Soma* Sempre que promoveram a multiplicação de saberes, sabores e práticas, expressando a diversidade que cada um dos educandos e educandas do Curso e de suas comunidades e organizações.

5.3. ARTICULAÇÃO, COOPERAÇÃO E INCIDÊNCIA POLÍTICA: UM JEITO DE CONSTRUIR PROCESSOS ORGANIZATIVOS E FORMATIVOS

> É muita articulação! Muitos encontros! Muito trabalho! E isso é muito bom! Mas com muito prazer, isso! Então este Curso tem sido importante sobre como construir um processo em que não fica ninguém fora! Não fica de fora esse saber popular, não fica de fora a experiência dos movimentos, das instituições! É um Curso de cooperação! (LIMA apud FIOCRUZ-CE, 2019a, p. 29).

Estar em articulação tem suas dores e delícias — e elas geraram muitos aprendizados que foram verbalizados por quem vivenciou e avaliou o processo de construção e implementação deste *Curso*. Aqui partilhamos um apanhado de *lições*, na perspectiva de que elas contribuam para aprimorar futuras experiências e fazer memória das vivências em diferentes territórios.

Uma das lições mais marcantes foi a da cooperação. Esta é uma grande potencialidade popular, especialmente quando se vivencia um contexto que privilegia a competição, característica do modo de produção capitalista, produtor de desigualdades. A construção pedagógica deste Curso se deu de forma cooperada o tempo todo — e foi determinante para a conclusão do processo num contexto de retirada do apoio financeiro por meio do convênio firmado via Fiocruz com o governo federal no ano de 2017. Diante disso, entidades, movimentos sociais, educandos/as, orientadores/as e outras pessoas ousaram continuar e sustentar financeiramente a participação e as atividades previstas no *Curso*. E essas atitudes foram celebradas:

> (...) E num momento político como o que estamos vivendo, sem esquecer de celebrar o que a gente conseguiu! Se a gente não faz isso, a gente se ferra! ... Esse choro é revolucionário! ... Isso aqui mostra que a gente pode fazer grandes revoluções sem sofrimento... Há quantos meses estamos juntos? O governo ditou o fim, mas nós não aceitamos (LIMA apud FIOCRUZ-CE, 2019d, p. 8).

As experiências de gestão vindas de diferentes espaços territoriais e institucionais deram maior força e confiança à Coordenação e equipe do Curso. Ao mesmo tempo em que as entidades e movimentos atuaram cooperativamente e em rede, a mobilização de gestores públicos se mostrou como algo a ser refletido e planejado estrategicamente, pois não foi fácil contar com a presença das pessoas em encontros e seminários sem ter o apoio financeiro previsto no início do *Curso*.

De maneira geral, a mobilização com as políticas públicas mostrou-se desafiante, em especial no contexto da capital do Ceará, onde se imaginava existir um campo institucional mais bem preparado para esse diálogo:

> Se pegar Fortaleza: a gente viu a grande dificuldade que é a mobilização com as políticas públicas, dificuldade concreta num espaço maior, o que nos leva a refletir: como potencializar articulação nos pequenos locais e como quebra a cerca (DANTAS apud FIOCRUZ-CE, 2019c, p. 10).

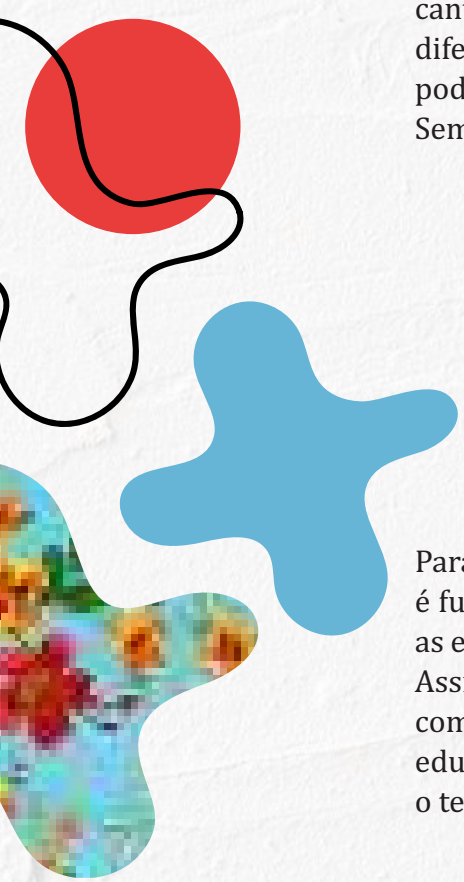
No entanto, houveram brechas em que, por meio de estratégias instituintes que o Curso trouxe para a roda como possibilidades, se pôde contribuir para efetivar a Política Municipal de Educação Popular em Saúde (PNEPS/SUS), a partir da experiência dos grupos, coletivos e redes comprometidas com essa proposta. A experiência deste Curso como uma estratégia de implementação da PNEPS/SUS nos desafiou a perceber e refletir que a implementação de Políticas Públicas se situa numa arena de disputas de interesses — e que os diferentes atores sociais populares precisam estar unidos, articulados e engajados, tanto na sua formulação mas, principalmente, nas suas estratégias de implementação, como já nos alertava Lígia Giovanella quando aprofunda o *ciclo de construção das Políticas Públicas* (GIOVANELLA, 2012).

A união de quase 80 pessoas — de diferentes territórios — com uma grande diversidade de representações e saberes locais vem demonstrar as conquistas obtidas com a criação das Políticas de Promoção da Equidade no SUS, bem como o reconhecimento das práticas integrativas e populares de *cuidado.* Neste sentido, vale destacar que, apesar do avanço que foi conquistado na implantação dessas políticas, ainda há muitos desafios no que se refere à sua implementação.

Estas foram conquistas árduas e históricas, advindas de esforços dos movimentos sociais populares e dos vários atores engajados no processo da Reforma Sanitária e da redemocratização no Brasil. É importante manter viva essa memória e os acúmulos neste caminhar coletivo:

> Apesar da criação dessas políticas, há grande resistência às diferenças culturais e de saúde, mas a resistência e continuidade dessas políticas se dão através da participação nos conselhos, conferências, encontros e movimentos sociais de saúde. Os desafios apontam para a necessidade de implementação dessas políticas, principalmente no governo atual. E também pela própria formação do profissional de saúde — não há na formação algo na direção da cultura, dos povos, saúde indígena, negra, do campo (FERNANDES apud FIOCRUZ-CE, 2019b, p. 15).

Esse processo também evidenciou que é importante atuar localmente, nos espaços de controle social de políticas públicas, do SUS, enquanto sistema público universal, bem como nos espaços da educação formal e informal, de práticas de saúde popular — e que é imprescindível, nos dias atuais, estar articulado em redes.



A partir do *tempo-escola* e do *tempo-comunidade* foram se produzindo processos de ensino-aprendizagem centrados no encontro das pessoas nos mais diferentes espaços e possibilidades, como os encontros em cada Módulo, os Encontros Regionais e Interestadual, dentre outros momentos marcantes do processo formativo em rede. Assim, o vai-e-vem de pessoas de diferentes lugares — desde universidades, entidades, movimentos sociais, poder público, dentre outros — foram uma espécie de *tempero* para o *Curso*. Sem ele, não aconteceria como tinha sido sonhado, desenhado e planejado:

> A gente esperançou porque não ficamos parados, esperando alguém resolver o problema: eu vi em cada região, nos movimentos, nas falas dos movimentos, de como esse per.Curso mexeu não só com quem fez o Curso, mas com quem está nos territórios! Os jovens de Tianguá apresentando a experiência na ausência do educando do Curso foi prova disso! (DANTAS apud FIOCRUZ-CE, 2019c, p. 10).

Para dar conta das ações articuladas, cooperadas e com incidência política é fundamental a construção do protagonismo popular com todas as pessoas e organizações envolvidas na perspectiva emancipatória (FREIRE, 1997). Assim, o diálogo fluído entre Educação Popular em Saúde e a Convivência com o Semiárido e com a Agroecologia apareceu nas falas das realidades de educandos/as, na cartografia social adotada como ferramenta para pensar o território:

> Quando a gente fala de territórios saudáveis, vocês estão trazendo que tudo isso é promoção de saúde. Então, a saúde vai além do modelo assistencial, curativo, biomédico — em que a gente só enxerga saúde como ausência de doença. Tudo isso que vem da agroecologia, dos territórios pesqueiros, das várias expressões culturais, tudo isso é saúde (ANA CLÁUDIA apud FIOCRUZ-CE, 2019e, p. 23).

Podemos vislumbrar, agora, o desafio entre o diálogo com outras áreas, a exemplo da defesa civil.

Esse processo vivenciado nos territórios nos desafiou a perceber que é necessário, neste momento de criminalização e ataque às minorias, reinventar nossa luta, retomando o trabalho de base em defesa da vida. É importante tomar posição e reconhecer os saberes e as práticas reivindicatórias, de resistência e de produção inovadora coletiva e comunitária. Ao mesmo tempo, é fundamental reforçar a importância da luta popular pela retomada dos territórios, cientes de que estamos enfrentando a mercantilização da água

e da terra pelos agentes econômicos dentro da sociedade capitalista. Não se pode perder de vista o que se conquistou na Convivência com o Semiárido, como a segurança alimentar e nutricional, assim como a defesa das comunidades originárias e tradicionais como exemplos importantes, dentre outras conquistas. Marcou também o desafio de atuação com as juventudes camponesas e das cidades para construção e troca de saberes, a partir das oficinas de arte e cultura na formação político-ideológica que se dá na luta popular e social.

Os territórios — o chão sagrado das comunidades — se mostraram, no percurso, como espaço de forças de resistências e de experiências alternativas em diversas frentes: agroecologia, saúde popular, meio ambiente, economia solidária, cultura local, dentre outras. Assim, ancorados em Milton Santos que nos ensinou que os territórios são vivos, potentes e cheios de potencialidades, nosso desafio é avançar na articulação dessas experiências e denunciar sempre os impactos dos megaprojetos nesse chão. Educandos/as têm o papel de partilharem em seus grupos, comunidades e territórios os conhecimentos apreendidos, seja no trabalho de base, seja nas lutas para fortalecer as resistências territoriais.

Por fim, o processo nos traz novas questões: *como olhar para esse leque de experiências estudadas? Como os movimentos e entidades podem articular suas aprendizagens? Como envolver as instituições de ensino e pesquisa?* São questões pertinentes que alimentam a continuidade do processo vivenciado, em novos e antigos coletivos, grupos de trabalho, redes, fóruns.

No contexto de destruição de nossa cultura, que tem como princípios fundamentais a democracia, justiça, solidariedade, igualdade e valorização da diversidade, sabemos da importância da Educação Popular em Saúde. Nessa perspectiva, o cuidado é um ato revolucionário, como canta o poeta Ray Lima: *cuidar do outro é cuidar de mim*; cuidar de mim é cuidar do mundo. Que sigamos cuidando de nossas articulações, da saúde, da vida e do Planeta!

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta.** 1. ed.; 1. reimp. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2013.

COSTA, L. A. da. et al. Estratégia Saúde da Família rural: uma análise a partir da visão dos movimentos populares do Ceará. **Rev Saúde Debate.** Rio de Janeiro, v. 43 n. especial 8, p. 36-49. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sdeb/a/8jK7WwBqCBRpBPcg8WNZyFM/?lang=pt. Acesso em: 13. ago. 2021.

DANTAS, V. L. de A. (org.) **Dialogismo e Arte na Gestão em Saúde:** A Perspectiva Popular nas Cirandas da Vida. Porto Alegre, RS: Rede Unida, 2020. 406 p.

ESCOREL, S. **Reviravolta na saúde:** origem e articulação do movimento sanitário. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999. 208 p.

FENNER, A. L. D. et al. **Saúde dos povos e populações do campo, da floresta e das águas:** a Fiocruz e sua atuação estratégica na temática de saúde e ambiente relacionada aos povos e populações do campo, da floresta e das águas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2018. 160 p. Disponível em: https://www.fiocruzbrasilia.fiocruz.br/wp-content/uploads/2019/02/07_saude_POVOS_final_.pdf. Acesso em: 26 out. 2022.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Relatoria da Unidade de Aprendizagem I.** Não publicado. Fiocruz-CE: Eusébio, jan. 2019a, 177 p.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Relatoria da Unidade de Aprendizagem III**. Não publicado. Fiocruz-CE: Eusébio, jun. 2019b, 134 p.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Relatório de Sistematização.** Não publicado Fiocruz-CE: Eusébio, out. 2019c, 12 p.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Relato do Encontro Interestadual.** Não publicado. Fiocruz-CE: Eusébio, out. 2019d. 48 p.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Relato do Encontro Regional de Sobral/Litoral Oeste.** Não publicado. Fiocruz-CE: Eusébio, out. 2019e, 28 p.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Relato do Encontro Regional do Sertão Central.** Não publicado. Fiocruz-CE: Eusébio, out. 2019f, 25 p.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Relato do Encontro Regional do Vale do Jaguaribe/Litoral Leste.** Não publicado. Fiocruz-CE: Eusébio, out. 2019g, 22 p.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 21. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. 112 p.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GIOVANELLA, L. et al. (orgs). **Políticas e sistemas de saúde no Brasil** [online]. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012. 1100 p. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Pol%C3%ADticas_e_sistema_de_sa%C3%BAde_no_Brasil/Is0VBgAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=inpublisher:%22SciELO+-+Editora+FIOCRUZ%22&printsec=frontcover. Acesso em: 26 out. 2022.

GRAGNOLATI, M.; COUTTOLENC, B.; LINDELOW, M. Twenty Years of Health System Reform in Brazil: An Assessment of the Sistema Unico de Saude. **Directions in Development**, Human Development. Washington, DC: World Bank, 13 out. 2013. Disponível em: https://elibrary.worldbank.org/doi/book/10.1596/978-0-8213-9843-2#Chapters. Acesso em: 26 out. 2022.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Coordenação de Geografia. **Classificação e caracterização dos espaços rurais e urbanos do Brasil:** uma primeira aproximação. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. 84 p. (Estudos e pesquisas. Informação geográfica, n. 11) Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100643.pdf. Acesso em: 26 out. 2022.

MERHY, E. E. **Capitalismo e a saúde pública: a emergência das práticas sanitárias no Estado de São Paulo**. 2. ed. Porto Alegre: Rede Unida, 2014. 149 p.

PESSOA, V. M.; ALMEIDA, M. M.; CARNEIRO, F. F. Como garantir o direito à saúde para as populações do campo, da floresta e das águas no Brasil? **Revista Saúde em Debate**. Rio de Janeiro, v. 42, n. 1, p. 302-314, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sdeb/a/KvG6XQP4YRDbNQm7fSK54DN/abstract/?lang=pt. Acesso em: 26 out. 2022.

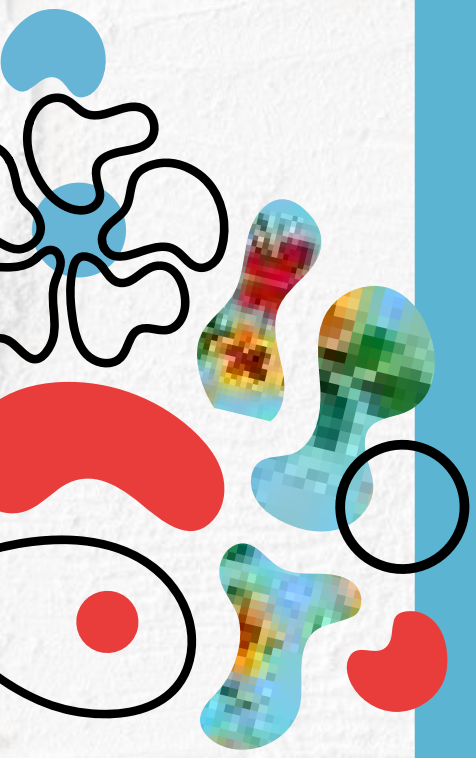
PULGA, V. L. et al. (org.). **Educação Popular, Equidade e Saúde:** Dispositivos pedagógicos e práticas lúdicas de aprendizagem na saúde: a caixa de ferramentas nas relações de ensino e aprendizagem. 1. ed. Porto Alegre: Rede Unida, 2020. 307 p.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro:** a formação e o sentido do Brasil. 3. ed. São Paulo: Global; 2015. 358 p.

ROSA, W. A. G.; LABATE, R. C. Programa saúde da família: a construção de um novo modelo de assistência. **Revista Latino-Americana de Enfermagem.** São Paulo, v. 13, n. 6 nov./dez. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692005000600016. Acesso em: 26 out. 2022.

SOUTO, L. R. F.; OLIVEIRA, M. H. B. Movimento da Reforma Sanitária Brasileira: um projeto civilizatório de globalização alternativa e construção de um pensamento pós-abissal. **Revista Saúde em Debate**, v. 40, n. 108, jan./mar. 2016. Disponível em: https://www.scielosp.org/article/sdeb/2016.v40n108/204-218/#. Acesso em: 26 out. 2022.

SOUZA, M. D. Orçamento da Saúde perdeu R$ 20 bilhões em 2019 por conta da Emenda do Teto de Gastos. **Brasil de Fato**, São Paulo, 21 fev. 2021. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2020/02/21/orcamento-da-saude-perdeu-r-20-bilhoes-em-2019-por-conta-da-emenda-do-teto-de-gastos. Acesso em: 26 out. 2022.



REALIZAÇÃO

Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Ceará

INSTITUIÇÕES, ENTIDADES, REDES, MOVIMENTOS SOCIAIS E POPULARES PARCEIROS

CETRA

Universidade Estadual do Ceará

ANEPS

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – Brasil

Cáritas Brasileira Regional Ceará

Instituto Federal Ceará

Rede Nacional de Médicas e Médicos Populares

UNILAB
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prefeitura de Fortaleza
Secretaria Municipal da Saúde

CPP
Conselho Pastoral dos Pescadores

RESSADH
Rede Saúde, Saneamento, Água e Direitos Humanos

APOIO

Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Ceará

SUS

Ministério da Saúde

Pátria Amada Brasil
Governo Federal

ISBN 978-65-5462-004-8